

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

VALÉRIA DE PAULA RIBEIRO FERREIRA

**ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM MUSEUS:
COLEÇÃO DE PIMENTA-DO-REINO DO MUSEU HISTÓRICO DA
IMIGRAÇÃO JAPONESA EM TOMÉ-AÇU/PARÁ**

Belém/PA
2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

VALÉRIA DE PAULA RIBEIRO FERREIRA

**ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM MUSEUS:
COLEÇÃO DE PIMENTA-DO-REINO DO MUSEU HISTÓRICO DA
IMIGRAÇÃO JAPONESA EM TOMÉ-AÇU/PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/ISCA/ UFPA como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Integrante dos Grupos de Pesquisa: Organização e Representação do Conhecimento e da Informação na Amazônia (GP ORCID-AMAZÔNIA) - CNPq. Organização e Representação do Conhecimento (GP GEORC) - CNPq.

Área de Concentração: Gestão da Informação e Organização do Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Organização e representação da informação.

Orientadora: Dr^a. Franciele Marques Redigolo.

Coorientadora: Dr^a. Alegria Célia Benchimol.

Belém/PA
2024

VALÉRIA DE PAULA RIBEIRO FERREIRA

**ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM MUSEUS:
COLEÇÃO DE PIMENTA-DO-REINO DO MUSEU HISTÓRICO DA
IMIGRAÇÃO JAPONESA EM TOMÉ-AÇU/PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/ISCA/UFGA
- área de concentração: Gestão da Informação e Organização do Conhecimento, linha de
pesquisa: Organização e representação da informação - para a obtenção do título de mestre em
Ciência da Informação.

Aprovado em: 17 de junho de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **FRANCIELE MARQUES REDIGOLO**
Data: 18/07/2024 23:13:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª. Franciele Marques Redigolo - Orientadora
Professora Assistente Doutora do Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de
Filosofia e Ciências, UNESP/ Marília.

Documento assinado digitalmente
 **ALEGRIA CELIA BENCHIMOL**
Data: 19/07/2024 12:32:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª. Alegria Célia Benchimol - Coorientadora
Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, PPGCI/
ICSA/ UFGA e do PPGDS/Museu Paraense Emílio Goeldi

Documento assinado digitalmente
 **GILBERTO GOMES CANDIDO**
Data: 19/07/2024 11:44:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gilberto Gomes Cândido - membro interno
Professor Adjunto na Faculdade de Arquivologia e do Programa de Pós - Graduação em Ciência
da Informação, PPGCI/ ICSA/ UFGA

Documento assinado digitalmente
 **ROSANGELA MARQUES DE BRITTO**
Data: 20/07/2024 08:06:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Rosângela Marques de Britto - membro externo
Professora do Instituto de Ciências da Arte (ICA/UFGA) e Programa de Pós-Graduação em
Artes do ICA/ UFGA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

- F383o Ferreira, Valéria de Paula Ribeiro.
 Organização e representação do conhecimento em
 museus : coleção de pimenta-do-reino do museu histórico da
 imigração japonesa em Tomé-Açu/Pará / Valéria de Paula
 Ribeiro Ferreira. — 2024.
 141 f. : il. color.
- Orientador(a): Profª. Dra. Franciele Marques Redigolo
 Redigolo
 Coorientação: Profª. Dra. Alegria Célia Benchimol
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
 Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-
 Graduação em Ciência da Informação, Belém, 2024.
1. Organização e representação do conhecimento. 2. Organização do conhecimento em museus. 3.
 Representação do conhecimento em museus. 4.
 Catalogação em museus - coleção pimenta-do-reino. 5.
 Museu histórico da imigração japonesa Tomé-Açu/PA. I.
 Título.

CDD 020

*Este trabalho é dedicado ao Rui da Silva Rodrigues (in memoriam), sou fruto da
semente que você plantou;
Ao mestre de obras Dimas Gomes Ferreira (meu Pai) e a dona de casa Maria da
Conceição Ribeiro Ferreira (minha Mãe) pela generosidade, apoio e
compreensão
durante essa jornada
acadêmica. Para minha avó paterna Evarista Gomes (in memoriam) que veio
tentar a vida com seus filhos em Tomé - Açu no auge do diamante Negro da
Amazônia. Sua garra, força e perseverança trouxe sua neta para completar um
ciclo de gerações.
À Milena Karoline Silva e Silva (minha prima/irmã) e a Yara (fruto do amor) que dará
sucessão na nossa linha de ancestralidade.*

AGRADECIMENTOS

A Yeshua pela sabedoria e conhecimento e pelo meu retorno a Universidade Federal do Pará, grata a Deus e a UFPA pela oportunidade pela minha formação, qualificação e crescimento pessoal. Obrigada, “mamãe” UFPA!

Meus agradecimentos ao corpo técnico e aos docentes do PPGCI/UFPA que trabalham em prol de um ensino público e de qualidade.

Aos meus amados pais, Dimas e Conceição, pela compreensão devido os momentos de ausência durante essa jornada. Não foi fácil abrir mão dos momentos de convivência familiar para se dedicar aos estudos.

Ao Mário Lima Júnior e Edvaldo Wellington, meus verdadeiros amigos, desde da época de concurso público e agora seleção do mestrado vocês foram meu impulso neste processo. Mário, obrigada pelas dicas, incentivos e conversas, muita troca ideias, trocas de materiais, envio material para outro que nasceu a minha proposta de pesquisa. Ao Edvaldo, meu irmão, parceiro de caminhada desde da UNAMA que não me deixou desistir da carreira e atualmente somos colegas de UFPA, meu “irmão mais velho”, sempre com todo empurrão e incentivo para a concretização dessa etapa que se finaliza.

Ao meu grande amigo, Antônio Pimenta, que esteve comigo desde o processo seletivo com as traduções dos textos e até o final desta etapa com seu olhar profissional de letras e de língua inglesa.

Não poderia deixar de agradecer minha orientadora, Franciele Marques Redigolo, por toda paciência, carinho e ensinamentos durante todo esse processo. Tudo foi muito novo para mim e você sempre esteve ali de mãos dadas conduzindo, orientando, dando uma palavra, um direcionamento e conforto. Minha eterna gratidão por tudo, pela oportunidade (que sonhei) e por acreditar em mim e na minha pesquisa. Hoje tenho uma outra perspectiva de vida, graças ao desenvolvimento como pesquisadora que você teve todo o carinho e afeto para conduzir.

Aqui também registro meus agradecimentos à minha coorientadora, Alegria Benchimol, pelo aceite e apontamentos e direcionamentos durante essa pesquisa que foi de suma importância para a apropriação das questões interdisciplinares entre os campos pesquisados.

Aos membros da banca Prof. Gilberto Gomes Cândido e Prof.^a Rosângela Marques de Brito pelos apontamentos e olhares que permitiram ampliar a perspectiva desta pesquisa.

A ACTA (Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu) ao Sr. Mauro Jun Matsuzaki e Sr. Shibata pela recepção nos momentos de pesquisa. E a Sr^a. Haruko e Sr^a Francisco Sakaguchi que foram os primeiros moradores que conheci e me acolheram nesta região.

Aos demais amigos Antônio Pimenta, Jocylene Rodrigues, Alessandra Dias e Taíssa Martins, Adriano Bicioni, Bianca Dias, Aline Nascimento, Ellem Santos e Lisonete Lira que presenciaram os momentos da vida de uma mestrandia.

Agradecimento especial aos meus colegas de turma: Renata Cortinhas, gratidão por toda amizade desde da época de UFPA foi um prazer dividir as brincadeiras, alegrias e desafios do mestrado com você. E ao Murilo Baía, obrigada pelas vezes que fostes meu ouvido e consolo, sua fé e perseverança me fortaleceram durante essa caminhada, sem fé jamais chegaria aqui.

Não poderia esquecer do Josué Carvalho e Elielson Pereira pelas oportunidades como pesquisadora e técnica no campus da UFRA/TMA por meio do desenvolvimento dos projetos, avaliações e participações em bancas de TCC's com vocês, meus companheiros, divido o sentimento de conquista coletiva desse mestrado. Deixei para o final a Cláudia (minha irmã de pesquisa) pois sei que não foi fácil lidar com milhões de ideias da minha cabeça, leituras, mensagens, anotações e os desesperos das provas, trabalhos e seminários. Sou grata a Deus pela sua amizade e sua vida.

Agradeço ao Renato Rodrigues que presenciou as ausências, negações e alterações de humor, foram dois anos de “não posso, tenho prazo no mestrado”, agradeço também a sua família que me acolheu no município de Tomé-Açu.

E por fim, agradecer aos ensinamentos da Prof^a Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, que nos deixou este ano. Toda minha admiração, carinho e afeto, pois sempre sonhei em ser sua aluna e este sonho foi possível no PPGCI/UFPA. Suas contribuições com as pesquisas e questões interdisciplinares entre a Ciência da Informação e Museologia foram base fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -Relações pluri/multi/inter/transdisciplinares no âmbito da informação	29
Figura 02 - Linha do tempo com iniciativas de descrição em documentação museológica	54
Figura 03 -Exemplo de ficha catalográfica: livro	65
Figura 04 -Ficha catalográfica do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará	66
Figura 05 -Esquema da categoria de análise	87

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01 - Entrada do Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu	78
Foto 02 - A - Coleção história; B - Coleção estilo de vida/ cultura	80
Foto 03 - Coleção da Pimenta-do-Reino em MHIJ/TMA	82
Foto 04 - Exposição da coleção permanente da da Pimenta-do-Reino no MHIJ/TMA	83
Foto 05 - Hawai Maru no dia da partida do porto de Kobe (1933)	112
Foto 06 - Viajando no Barco Universal II da CAMTA (1953)	113
Foto 07 - Etiqueta de informação do objeto da Pimenta-do-Reino branca e preta	117
Foto 08 - Etiqueta Saco de Juta	117
Foto 09 - Coletânea "O que é Pimenta-do-Reino?"	121
Foto 10 - Cultivo da Pimenta-do-Reino	121
Foto 11 - Beneficiamento da Pimenta-do-Reino	122
Foto 12 - Circulação da Pimenta-do-Reino	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Relação entre os objetivos e os conteúdos da pesquisa	19
Quadro 02 - Especificidades da catalogação em bibliotecas e museus	61
Quadro 03 - Nomenclaturas das fichas descritivas na literatura	61
Quadro 04 - Regras, Parte I do AACR2	63
Quadro 05- Regras, Parte II do AACR2	64
Quadro 06- Grupos e Categorias de Informação do CIDOC	68
Quadro 07- Etapas do procedimento metodológico de pesquisa	71
Quadro 08- Trabalhos recuperados na BRAPCI	73
Quadro 09- Trabalhos recuperados no Google Acadêmico, na primeira page	73
Quadro 10- Trabalhos recuperados no OASIS BR	75
Quadro 11- Universo da pesquisa das coleções no museu	80
Quadro 12- Objetos e quantitativos da coleção da Pimenta-do-Reino	83
Quadro 13- Construção das categorias de análise	87
Quadro 14- Dados iniciais da ficha catalográfica em comum a todos os itens	88
Quadro 15- Segunda parte da ficha catalográfica para as obras da coleção do MHIJ/TMA	88
Quadro 16- Parte em comum na categoria Fotografia	93
Quadro 17- Ficha catalográfica, Fotografia, n. 01	94
Quadro 18- Ficha catalográfica, categoria Fotografia, n.02	96
Quadro 19- Parte em comum na categoria Objeto	100
Quadro 20- Ficha catalográfica, Objeto Tridimensional n. 01	100
Quadro 21- Ficha catalográfica, categoria Objeto Tridimensional n.02	103
Quadro 22- Parte em comum na categoria Quadro	105
Quadro 23- Ficha catalográfica, categoria Quadro n. 01	106
Quadro 24- Ficha catalográfica, categoria Quadro n. 02	108

LISTA DE SIGLAS

Arpanet -	Advanced Research Projects Agency Network
ACTA -	Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu
AACR2	Anglo American Cataloging Rules
BRAPCI -	Base de dados referenciais de artigos de periódicos em Ciência da Informação
CI -	Ciência da Informação
CIDOC -	Comitê Internacional de Documentação
IBICT -	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBM -	International Business Machines Corporation
IBRAM -	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
ISAD(G)-	Norma geral internacional de descrição arquivística
ISBD-	International Standard Bibliographic Description
ISKO	International Society for Knowledge Organization
GOOGLE Acadêmico -	Mecanismo virtual de pesquisa de acesso aberto com textos completos
PNM -	Política Nacional de Museus
LIS -	Library and Information Science
MEMEX -	Memory Extender
MHIJT/TMA-	Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/PA
MPEG -	Museu Paraense Emílio Goeldi
MIHGP -	Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará
OC -	Organização do Conhecimento
OI -	Organização da informação
OIC -	Organização da informação e do conhecimento
ONU -	Organização das Nações Unidas
ORC -	Organização e representação do conhecimento
RC -	Representação do conhecimento
RI -	Representação da informação
PPGCI -	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
SAF's -	Sistemas Agroflorestais
SOC -	Sistemas de organização do conhecimento
SRI -	Sistema informatizado de recuperação da informação
UFF-	Universidade Federal Fluminense
UFRJ -	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	APORTES TEÓRICOS ENTRE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E MUSEOLOGIA	21
2.1	Questões interdisciplinares entre a ciência da informação e a museologia	22
2.1.2	Relações interdisciplinares da museologia por com as áreas afins: biblioteconomia e arquivologia	28
2.2	Apontamentos da organização do conhecimento e representação do conhecimento na ciência da informação	31
2.3	Informação, objeto e documentação	35
2.3.2	Informação	35
2.3.2	Objeto	38
2.3.2	Documentação	40
3	A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO EM MUSEUS SOBRE O OLHAR DA CIÊNCIA INFORMAÇÃO	44
3.1	Museus e seu papel na sociedade: espaço de memória, pesquisa e informação	44
a.	Museus e memória	47
b.	Museus e pesquisa	48
c.	Museus e informação	50
3.2	Organização do conhecimento: uma análise para museus	53
3.2.1	Representação do conhecimento por meio de Fichas Catalográficas	58
4	METODOLOGIA	70
4.1	Pesquisa bibliográfica	72
4.2	Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/Pará	76
4.3	Universo da pesquisa	79
4.4	Corpus da Pesquisa	81
4.5	Coleta de dados	85
4.6	Elaboração das categorias de análise	86
4.7	Forma de análise dos dados	89
5	ANÁLISE DOS DADOS	93
a)	Análise da categoria: fotografia	93
b)	Análise da categoria: objeto tridimensional	100
c)	Análise da categoria: quadro	105
6	DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS	112
a)	Análise de discussões das fichas catalográficas: fotografia	112
b)	Análise de discussões das fichas catalográficas: objeto tridimensional	115
c)	Análise de discussões das fichas catalográficas: objeto quadro	119
6.1	Síntese da discussão geral dos resultados	124
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
	REFERÊNCIAS	130

RESUMO

Introdução: A proposta de pesquisa visa dialogar a respeito da temática da organização e representação do conhecimento em museus, na abordagem da Ciência da Informação, nas coleções museológicas. Os objetos museológicos, por sua vez, pertencem ao contexto do patrimônio museológico e de documentação museológica. **Problematização:** Como ocorre a organização e representação do conhecimento nos objetos museológicos da coleção permanente Pimenta-do-Reino no Museu da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/Pará. **Justificativa:** Apresentar propostas de organização e representação do conhecimento na coleção permanente da Pimenta-do-Reino em decorrência da significância histórica, cultural e social da região a partir da chegada dessa especiaria na região por meio dos imigrantes japoneses no estado do Pará. **Metodologia:** Essa pesquisa é de caráter descritivo, foram realizadas visitas técnicas ao local, levantamento bibliográfico e investigação sobre a temática, baseou-se em diretrizes de documentação em museus e ferramentas de representação temática e descritiva usadas em outras áreas como a Biblioteconomia, devido o diálogo interdisciplinar entre as áreas. **Resultados:** Elaboraram-se modelos de fichas de catalogação para três categorias de objetos museológicos da coleção permanente da Pimenta-do-Reino com campos de descrição e contextualização do objeto, seguido das normativas do Anglo American Cataloging Rules (AACR2) e as Diretrizes da Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos (CIDOC). **Conclusão:** A prática de catalogação adotada em bibliotecas é uma prática viável com os objetos museológicos, pois dentro da sua estrutura, há capítulos e regras que podem ser adaptadas para museus, onde o profissional da informação pode conduzir esse procedimento no museu. A importância da análise da coleção pimenta-do-reino vai além do critério de exposição, esse recorte traz consigo a memória, cultura, representatividade e identidade da comunidade japonesa no estado do Pará, o “boom” da Pimenta-do-Reino se relaciona a questão do desenvolvimento do município de Tomé-Açu/Pará. Sugere-se pesquisas e estudos de organização e representação do conhecimento que auxilie no desenvolvimento e aprimoramento de modelos fichas de catalogação viáveis para cada categoria de objeto museológico, atendendo às especificidades de representação de cada item de acordo com seu significado na coleção para a comunidade.

Palavras-chave: Organização e representação do conhecimento; organização do conhecimento em museus; representação do conhecimento em museus; catalogação em museus; museu histórico da imigração japonesa Tomé-Açu/PA; coleção pimenta-do-reino.

ABSTRACT

Introduction: The research proposal aims to discuss the organization and representation of knowledge in museums, from the perspective of Information Science, on museum collections. Museum objects, since, belongs to the context of museum heritage and museum documentation. **Problematization:** How is knowledge organized and represented in the museum objects of the museum documentation in the Pimenta-do-Reino permanent collection at the Museum of Japanese Immigration in Tomé-Açu/Pará? **Justification:** To present proposals for the organization and representation of knowledge in the permanent collection of Pimenta-do-Reino due to the historical, cultural and social significance from the region following the arrival of this spice in the region by Japanese immigrants in the state of Pará. **Methodology:** This research is descriptive in nature, as technical visits were made to the site, as well as a bibliographic survey and investigation into the subject, based on museum documentation guidelines and thematic and descriptive representation tools used in other areas such as Librarianship, due to the interdisciplinary dialog between the areas. **Results:** Models of cataloguing sheets were drawn up for three categories of museum objects from the Pimenta-do-Reino permanent collection, with fields for describing and contextualizing the object, followed by the Anglo American Cataloging Rules (AACR2) and the Guidelines of the Declaration of Principles of Documentation in Museums and International Guidelines for Information on Objects (CIDOC). **Conclusion:** The cataloging practice adopted in libraries is a viable practice with museum objects, because in its structure, there are chapters and rules that can be adapted for museums, where the information professional can conduct this procedure in the museum. The importance of analyzing the black pepper collection goes beyond the exhibition criteria. This section brings the memory, culture, representativeness and identity of the Japanese community in the state of Pará, and the black pepper boom is related to the development of the municipality of Tomé-Açu/Pará. Research and studies about the organization and representation of knowledge are suggested help to develop and improve viable cataloguing models for each category of museum object, taking into account the specific representation of each item according to its significance within the collection for the community.

Keywords: Organization and representation of knowledge; organization of knowledge in museums; representation of knowledge in museums; cataloguing in museums; historical museum of Japanese immigration Tomé-Açu/PA; black pepper collection.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está relacionada à temática da organização e representação do conhecimento em museus, a partir da análise da coleção permanente Pimentado-Reino, disposta no Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu-PA (MHIJ/TMA). Observando a importância do museu como instituição cultural, social, memória e como promotor de serviço de informação na região nordeste do estado do Pará. A pesquisa segue a abordagem sobre a organização e representação da informação e suas nuances na questão do tratamento informacional (organização e representação da informação) e seus desdobramentos na representação descritiva e temática dos objetos museológicos.

Além do gerenciamento, recuperabilidade e uso da informação, assim como na possibilidade do desenvolvimento, planejamento e execução de sistemas e ferramentas de organização do conhecimento em museus. Parte-se do escopo teórico da organização do conhecimento na área da ciência da informação (CI) para a compreensão dos processos descritivos e temáticos utilizados como maneiras de organização e representação da informação na CI. E como essas podem ser utilizadas ou adaptadas em coleções museológicas e conseqüentemente a recuperação da informação pelo usuário.

Araújo (2011) descreve que o nascimento da Ciência da Informação decorre da produção e comunicação informacional tanto em aspectos epistemológicos quanto institucionais. No momento, epistemológico, a CI direciona o foco em estudo relacionado ao processo de busca, transferência, tratamento da informação no contexto das demais diferentes instituições como: universidades, centros de pesquisa, bibliotecas, arquivos, museus, empresas entre outros institutos que produzem os mais variados tipos de informação física ou digital.

Segundo o autor acima, a relação da Ciência da Informação e o campo da Museologia, é importante o conceito de interdisciplinar, o percurso histórico da CI e as relações teóricas entre os campos do conhecimento que realizam a intersecção entre os campos de estudos. E como tais dialogam pelas práticas, conceitos e perspectivas entre a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia, perpassando entre o conhecimento e saberes de ambas as áreas (Araújo, 2011).

Pinheiro (2012) realizou uma pesquisa com a análise de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal

Fluminense (UFF) e a questão da interdisciplinaridade da Museologia e a Ciência da Informação. E aponta o aspecto de informações em museus, é direcionada para as questões sobre: informações em arte, sistemas e redes de informação e representação de objetos museológicos. Segundo a autora, as relações teóricas entre Ciência da Informação e Museologia se apresentam através das abordagens, aplicações, aspectos técnicos, operacionais, acadêmicos e tecnológicos.

Na concepção de Hjørland (2016), a Organização do Conhecimento se dedica à pesquisa, ensino e práticas ligadas à Biblioteconomia e à Ciência da Informação. A OC é responsável pela parte de descrever, representar, arquivar e organizar os documentos e suas representações, disponibilizando a informação e direcionando as regras e padrões, como, por exemplo: sistemas de classificação, listas de cabeçalhos de assuntos e tesouros.

Lima (2015?) descreve a Organização do Conhecimento com embasamento teórico nas pesquisas onde a Classificação é derivada dos estudos Biblioteconômicos, sendo a teoria e prática da classificação parte dos pilares de estudos e pesquisas da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Para Barité (2015), a Organização do Conhecimento, nada mais é que, o campo responsável pelos estudos e pesquisas relacionadas às leis, princípios e procedimentos de áreas específicas cujo objetivo é proporcionar o alcance da representação temática da informação, por sua vez, possibilita a recuperação das informações por meios que forneçam as informações que satisfaçam a necessidade dos usuários.

A informação das coleções musealizadas é algo vasto e parte dos trâmites como: aquisição da peça, as intervenções de restauração, exposições, empréstimos, conservação e entre outros fatores e ao longo do percurso da organização das informações para fins de tratamento das documentações em museus, observa-se serem registradas de várias formas as informações, como: as fichas de catalogação com informações do histórico da peça (autoria/fabricante, material de qual é composto, estado de conservação procedência; origem, etc.), sistema informatizado de recuperação da informação (SRI), relatórios, banco de imagens, anotações em cadernos, todavia a ficha catalográfica o principal instrumento de organização e busca da informação (Louvisi, 2014).

A organização e o tratamento de informação em museus é algo em menor representatividade, porém existente na documentação museológica, comparado às áreas correlatas como a Biblioteconomia e Arquivologia, discorrem sobre essas

práticas e fazeres no cotidiano de seus fluxos informacionais, e estas duas áreas discorrem sobre OC e se aproximam da museologia pelas relações no aspecto filosófico e epistemológico (Ceravolo; Tálamo, 2020).

Para Lena Vânia Pinheiro (1995) e Carlos Araújo (2010), as áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia são áreas correlatas no campo de estudos e processos. Como isso, podemos também considerar as aproximações com a Organização do Conhecimento.

Segundo Loureiro, Loureiro e Silva (p.4, 2008): “Ao pensar os museus como espaços de informação, está implícita a função documental dos objetos que integram suas coleções. A noção de documento inscreve-se invariavelmente na construção e utilização museológica dos objetos”. Ou seja, na museologia, o conceito de informação não está ligado apenas ao conceito documental e sim aos significados e representações dos objetos ao usuário, ao público e à comunidade.

Nessa perspectiva da importância e relevância do objeto museológico, no pensar do aspecto informacional para além da guarda dos itens museais e sim em outras questões como a memória, relacionando o homem com o patrimônio cultural e histórico, acompanhados das funções tradicionais de conservação, integração e transformação da sociedade.

Entretanto, a prática de museus tem o foco no objeto musealizado, porém os autores chamam a atenção ao objeto museu:

A tradição museológica centrada no objeto, em seu culto subjetivo e aurificante, passa a desenvolver um padrão documental em sintonia com os princípios da sacralização. Comporta-se como se o objeto falasse por si só ou seu valor museal contivesse todo seu significado, não refletindo sua dimensão de documento cultural, referência que lhe dá a inserção sociocultural. Ao realizar a análise informacional que precede a documentação, suas categorias limitam-se às suas características físicas, procedência, dimensões, técnica e autoria(Castro, 1999, p.24).

Paula e Silva (2019) já mencionam as questões sobre o desenvolvimento de métodos de armazenamento e disseminação da informação, nas áreas do conhecimento e pesquisa que envolvem a Ciência da Informação (CI). Juntamente com a Museologia, buscando maneiras de produzir, organizar, armazenar e recuperar a informação e permitindo o acesso à informação das coleções por meio da documentação museológica.

Importante a reflexão na diversidade de registros e suportes do meio informacional e não excluir a existência tipológica, categorização e a função um do

outro, o registro textual atinge uma importância no meio da comunicação eletrônica e no meio da organização e representação da informação por dispor de significados.

Nas mandalas interdisciplinares da CI, precisamente a segunda mandala, Pinheiro (2018), aponta o núcleo básico de “Representação da Informação” com o apoio nas áreas como a Filosofia, Linguística, Museologia, Arquivologia e Biblioteconomia e tais similaridades se cruzam como, por exemplo, é exposto pelo Instituto Brasileiro de Museus: “Os sistemas de documentação museológica equivalem aos que, em Biblioteconomia e na Ciência da Informação, recebem a denominação de sistemas de recuperação de informação”.

Em que apontam Vasconcellos, Funari e Carvalho (2015) apontam que o desafio no contexto museológico, na metade do século XX, é tornar as coleções dos museus acessíveis e promover a democratização entre seus usuários. Logo, a organização do conhecimento é importante no processo de organização e representação da informação em museus (análise e representação da informação museológica) ao adotar uma metodologia de organização da informação nos bens musealizados. O IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) faz recomendações e adota normativas técnicas para o tratamento da informação museológica (Brasil, 2023).

Diante disso, surge o *problema de pesquisa*: como e se existe a organização e representação do conhecimento aplicada nos objetos museológicos da coleção de Pimenta-do-Reino no Museu da Imigração Japonesa em Tomé-Açu-Pará? Parte-se do entendimento da CI como uma área interdisciplinar e seus subsídios na perspectiva da organização e representação do conhecimento, reflete-se qual a metodologia de organização e representação é utilizada nos objetos museológicos e disponibilizadas no museu e como se encontram dispostas as coleções; e como os objetos estão representados; qual(is) critério(s) ou normativa(s) utilizada (s) em museu(s) visando atender a necessidade informação dos visitantes e pesquisadores.

Para contextualizar o problema da pesquisa no tema da organização e representação do conhecimento, busca-se:

- a. fundamentação teórica e metodológica da área da ciência da informação com enfoque na organização e representação do conhecimento para a análise das coleções museais;
- b. apontar fundamentos, procedimentos ou normativas utilizadas na organização e representação do conhecimento em documentação em museus;
- c. aspectos inerentes às práticas de organização e representação da informação em documentação museológica.

A pesquisa tem como *justificativa* a importância do museu para a comunidade local e região, visto que o município de Tomé-Açu-PA. O local abriga a terceira maior colônia japonesa do Brasil, mantendo sob a sua guarda, objetos e produções históricas que auxiliam na preservação, memória, identidade, cultura e na compreensão do processo histórico e social da região a partir da chegada destes imigrantes.

Além de ser uma fonte de pesquisa primária para os pesquisadores, comunidade local e demais interessados sobre a cultura e a chegada dos imigrantes no estado do Pará.

Inicia-se sobre a reflexão de questões relacionadas sobre a importância da representação do conhecimento para o acesso, o uso e a recuperação da informação no museu, assim como os arquivos e bibliotecas. Logo, para tais informações museológicas serem disponibilizadas aos usuários precisam de técnicas gerais e especializadas que proporcionem a organização e representação do conhecimento e posteriormente a recuperação da informação (RI) de maneira eficaz e a identificação do objeto museológico da coleção pesquisada.

A *motivação* para a realização desta investigação, partiu do conhecimento da existência museu e a visitação do seu espaço na sede da ACTA (Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu), e observando-se que o espaço museológico descreve a história da chegada dos imigrantes japoneses ao estado do Pará (Homma, 2016).

O espaço contém uma diversidade de bens museais que é um aporte no sentido de resgate da memória, investigação, interpretação e preservação cultural, auxiliando na compreensão da formação histórica, econômica, cultural e social da região.

Faz-se importante a identificação do conjunto de elementos descritivos e temáticos da documentação museológica que representam os atributos dos objetos informacionais para o acesso e a disseminação da informação entre os usuários. Diante do problema da pesquisa e sua justificativa se propõem como *objetivo geral*: analisar a organização e representação do conhecimento aplicado no tratamento informacional dos objetos museológicos da coleção de Pimenta-do-Reino no Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu-PA, seguido dos *objetivos específicos*:

a. Apontar a organização, a representação do conhecimento e suas aplicabilidades na museologia com a perspectiva da Ciência da Informação;

b. Demonstrar a organização e representação do conhecimento em museus.

c. Descrever a organização e representação do conhecimento nos objetos na coleção Pimenta-do-Reino do Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu-PA, para fins de memória, representatividade e identidade da comunidade japonesa no estado do Pará.

O procedimento metodológico da pesquisa envolve o levantamento bibliográfico, com a busca de materiais que abordem as temáticas do trabalho e pesquisa de campo, obtendo informações sobre a coleção pesquisada do museu e observando qual(is) o(s) critério(s) de organização e representação da informação utilizado nos objetos.

Quadro 01 - Relação entre os objetivos e os conteúdos da pesquisa

CAPÍTULOS	CONTEÚDO
1 INTRODUÇÃO	Problema e justificativa, objetivo, objetivo geral, objetivo específico, procedimento metodológico e estrutura da dissertação.
2 APORTES TEÓRICOS ENTRE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E MUSEOLOGIA	Apontar a organização a representação do conhecimento e suas aplicabilidades na museologia com a perspectiva da Ciência da Informação.
3 A ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO EM MUSEUS	Demonstrar a organização e representação do conhecimento em museus.
4 METODOLOGIA	Descrever a organização e representação do conhecimento nos objetos do Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/PA, para fins de memória, representatividade e identidade para a comunidade japonesa no estado do Pará
5 DISCUSSÕES	Discussões acerca da organização e representação do conhecimento aplicado ao tratamento informacional dos objetos da coleção museológica da pimenta-do-reino no Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/PA.
6 ANÁLISES	Analisar a organização e representação do conhecimento aplicado ao tratamento informacional dos objetos da coleção museológica da pimenta-do-reino no Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/PA
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	Apontamentos e sugestões

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Esta pesquisa está estruturada em seções, como se observa no *quadro 1*, sendo a primeira seção composta pela *introdução* que apresenta o tema proposto, a delimitação do problema, a justificativa, objetivo geral e objetivos específicos, bem como esta seção que expõe a composição da dissertação. Seguido da segunda

seção *aportes teóricos entre ciência da informação e museologia*, que trata das questões teóricas e interdisciplinares entre a ciência da informação e a museologia; o que é informação, objeto e documentação na CI e os diálogos entre a ciência da informação e museologia para a organização e representação do conhecimento.

A terceira seção trata do referencial teórico composto pela *organização e a representação do conhecimento em museus*, com questões relacionadas à organização do conhecimento em museus com subsídios teóricos e interdisciplinares da ciência da informação. Seguido pelas seções secundárias: “Museus e seu papel na sociedade: espaço de memória, pesquisa e informação” e “Organização do conhecimento: abordagens teóricas para museus”.

Na quarta seção, aborda-se a *metodologia* da pesquisa, em que são apresentados os procedimentos metodológicos, partindo do levantamento bibliográfico, coleta de dados para a análise da organização e representação do conhecimento na coleção da pimenta-do-reino do museu.

A quinta e sexta seção são compostas da *análise e discussão dos resultados*, são explanados os resultados obtidos com a pesquisa e as discussões embasadas na literatura e na proposta de organização. A sétima e última seção exhibe as *considerações finais* e a finalização desta dissertação é com as *referências* utilizadas, seguida dos anexos.

2 APORTES TEÓRICOS ENTRE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E MUSEOLOGIA

Esta seção aborda as relações da ciência da informação com a museologia, por meio das ligações interdisciplinares entre os campos, que originam variadas pesquisas nesses campos do conhecimento em aspectos teóricos, metodológicos e nas atividades práticas.

Buscou-se a compreensão de conceitos em informação, do objeto e documentação em ambos os pontos de vista dos campos, seguido dos conceitos sobre organização do conhecimento, representação do conhecimento, histórico da organização.

Discorre-se sobre a OC relações interdisciplinares com atividades praticadas no âmbito das organizações desenvolvidas em bibliotecas e museus, no quesito de normas para descrição e gerenciamento de coleções.

2.1 Questões interdisciplinares entre a ciência da informação e a museologia.

Para fins de entendimento entre os campos da ciência da informação e a museologia, recorreu-se às relações históricas entre os campos por meio do conceito de interdisciplinaridade apontados pelos teóricos Japiassu (1976), Olga Pombo (2006) e Lena Vânia Ribeiro Pinheiro (1999).

Por ser um trabalho direcionado para análise da organização e representação do conhecimento das documentações em coleções museológicas, é importante que, diante desse contexto, entre os campos de pesquisa como o conceito de objeto, de informação e da documentação. Na sequência, se discorre da organização e representação do conhecimento e suas perspectivas em espaços museológicos.

As primeiras definições sobre a temática da ciência da informação (CI) ocorreram em meados dos anos de 1960 (Souza, 2012), período marcado por fatos históricos, culturais, científico e tecnológicos, como: o desenvolvimento do primeiro chip de computador pela IBM (International Business Machines Corporation); no Brasil pela primeira transmissão de TV Tupi em cores; a criação da Arpanet (Advanced Research Projects Agency Network) “embrião da internet”; a construção do muro de Berlim e o mundo em clima de Guerra Fria.

A partir da década de 1960, foram realizadas pesquisas caracterizando, conceituando e desenvolvendo estudos em uma área interdisciplinar chamada de Ciência da Informação através do Georgia Institute of Technology. Tal ciência apresentaria a informação como seu núcleo de pesquisa e com enfoque voltado para o comportamento, propriedade, fluxo, processo de informação que circunda a sociedade (Souza, 2012).

Vannevar Bush, o pioneiro na área da computação, em seus escritos de 1945, descreve o Memex (Memory Extender), um dispositivo que seria capaz pelo armazenamento, guarda e consulta de dados. Com essa ideia, Bush, objetivava o armazenamento de dados mecanizados, dando início à ideia que conhecemos hoje como hipertexto (Kripka; Viali; Lahm, 2016).

A contextualização dos debates e os entendimentos da CI nesse período descrito (Era da explosão informacional) destaca o problema do boom informacional que ocasionaria o aumento demasiado na produção de informação remetendo ao questionamento: como solucionar o armazenamento e fluxo dos registros, das informações produzidas pelo avanço da ciência e tecnologia? (Saracevic, 1996).

Em virtude do mundo lidar diretamente com a produção de informação, seja ela física ou virtual, o aumento do fluxo informacional de maneira repentina necessitou de um investimento em novas tecnologias que pudessem gerenciar, tratar, representar a informação e atingir o objetivo geral da disponibilização da informação ao usuário final.

Pinheiro e Loureiro (1995), corroboram as proposições dos autores Souza (2012) e Saracevic (1996). Ambos descrevem a trajetória da CI por meio do percurso histórico advindo do período pós-guerra, logo, no período da Guerra Fria, é o marco do desenvolvimento do fluxo informacional. A informação é o insumo do progresso econômico juntamente com o avanço da ciência e tecnologia. Porém, somente na década de 60 se iniciam os primeiros conceitos, definições e debates sobre origens e fundamentos das teorias sobre a CI. A trajetória do percurso da CI é descrita a partir de marcos (Pinheiro, Loureiro, 1995):

- Estudiosos como Wellish descreve a aparição do termo ciência da informação pela primeira vez no ano 1959 e delimita o conceito da CI para o estudo do conhecimento registrado e transferência de maneira ampla;
- No Georgia Institute of Technology, em 1962, é debatido em conferência a formação de especialistas que se dedicam ao estudo de uma ciência que trata do armazenamento e recuperação de informação.

- Mikhailov, Chernyi e Milhareus, em 1966, na cidade de Moscou, apresentaram o trabalho que receberia o nome de Informática, nome dado para a teoria da informação científica que simboliza as pesquisas de CI na linha soviética.
- Em 1967, Rees e Saracevic, na conferência da Special Libraries Association, apresentam o conceito de CI como o “estudo dos fenômenos da comunicação e das propriedades dos sistemas de comunicação”;
- Borko e seus pensamentos acerca da CI consideram a CI como uma área dedicada à investigação das propriedades e do comportamento informacional ligados à utilização, a transmissão, o processamento, a armazenagem e a recuperação da informação.

A CI é definida como um campo que engloba tanto a pesquisa científica quanto a prática profissional, pelos problemas que propõe e pelos métodos que escolheu, ao longo do tempo, para solucioná-los. A definição de CI como um campo emergiu no início dos anos 60, e as discussões feitas nessa época foram sintetizadas por Borko (1968), que afirmou que “CI é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar”.

Desde então, a CI desenvolveu um corpo organizado de conhecimentos e competências profissionais ligados às questões informacionais, permitindo melhor compreensão para um rol de problemas, processos e estruturas associados ao conhecimento, à informação e ao comportamento humano, frente à informação (Saracevic, 1996).

A partir desses conceitos e da trajetória histórica da CI, se sabe que as pesquisas desta ciência surgiram no século XXI, com apontamentos e características do campo interdisciplinaridade e dispondo da informação como objeto de pesquisa. A informação, por sua vez, é o elemento presente na sociedade e engloba diversas áreas do conhecimento na próxima seção, haverá as relações de áreas que dialogam com a CI.

O boom informacional e o surgimento da internet foram fatores que contribuíram para a formação do campo de estudo e consolidação da CI como ciência. A partir dos seus princípios de pesquisa, como o foco no fluxo da informação, do comportamento informacional, da análise do processo de informação desde a sua produção até o seu destino, que é satisfazer a necessidade do usuário final. Para fazer as relações entre os campos da museologia e a CI, recorre-se ao percurso histórico, conceitos e as relações entre as áreas.

Araújo (2012), ao tratar de colecionismo e museografia, aponta que o surgimento das escolas museológicas e o conceito da palavra “museu”, é advindo do grego *mouseion* — templo voltado para as Musas — período da Antiguidade Clássica. Discorrem-se dos papéis dos museus no século XVI e XIX, como instituições de integração cultural e aculturação da cultura popular no século XIX.

O processo curatorial apresenta uma leitura de museu contemporâneo e há um pensamento de que os museus estavam distantes da sociedade por um motivo de exclusão social, ou pela ideia do museu ser um lugar para alguns que por vezes exclui o popular.

Dos últimos 30 anos para cá, isso vem se modificando graças às mudanças das ciências sociais e à quebra de paradigmas de um museu tradicional para um museu emergente que já tem a preocupação com o público (Cury, 2011). Na época romana, uma característica marcante dos museus são as ações voltadas para o colecionismo: “(...) a ação humana de selecionar, entre os diversos valores estético, histórico, político ou mesmo exótico, de raridade” (Araújo, 2012, p. 32). Lopes (2009) corrobora a ideia dos museus ligados ao fenômeno social do colecionismo.

Segundo Brandão, Landim (2011) descreve que os museus são importantes na sociedade e a origem dos museus advém da cultura do colecionismo da Europa, e é no período do renascimento italiano que surge a busca por objetos antigos, dando esse caráter museal. Logo em seguida, os museus representam o ápice da tradição dos museus com os gabinetes de curiosidades e a museologia origina-se das relações com outros campos do conhecimento para atender o desenvolvimento dos métodos e processos de musealização.

A museologia é uma ciência em ascensão de desenvolvimento, faz parte das ciências sociais e humanas, que tem como objeto (ou o artefato) profundas relações entre o homem e o objeto no espaço institucionalizado do museu. A museologia é “ciência do museu” e das relações com a sociedade e da relação do homem com o objeto (Guarnieri, 2020).

Para Cunha (2008, p. 225), a museologia seria “(...) *museology* arte hist conjunto de conhecimentos científicos e técnicos aplicados à conservação, classificação e gestão dos acervos dos museus.” Para Desvallées e Mairesse (2013, p. 61), o campo da museologia apresenta as seguintes definições:

s. f. — Equivalente em francês: *muséologie*; inglês: *museology*, *museum studies*; espanhol: *museología*; alemão: *Museologie*, *Museumswissenschaft*, *Museumskunde*; italiano: *museologia*. Etimologicamente, a museologia é “o

estudo do museu” e não a sua prática – que remete à “museografia” –, mas tanto o termo, confirmado nesse sentido amplo ao longo dos anos 1950, como o seu derivado “museológico” – sobretudo em sua tradução literal em inglês (museumology e seu derivado museumological) – apresentam cinco acepções bem distintas.

A museologia é uma ciência que estuda os museus e a relação do homem com o objeto museológico (ou artefato). Waldisa Rússio Guarnieri (1979) em seu texto “Museologia e museu” traz a reflexão do “museu-homem-sociedade” preocupa-se com o processo de evolução na sociedade.

Os museus desde os primórdios eram vistos como um espaço voltado ao sacrário e depósito. Em outro momento, os espaços museais foram destinados ao processo de desenvolvimento das coleções. Em outra etapa, os museus se voltam para a política da conservação (peças e exposição). Com a evolução do pensamento humano, o período do romantismo dá lugar aos museus organizados por padrões rígidos e estéticos; outra etapa dos museus é marcada pela gestão e conceito museológico e atualmente os museus se destinam às atividades técnicas e de apoio (Guarnieri, 2020).

Observa-se que os museus são instituições, assim como as bibliotecas e arquivos, no aspecto de organização, planejamento e administração e desempenham um papel social no aspecto cultural, patrimonial e memória. No qual o conceito de museu caminha junto da evolução do homem e da sociedade, originando a relação do museu com as ciências do homem e com a coletividade.

As instituições museológicas estiveram por um tempo ligadas ao “fenômeno social do colecionismo” fato pautado na origem histórica dessas instituições de caráter elitista (Lopes, 2009) outro pensamento sobre os objetos e coleções dos museus surge no século XX visando “(...) democratizar e tornar acessíveis às coleções de diferentes museus para diferentes categorias de público” (Vasconcellos; Funari; Carvalho, 2015, p.7).

Compreende-se que os museus surgiram para agrupar peças, objetos, documentos e itens e hoje estes espaços remetem a um significado, a representatividade e a memória das pessoas e comunidades. O museu, assim como as bibliotecas, por exemplo, desenvolveram-se com o decorrer da evolução social, desempenhando novos papéis e funções sociais nas sociedades contemporâneas.

Para aprofundar no universo das relações entre CI e a museologia, buscou-se na interdisciplinaridade o elo entre os campos. Castro (1999) destaca que as instituições museológicas, por meio da prática, de metodologias e pontos em comum

com a CI, como a propriedade, o comportamento da informação, as disciplinas e do campo multidisciplinar.

No campo museológico, nos museus especificamente, constata-se a necessidade de uma linguagem documentária própria para estar no sistema de recuperação da informação adequado que possibilite a transferência e disseminação da informação, sem esse entendimento o museu é uma instituição estática, intocada e sem a promoção da função social.

A museologia e a ciência da informação dialogam em aspectos como: informação, documentação, objeto, memória e coleção. Pois a interdisciplinaridade permite que os cientistas analisem os seus métodos, meios de pesquisa da informação nos mais diversos suportes e formatos, provenientes de diversas áreas do conhecimento e mediar as informações das documentações museológicas. Os espaços museais são abrangentes e diversificados de coleção(s) (documentos, objetos, utensílios, itens e em diversos formatos e suportes) e desenvolvem outras funções ligadas a patrimônio, história, cunho social e no segmento de memória.

A museologia, numa perspectiva mais ampla na CI, apresenta a documentação museológica, que é apontado por Ferrez (1994), Botallo (2010) e Padilha (2014b) que tratam e abordam as questões relacionadas a esse tema e como o processo de documentação envolve uma metodologia de aspectos gerais.

Botallo (2010) descreve que a documentação museológica apresenta a política de acervo, normalização de procedimentos, vocabulário controlado, ficha catalográfica, base de dados, registro patrimonial, livro de registro de acervo ou livro de tomo, marcação dos objetos, baixa patrimonial e alienação de acervos. E que esse processo de documentação dos acervos é algo em comum com a biblioteconomia e arquivologia.

Baseando-se no arcabouço teórico e metodológico da CI e das áreas citadas que apresentam o desenvolvimento de linguagens controladas, vocabulários, critérios de indexação, sistemas de classificação, códigos de descrição e questões de documentação que podem ser aplicados ou viabilizados nas coleções museológicas possibilitando a recuperação, transferência e disseminação de informação contida no espaço museal.

Os museus são espaços que abarcam informações, objetos, coleções, documentos, linguagens e memória. Nesses espaços museais apresentam processos de gestão, mediação e uso da informação, devido às atividades museológicas documentais de aquisição, organização, representação e

disseminação da informação dos objetos e coleções, oportunizando o acesso da informação pelos usuários (público que visita o museu) (Martins *et. al.*, 2017).

Pesquisas direcionadas à documentação em museus são apontadas por Pinheiro (2012, p.14), e abordam a temática interdisciplinar:

A interdisciplinaridade da Museologia e Ciência da Informação passa também pela informação em museus, especialmente a informação em arte, nascida de estudos de museus de arte e seus respectivos sistemas e redes de informação, bem como da representação do objeto museológico.

Tratando-se da questão da interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Museologia no Brasil, Pinheiro (2012) demonstra a presença de pesquisas e estudos que fortalecem a expansão da interdisciplinaridade entre as áreas pesquisadas e em diversas instâncias, por meio:

- a) da existência de um número significativo de teses e dissertações que abordam a interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Museologia no Brasil;
- b) da interdisciplinaridade entre essas áreas é uma tendência crescente no país;
- c) as políticas públicas nacionais e as ações acadêmicas têm contribuído para o fortalecimento e expansão da interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Museologia no Brasil.

Mencionam-se as políticas públicas nacionais e ações acadêmicas que contribuíram para o carácter interdisciplinar entre Ciência da Informação e Museologia no Brasil e por meio da geração de um número significativo de teses e dissertações envolvendo essas áreas, especialmente no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Além das teses e dissertações, outras instâncias apresentam estudos sobre a interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Museologia no Brasil. (Pinheiro, 2012).

A ideia da interdisciplinaridade e museus (Rússio, 2010?, p. 123) aponta que o espaço museológico possui como sujeito e objeto o homem e seu ambiente, o homem e sua história, o homem e suas ideias e aspirações. O fundamento do museu é baseado no homem e na vida, significando que o método utilizado na museologia é essencialmente interdisciplinar, porque o estudo do homem, da natureza e da vida depende muito do domínio do conhecimento científico. A interdisciplinaridade deve ser o método de investigação e ação da museologia,

sendo, portanto, uma forma de trabalhar nos museus, bem como a formação de museólogos e dos profissionais que atuam em museus.

2.1.1 Relações interdisciplinares da museologia com as áreas afins: biblioteconomia e arquivologia.

Identificam-se teorias entre ciência da informação e museologia, presentes de diversas maneiras: nas abordagens utilizadas, nas aplicações práticas, nos aspectos técnicos e operacionais, no campo acadêmico e na tecnologia.

Pinheiro (2012), destaca pesquisas interdisciplinares entre a CI e museologia, as análises de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) apontaram a consolidação e o crescimento da interdisciplinaridade entre as áreas, seja de maneira teórica, empíricas ou por meio da prática profissional.

A informação como objeto de estudo dispõe de concepções e relações interdisciplinares entre a museologia e ciência da informação e outras áreas do conhecimento como a arquivologia e biblioteconomia por meio de conceitos que são elementos que aproximação de pesquisa entre as áreas como: *instituição, memória, documento, informação e interdisciplinaridade* (Tanus, Renault, Araújo, 2012).

O entendimento dos autores é baseada na questão acadêmico-institucional entre os campos, fato associado aos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação serem oferecidos, em sua maioria das vezes, no mesmo instituto acadêmico permitindo a interação e troca de conhecimento e saber entre cursos: com as pesquisas, os eventos científicos, ofertas de disciplinas eletivas dos programas de pós-graduação. Para os autores, os conceitos afins precisam ser explorados via pesquisas epistemológicas e teóricas, nos aspectos da representação, disseminação, preservação, mediação, comunicação e estudos de usuários.

No Brasil há o desenvolvimento de políticas públicas nacionais e as ações acadêmicas para o progresso da interdisciplinaridade da ciência da informação, museologia e outras áreas do conhecimento, através do crescimento do número significativo de teses e dissertações nesse campo, especialmente pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Além das teses e dissertações, apresenta outros estudos, publicações e pesquisas sobre a

interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Museologia no Brasil (Pinheiro, 2012).

Os diálogos entre a museologia, a arquivologia, a biblioteconomia, ganham destaque, como exposto por Silva (2018, p. 14) pontos entre estas três áreas, em pontos como *gestão da informação* por meio de perspectivas ampla de atuação do museólogo, bibliotecário e arquivista na gestão de acervos, gestão de serviços e produtos, gestão de tecnologia, gestão e avaliação de pessoas.

Dentro dessas perspectivas se chega no entendimento de que a documentação de acervos é algo comum a outras disciplinas, tais como a Biblioteconomia e a Arquivologia, porém a documentação museológica, será preciso compreender do que ela se trata para poder se apropriar de ferramentas das demais áreas e aplicar nas coleções de museus (Botallo, 2010).

Outro momento é a *tecnologia da informação* novas tecnologias e produtos digitais impulsionam do bibliotecário/arquivista/curador de museu atuar como um profissional em vários lugares; a parte do *estudo do usuário* se baseia na Ciência da Informação para a partilha de informação e a autonomia do usuário nos currículos arquivísticos, bibliotecários e museológicos; e por fim *temas contemporâneos* são disciplinas inseridas na dimensão histórico-epistemológica da ciência da informação através da prática de ensino e pesquisa nos cursos de arquivologia, biblioteconomia e museologia voltadas para a estruturação curricular, pesquisa e de formação profissional Silva (2018, p. 14).

A museologia na apropriação dos conhecimentos da CI, obtém ferramentas de suporte que auxiliam na identificação do seu público atendendo suas necessidades, interesses e demandas informacionais da instituição museológica visto que o espaço museal tem em vista cumprir o seu papel social, educacional, difusora de cultura e aprendizagem na sociedade (Martins, 2017).

Figura 01 - Relações pluri/multi/inter/transdisciplinares no âmbito da informação.

Áreas pluri/multi/inter/transdisciplinares	Subáreas no âmbito da informação
Biblioteconomia	Representação da informação; Sistemas de recuperação da informação; estudo de usuários (incluindo desejos/demandas/necessidades e uso de informação); processamento automático da linguagem; gestão da informação; tecnologias da informação; processos de informação; bibliotecas tradicionais e digitais/virtuais; informação e memória.
Arquivologia	Representação documentária; gestão documental/gestão eletrônica de documentos; tecnologias da informação; arquivos tradicionais e digitais/virtuais; documento e memória.
Museologia	Representação de artefatos; estudos de público; gestão e tecnologias da informação; museus tradicionais, digitais/virtuais; documentos/artefatos como fonte de preservação da memória.

Fonte: Silva (2018, p. 23)

Como demonstra a *Figura 01*, o autor descreve as correlações entre as áreas por meio de relações pluri/multi/inter/transdisciplinares e as subáreas no âmbito da informação. A informação e a produção do conhecimento são aspectos presentes na Museologia, Ciência da Informação, Arquivologia e Biblioteconomia devido ao desenvolvimento das ciências e das metodologias e abordagens que envolvem os assuntos ligados a identificações, descrições, referências, conexões, mediações e comparações entre ambas áreas.

Cada área com seu conjunto específico de técnicas, metodologia e procedimentos, assim tendo a distinção entre os arquivos, as bibliotecas e os museus. Outras relações entre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação ocorrem a partir de:

- a) relações gerais entre Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia (identificações/descrições, referências, conexões, mediações, comparações, ligações e vínculos); b) as contribuições da Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia para o desenvolvimento da Ciência da Informação (conexões, mediações, comparações, ligações e vínculos); c) as contribuições da Ciência da informação para o desenvolvimento das disciplinas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia (conexões, mediações, comparações, ligações e vínculos) (Silva, 2018, p.11).

Observa-se que a questão da interdisciplinaridade vai além da relação entre si e parte de diálogos com outras áreas, como exemplo a Arquivologia e a Biblioteconomia, de maneira que a literatura apresenta essas discussões.

Nas pesquisas de Tanus, Renault e Araújo (2013) e Silva (2018) indicam as relações entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia como “(...) pontos curriculares em setores em comum como Fundamentos, Organização, Gestão,

Tecnologias e Recursos/Serviços de informação” (Silva, 2018, p.12), a interdisciplinaridade ocorre pelo fato da CI ser a base estruturante da característica interdisciplinar.

Na visão de Guarnieri (1981), a interdisciplinaridade na museologia deve ser um método de pesquisa que faça parte da formação profissional no contexto museológico. Compreende-se a ligação interdisciplinar entre a Ciência da Informação, a Museologia, a Arquivologia e a Biblioteconomia, tais campos apresentam semelhanças entre questões disciplinares, metodológicas e práticas técnicas e profissionais ligadas ao processo de informação. Porém, cada área desenvolve a sua metodologia, a autonomia como campo de pesquisa, semelhanças e particularidades nos aspectos de ensino e tratamento da informação.

A cada área compete a apresentação de caminhos, diálogos e vertentes de pesquisas para o prosseguimento de novas perspectivas e tendências entre segmentos, visto que ambas as áreas coletam, processam e disseminam conteúdos informativos voltados para a organização da informação.

2.2 Apontamentos da organização do conhecimento e representação do conhecimento na ciência da informação.

Neste subtópico se apresenta o entendimento em torno da organização do conhecimento na ciência da informação. Visto que a terminologia da organização do conhecimento, por vezes, é aplicada em diversos contextos como da organização da informação (OI), como na organização e representação do conhecimento (ORC), organização da informação e do conhecimento (OIC) o entendimento da OC são base para o desenvolvimento desta pesquisa.

A Organização do Conhecimento (OC) é um campo de estudo que tem seus fundamentos na Biblioteconomia e Ciência da Informação e por vezes na OC. Relacionado a termos como “organização da informação” (OI) e por vezes é fundida “organização da informação e do conhecimento”, controle bibliográfico na literatura outro entendimento do OC é visto como uma área de atividades profissionais dos bibliotecários e cientistas da informação e o desenvolvimento do termo e conceito da OC é associado com a Catalogação e a Classificação.

Por vezes, Hider (2018) considera a OC não apenas como a organização do conhecimento registrado e sim todo o registro do conhecimento, sendo uma

disciplina, um campo de estudo por onde a biblioteconomia e a ciência da informação disponibilizam o acesso ao conhecimento registrado.

O termo Ciência da Informação leva ao artigo que remonta a Jason Farradane (1955) termo utilizado por Farradane como sinônimo de documentalista a Biblioteconomia, a Ciência da Bibliografia, a Informação Científica e a Documentação foram os predecessores da Ciência da Informação, antes de alcançar esta terminologia durante as cinco primeiras décadas do século XX, a CI recebeu denominações como de Bibliografia, Documentação e Informação Científica (Hjørland, 2017).

A OC, na concepção de Dahlberg (1993), é um campo que se preocupa em ordenar o conhecimento, conhecimento este que desde da antiguidade era de exclusividade dos bibliotecários e filósofos, logo a organização do conhecimento seriam unidades do conhecimento estruturadas e organizadas sistematicamente, essas unidades seriam conceitos baseados em elementos conceituais (características) que dão embasamento para os sistemas conceituais como, por exemplo, os sistemas de classificação. Dahlberg é a fundadora da International Society for Knowledge Organization (ISKO), onde tem a revista Knowledge Organization que apresenta pesquisas na área.

A OC é um campo interdisciplinar muito mais amplo que a biblioteconomia e a ciência da informação, seria a organização da informação que inclui a estruturação dos dados em documentos bibliográficos, abrangendo índices de referências, registros completos de texto e da rede mundial de computadores.

A Ciência da Informação (CI) busca de maneira eficiente elaborar os registros bibliográficos (atividade realizada em OC), e busca a maneira adequada de explorar esses registros específicos (processo realizado na recuperação de informação)(Hjørland, 2016).

Hjørland (2003) divide OC em dois tipos: (i) a organização intelectual do conhecimento, ou organização cognitiva do conhecimento, que utiliza conceitos, sistemas conceituais e teorias; e (ii) a organização social do conhecimento, que é a organização em profissões, negócios e disciplinas. O mesmo autor, em 1994, destaca nove princípios de organização do conhecimento que visam observar os problemas mais comuns de busca e recuperação da informação (...)(Lima; Alvares, 2012, p. 12).

A Organização do Conhecimento, segundo Lima (2015?), é próxima dos campos Biblioteconomia e Ciência da Informação, validando as ideias de Hjørland. A autora aponta que na literatura da OC e LIS as bases teóricas diferem entre si.

Segundo as tendências de pesquisa em Organização do Conhecimento no Brasil incluem a interseção das áreas como: Ciência da Computação, da Linguística, da Terminologia e da Ciência Cognitiva (década de 50) e a informática tem contribuído para facilitar no processo de armazenamento, processamento e recuperação da informação.

Segundo Lima (2015?) destaca a distinção (relevância) da Classificação do campo da Organização do Conhecimento — pois apesar do entendimento de Dahlberg nos remeter que as origens da OC ter suas relações com a Classificação (uma área de conhecimento classificando o conhecimento filosófico e bibliográfico) — a OC é uma área do conhecimento e atividade que possui as bases no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

A organização do conhecimento tem suas raízes históricas na base teórica da classificação e agrega a teoria e a prática dos estudos e pesquisas realizadas na área da Biblioteconomia e CI. Logo, a Classificação bibliográfica e a Organização do Conhecimento conversam com a Biblioteconomia e CI como áreas complementares que visam a representação e recuperação da informação.

Compreende-se que a classificação tem várias funções na organização do conhecimento, incluindo, como: organizar o conhecimento em categorias e classes para facilitar a recuperação da informação; representar o conhecimento de forma sistemática e estruturada; facilitar a navegação e a exploração do conhecimento; apoiar a análise e a síntese do conhecimento; facilitar a comunicação e a colaboração entre os usuários da informação.

A partir da compreensão destas funções são importantes as diferentes áreas do conhecimento que envolvam a organização, representação e recuperação da informação, como, por exemplo, em museus, arquivos, centros de documentação, empresas e contextos digitais, como na organização de conteúdos em sites, portais e repositórios digitais.

Outro ponto de discussão é sobre a terminologia OC, é nas analogias da aplicabilidade no uso dos termos Organização do Conhecimento, Organização da Informação, Representação do Conhecimento e Representação da Informação, cujos conceitos ocupam um espaço tão importante no sistema referencial da área. Brascher; Café (2008) propõem uma reflexão mais apurada sobre a estrutura conceitual desses termos e apresentam uma proposta conceitual preliminar para delimitar o entendimento desses domínios.

A representação do conhecimento diz respeito de um arcabouço teórico que tem uma estrutura conceitual e representa modelos de mundo, aptos a explicar e descrever os eventos percebidos; por meio de análise de domínio e a reflexão da visão conciliada da realidade que se deseja retratar, enquanto a representação da informação é um grupo de elementos detalhados de um determinado item (por meio de processos físicos e descritivos).

A partir do entendimento desses domínios será possível compreender as questões teóricas e a aplicabilidade de diferença questão conceitual, em pesquisas da OC na CI, apontada por Hjørland (2016) e Brascher, Café (2008). Tal compreensão planeja melhorar o processo de comunicação científica nos domínios de Organização da Informação e Organização do Conhecimento, uma vez que a eficiência da comunicação científica depende da precisão no uso de termos e seus respectivos conceitos no desenvolvimento das pesquisas.

A delimitação precisa dos conceitos contribuirá com a representação das terminologias de forma não ambígua, contribuindo assim para uma comunicação mais clara e precisa da OC na CI. Brascher e Café (2008) destacam a importância da delimitação e compreensão dos conceitos na diferenciação das atividades da organização da informação (OI) e organização do conhecimento (OC) e nas representações produzidas a partir desses conceitos.

A proposta conceitual das autoras tem em vista delimitar o entendimento entre as concepções de ideias e oferecer uma terminologia que represente de forma não ambígua o entendimento dos conceitos que cada uma deseja transmitir. Em suma, Lima e Alvares (2012) apontam que a organização e representação da informação e do conhecimento estão relacionados aos processos de organização.

Assim como OC e a OI, outro entendimento necessário compreender é acerca das terminologias 'representação do conhecimento' (RC) e 'representação da informação' (RI) as quais são utilizadas na CI, a RI é relacionado ao agrupamento de elementos descritivos de um objeto informacional (descrição física e de conteúdo).

A representação do conhecimento é uma estrutura conceitual que representa modelos de mundo, capazes de descrever e dar explicações sobre os fenômenos observados; é fruto de um processo de análise de domínio e planeja refletir uma visão comum sobre a realidade que se planeja representar (Brascher; Café, 2008).

O ato de representar não é uma preocupação recente, desde do início da civilização com a organização das bibliotecas, documentos e museus havia a

necessidade além da organização que esses itens fossem representados por meio de imagens, símbolos ou códigos para a identificação e recuperação do objeto armazenado.

A CI como ciência desempenha um papel na questão de estudos acerca da representação, pois a maioria das atividades que desempenham em torno dos sistemas de recuperação de informações assim gerando um registro de conhecimento atendendo os objetivos e as necessidades de cada um (Caixeta; Souza, 2008).

A organização do conhecimento e a representação do conhecimento apresentam abordagem multidisciplinar em diversas áreas do conhecimento e cada área apresenta seu ponto de vista e necessidades com o desenvolvimento de produtos e serviços de informação. Perceptível no decorrer dos conceitos, apesar das aproximações, relações e até questões no uso dos termos, como se ambos fossem sinônimos na Ciência da Informação.

Há uma distinção em relação à OC e OI e RC e RI, e isso reflete na maneira da representação da informação e do conhecimento, que visam atender a necessidade informacional de responder às questões de armazenamento, tratamento, disseminação e mediação da informação e conhecimento humano existente na sociedade.

2.3 Informação, objeto e documentação.

Nesta subseção, se tem em vista compreender três conceitos utilizados em vários campos do conhecimento. Mais especificamente, nesta pesquisa, serão estudadas suas particularidades mais voltadas ao campo CI e museologia.

2.2.1 Informação

O termo “informação” é por vezes utilizado de diversas maneiras, consoante o seu contexto, ocasionando uma variedade de “significados” e “conceitos” acerca da aplicabilidade e emprego do termo “informação”. Nesta pesquisa, busca-se a compreensão do termo “informação” na CI pelo fato desta ser o objeto de estudo e na museologia para compreender como é a informação entre as áreas.

A informação como objeto é um campo de estudo entre as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação e a interdisciplinaridade permite interações com outros campos de estudos como a Comunicação, Estatística, História da Ciência, Administração, Antropologia, Filosofia, Sociologia, Economia, Educação, Epistemologia, Filosofia da Ciência, História, Linguística, Matemática, Psicologia e Sociologia da Ciência (Pinheiro, 1999).

Tal entendimento parte da origem do termo, que remonta aos conceitos gregos de *eidos* (ideia) e *morphé* (forma), significando “dar forma a”. A partir desta perspectiva, o conceito de informação é compreendido como aquilo que dá forma ao conhecimento e que permite a organização, a recuperação e a disseminação. Assim, a Ciência da Informação se beneficia do conceito de informação e integra as perspectivas teóricas entre as demais áreas, proporcionando reflexões e problematizações entre os campos (Araújo, 2011). Essa “integralização” dar-se-á graças à interdisciplinaridade entre os campos citados.

Le Coadic (1996), que trata da informação como objeto, aponta a informação relacionada ao conhecimento e a comunicação, sendo a informação o conhecimento gravado de maneira escrita, seja esta forma oral ou audiovisual e a hoje complementar com a informação na web.

As formas de uso da palavra “informação”: *informação como processo* (o ato de informar); *informação como conhecimento* (informação-como-processo); *informação como coisa* (objetos, como dados e documentos no sentido de itens informativos) (Buckland, 1991).

Segundo Silva (2018) pelo fato da CI ser um campo de pesquisa e investigação voltada para o contexto, processos, fluxos, tecnologias e gestão. Como os conceitos de documento e informação circundam a relação e atuação das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação em virtude destes campos possuírem tanto a informação quanto a documentação como seus os objetos e campos de atuação científica, acadêmica e institucional.

Pinheiro (2004), em seu trabalho “*Informação — esse obscuro objeto da ciência da informação*” aborda que a informação é a base para outros campos do conhecimento, porém na CI a informação é objeto de pesquisa. A concepção tradicional de Informação está relacionada a documentos impressos e bibliotecas, enquanto a informação discutida na Ciência da Informação está presente no diálogo entre cientistas, na comunicação informal, no processo de inovação para indústria,

patentes, fotografia, objeto, registro magnético, base de dados ou repositório, na Internet.

informação *info, information* 1. bib 1.1 Registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão. A expressão 'registro' inclui não só os documentos tipográficos, mas também os reprográficos, e quaisquer outros suscetíveis de serem armazenados visando sua utilização. 1.2 Informação, na sua definição mais ampla, é uma prova que sustenta ou apóia um fato. 1.3 Registro de um conhecimento para utilização posterior. 1.4 Dados numéricos alfabéticos ou alfanuméricos processados por computador. 2. bib comn inf com a informação podem-se realizar diversas operações, tais como: criação, transmissão, armazenamento, recuperação, recepção, cópia (em diferentes formas), processamento e destruição. A transmissão da informação é feita numa grande variedade de formas, entre as quais se incluem: luz, som, ondas de rádio, corrente elétrica, campos magnéticos e marcas sobre o papel. 3. comn coleção de símbolos que possuem significados. 4. eng inf tel uma informação pode ser descrita em termos de sua manifestação física: o meio que a transporta, a exatidão, a quantidade que é transmitida ou recebida. 5. ling a informação pode ser descrita em termos do seu objeto de referência, seu significado e estrutura, i. (assimilação) => assimilação da informação, i. (entropia) entropia, i. (medida) => medida da informação, i. (necessidade) =5 necessidade de informação, i. (processamento) processamento da informação, processamento de dados, i. (processo) => processo de informação, i. (suporte físico/material) => suporte de informação, i. (teoria) => teoria da informação, i. (tratamento) =\$ processamento da informação, (<=>)(Cunha; Cavalcanti, 2008. p. 201).

Discorre-se sobre a informação como um produto do homem presente em diferentes contextos: científico, tecnológico, educacional, político, artístico e cultural, sendo a informação o meio de obtenção para adquirir o conhecimento, este por sua vez, tornasse acessível por meio da informação, porém a informação somente não gera e nem é conhecimento, mesmo sendo um elemento significativo da humanidade (Souza, 2012).

O conceito de informação associado ao museu considera a musealidade (a propriedade do objeto enquanto documento ou valor documentário) com o foco específico da pesquisa museológica compreende-se que a informação museológica é a informação contida nos objetos que fazem parte do acervo de um museu e que é objeto de estudo da museologia (Castro, 1999).

Reforçando a ideia anterior Souza (2012) descreve a informação na Museologia, parte da visão tradicionalista de objeto museológico, onde o objeto é valorizado como documento, assumindo o lugar de fonte de informação.

Em outro ponto de vista, da interdisciplinaridade, a informação em museus advém principalmente da informação em arte, de onde se originam pesquisas e estudos de museus de arte dando origem em sistemas e redes de informação e refletindo de como seria a representação do objeto museológico (Pinheiro, 2012).

O entendimento sobre informação documental museológica passou a ter uma nova configuração, deixando de ser apenas depósitos de objetos para se tornarem lugares de aprendizagem, indo além das funções tradicionais de conservação, como nos eixos administrativos, educacionais, históricos, entre outros.

Para a mediação da informação museológica, há necessidade de conhecer tanto o público quanto o contexto em que este seria recebido, assim como os instrumentos para disseminar a informação. Nesse contexto, a informação museológica passou a ser fundamental para representar bem o potencial do objeto museológico e disseminar conhecimento. Portanto, a informação documental museológica pode ser utilizada para cumprir outras funções além da conservação, como a educação e a disseminação de conhecimento (Paula; Silva, 2019).

Tendo a CI como objeto, a informação está se apresentando nos museus por meio dos objetos de suas coleções, pois tais objetos carregam consigo significados culturais, históricos e sociais essenciais para a compreensão da sociedade e da identidade de um povo. A informação trazida pelos objetos em termos de documentação, testemunho e fidelidade é crucial para a interpretação e comunicação do patrimônio cultural com a comunidade.

Assim, compreende-se que a informação em museus não se limita apenas à sua descrição física do objeto museológico, mas engloba os significados, suas representações e simbolismos que esses objetos representam para a sociedade ou comunidade, contribuindo para a construção de narrativas, reflexões e interpretações sobre o passado e o presente.

2.2.2. Objeto.

Para conversar sobre o tema, iniciamos com o seguinte título: “Os objetos têm história” título da página do site do setor Etnologia e Etnografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que nos chama a atenção para a importância do objeto, estes fazem parte da vida humana e são detentores de memórias, cheios de significados, simbolismos e usos e podem representar a vida humana.

Sua importância está por toda a parte, não apenas nos museus, porém muitos destes são portadores de memórias, significados e usos especiais aos seus detentores. Os objetos funcionam como mediadores das relações sociais e suas trajetórias podem revelar aspectos da sociedade do seu tempo.

Buckland (1991) descreve que a ciência da informação se volta principalmente para pesquisas que sejam relacionadas a dados e documentos como recursos informacionais e como ficaria questão do objeto. O objeto é uma fonte de informação, repleta do seu significado, simbolismos e representações, a exemplo disso, temos as coleções dos museus, apesar dos objetos não apresentarem as características comuns de um documento formal, mas são verdadeiras fontes de informação com suas características e descrições. A partir da análise do objeto armazenado, é possível examinar os itens e ter a informação.

Cunha; Cavalcanti (2008, p. 265) conceituam objeto como:

objeto *object* 1. fil Tudo aquilo que, física ou moralmente, se apresenta e se oferece a nossos sentidos. "Um elemento do mundo exterior, fabricado pelo homem e que este deve assumir ou manipular" (mol, p. 15). <=> artefato, realia. 2. inf 2.1 Estrutura de dados similar a um registro com a diferença de que inclui seus procedimentos e funções. Trata-se de um modelo que procura se aproximar do mundo real, no qual um objeto tem uma forma ou estrutura e comportamento determinados. 2.2 Arquivo, imagem, página web, base de dados ou qualquer item de um sistema informático. 2.3 Em hipertexto, um botão que representa informação. 3. bib/cat artefato tridimensional ou réplica de uma entidade.

Padilha (2014) descreve que o objeto museológico é único dentro em uma coleção, identificado com informação e numerado as peças (individualmente), recebe um número de inventário (registro individual) e após este processo inclui outras etapas (ações) como: seleção, interpretação, registro, organização e o armazenamento, o objeto museológico torna-se patrimônio cultural.

O percurso do objeto de museu, no processo da sua vida e contexto, há um acúmulo de informações, dados que o configuram no seu critério de estrutura física e semântica. Tais questões envolvem o valor histórico e o valor documental do objeto, e, dando, o caráter de sua musealidade (Silva; Porpora, 2021).

Na Museologia, o termo "objeto" refere-se a qualquer item físico ou material que é coletado, preservado, estudado e exibido em um museu. Os objetos museais podem incluir uma ampla variedade de artefatos, obras de arte, documentos, utensílios, vestimentas, ferramentas, amostras naturais, entre outros itens que possuem valor cultural, histórico, científico ou artístico (Guarnieri, 2010).

Os objetos museais são considerados testemunhos do homem e de seu meio, podendo ser tanto elementos do meio físico natural quanto do meio

transformado pelo homem, como exemplificado pela urbanização. A musealização¹ dos objetos ocorre quando eles são selecionados, preservados e apresentados em um contexto museológico para transmitir informações, conhecimentos e significados para a sociedade (Guarnieri, 2010?).

A partir dos conceitos podemos compreender como objeto tudo aquilo que se refere a qualquer coisa material que possa ser possuída ou utilizada por um indivíduo, como roupas, móveis, utensílios, livros, entre outros. Os objetos são vistos como portadores de significados simbólicos e afetivos, capazes de evocar memórias e narrativas pessoais e coletivas. Logo as coleções museológicas são compostas pelos seus objetos.

Pomian (1984) considerado pensador, filósofo, historiador e ensaísta polonês, descreve que os objetos das coleções deixam de ser considerados “objetos de coleções” e se tornam “objetos de museus” e para compor as coleções dos museus. O autor aponta que os objetos podem ter uma utilidade e se encontrarem fora do contexto de museu, porém contém significado de história, memória e significado. Os objetos semióforos² podem apresentar significado (objetos musealizados).

Na visão de Britto (2023, p. 9), “Os objetos se tornam marcadores tangíveis da experiência, podendo ser convertidos em testemunhos materiais e simbólicos, imersos em círculos de consagração e em relações de reciprocidade.”

Assim, os objetos museais desempenham um papel fundamental na construção da narrativa histórica e cultural de uma sociedade, carregados de significados, simbolismos e representações permitindo a interpretação e a compreensão de diferentes aspectos de uma comunidade ou da sociedade ao longo do tempo. Os objetos museológicos são fontes de informação que contribuem para a preservação, exposição, ensino, entretenimento e a transmissão do patrimônio cultural para as gerações presentes e futuras.

2.2.3 Documentação.

¹ Daí que a musealização se preocupa com a informação trazida pelos objetos (lato sensu) em termos de documentalidade, testemunhalidade e fidelidade. (Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, 1990).

² De um lado estão os objetos úteis (as coisas) que ajudam a transformar a natureza a serviço do ser humano dando-lhe subsistência e conforto. De outro, estão os semióforos, objetos que não têm utilidade (portanto não são coisas), mas que representam o invisível, são dotados de significado (Silva; Lisboa, 2014).

A CI, como campo de pesquisa, norteia terminologias como informação, conhecimento e documento. O conceito do termo documentação varia entre os autores, contextos e apresenta pontos em comum, principalmente no campo da CI. A documentação, no ponto de vista dos teóricos, tem o início de sua trajetória associado à Biblioteconomia e à Documentação. Nos arquivos, bibliotecas e museus, na perspectiva integradora, a documentação se desenvolveu como uma atividade profissional no campo da informação científica e tecnológica.

Os primórdios da CI encontram-se na Documentação, Otlet e La Fontaine (século XX), estavam preocupados em conseguir trabalhar os registros de maneira total e desenvolveram o conceito de “documento”, ampliando o campo de interferência do universo de livros e registros impressos.

Segundo Le Coadic (1996, p. 16–17), a documentação se difere de áreas como a biblioteconomia e arquivologia pelo uso de técnicas não convencionais “(...) de organização e análise, não mais apenas de livros, mas de qualquer tipo de documento.” Outro ponto é que a documentação apresenta conexões entre a Biblioteconomia especializada e os estudos sobre recuperação da informação.

A documentação é um conceito apresentado nas áreas de arquivologia, biblioteconomia e museologia e está relacionada a documentos. O conceito de documento parte do entendimento do que “seria documento” na CI devido às diferentes abordagens e contextos, pois o termo “documento” é um termo genérico que pode designar qualquer tipo de recurso físico de informação.

Buckland (1991), a partir da compreensão do Pai da Documentação (Otlet) e outros pesquisadores, descreve que a documentação, em suas palavras:

(1) Aquela documentação (isto é, informação armazenável e recuperável) deveria ser considerada como qualquer objeto potencialmente informativo; (2) nem todos os objetos potencialmente informativos seriam documentos no tradicional senso de texto impresso; e (3) todos os outros objetos informativos, tanto quanto pessoas, produtos, eventos e objetos de museus, não deveriam ser excluídos (Laisiepen, 1980). Até aqui, entretanto, exceto pela contribuição de Wersig (Wersig, 1980), a ênfase é, na prática, nas formas de comunicação: dado, figuras, inscrições Buckland (1991, p.7).

Outro entendimento em torno do conceito de documento é de objeto que fornece um dado ou uma informação (saber e da memória da humanidade). Há uma variedade de documentos com suas características físicas (natureza, materiais, formas de produção, modalidades de utilização, periodicidade, coleções, forma de

publicação), características intelectuais (objetivo, grau de elaboração, conteúdo, origem, tipos de documentos; estruturas dos documentos (monografias, publicações seriadas, documentos não publicados, documentos não-textuais, partes, unidade documental).

A busca de informações também é possível por outras fontes, como reuniões, conferências, programas, por exemplo (Guinchat, 1994). Gómez (2011) se refere à documentação sendo como uma técnica cultural, científica e tecnologia onde há um processo de aceleração da circulação dos documentos nestes meios, onde a documentação para dar conta dos avanços científicos, o fluxo de produção de conhecimentos científicos e tecnológicos cumpre a função articuladora. Seguindo com Cunha, Cavalcanti (2008, p. 131) conceitua documentação como:

documentação *documentation* 1. bib 1.1 Processo que consiste na criação, coleta, organização, armazenamento e disseminação de documentos ou informações. 1.2. A teoria da documentação surgiu a partir de 1870, em decorrência do desenvolvimento da indústria gráfica. Paul Otlet e Henri La Fontaine foram seus grandes líderes. 2. arq bib conjunto de documentos ou informações que tratam de um assunto. 3. bib eng livro ou manual que descreve como funciona um programa, um conjunto de programas ou um equipamento, d. administrativa *administrative documentation* adm arq conjunto de documentos, dos mais diversos formatos, que colaboram na tomada de decisão no exercício de atividades numa organização.

A documentação museológica diz respeito ao registro de toda informação referente ao acervo museológico. Ela pode ser abordada por dois vieses: a documentação do objeto e a documentação das práticas administrativas do museu. O primeiro trata da compilação dos dados e do tratamento informacional extraído de cada objeto adquirido pelo museu, enquanto o segundo considera toda a documentação produzida pela instituição para legitimar suas atividades desenvolvidas (Padilha, 2014a).

Guarnieri (1986) destaca a criação dos cursos de museologia em 1978 pelo Instituto de Museologia de São Paulo. Houve preocupação com a Documentação Museológica ao observar a falta de existência de inventários e fichários museológicos. Na museologia, o próprio objeto é um documento com suas características únicas e autênticas ligadas a outras áreas do domínio do conhecimento, como antropologia, arqueologia, química, etnologia, matemática, por meio das relações de estudos do homem e o ambiente (Guarnieri, 2010?).

A documentação é vista como um conjunto de documentos com informações que servem de dados e conhecimento nos mais diversos suportes de materiais,

desde o físico quanto o digital. A ciência da informação, que por sua vez tem a sua preocupação com todo tipo de informação registrada, auxilia nas atividades da documentação museológica.

A documentação museológica se divide em duas linhas de documentação do objeto e a documentação das práticas administrativas, como colocado por Padilha (2014a) esta pesquisa tem o foco na documentação do objeto, pois tratará da organização do conhecimento a partir da obtenção dos dados e do tratamento informacional dado ao objeto museal.

A documentação nos objetos museais refere-se à capacidade de ensinar e transmitir conhecimento sobre algo ou alguém, enquanto ao valor informacional está relacionado ao ato de testemunhar e atestar fatos, eventos ou valores e esses conceitos ressaltam a importância dos objetos como fontes de informação e testemunhos da história e da cultura.

3 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO EM MUSEUS SOBRE O OLHAR DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Nesta seção será abordada a questão das pesquisas sobre os museus no contexto da organização do conhecimento em espaços museológicos, com subtópico direcionado ao papel do museu na sociedade, com aspectos relevantes do museu como: a pesquisa, memória, patrimônio e informação.

No segundo momento é direcionado a compreensão da organização do conhecimento em museus, por meio da perspectiva teórica da ciência da informação e museus e por fim adentra do contexto do objeto desta pesquisa: a exposição permanente da pimenta-do-reino do Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu-PA.

3.1 Museus e seu papel na sociedade: espaço de memória, pesquisa e informação.

A origem dos museus, bibliotecas e arquivos se cruza em diversos momentos do desenvolvimento da humanidade e processos históricos, e estas instituições desempenham papel importante na sociedade.

Visto que estas instituições se preocupam com a preservação, conservação dos documentos, objetos e conhecimentos se preocupam com a preservação e transmissão das experiências e conhecimentos acumulados por meio de registros (documentos, livros, objetos, registros) visando a recuperação e disseminação para as gerações futuras.

A parte dedicada ao estudo sobre museus é o que chamamos etimologicamente de museologia (Desvallées e Mairesse, 2013). A instituição museológica, por vezes, tem um entendimento de que nesse espaço é voltado para exposições, esquecendo de considerar que os museus apresentam uma dimensão social, cultural, entretenimento, educação e de divulgação científica. Diante desses aspectos, segue o entendimento de museus:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para

educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (INSTITUTO..., 2023).

O ICOM (Conselho Internacional de Museus) é o órgão não governamental (criado em 1946), conselho consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU (Organização das Nações Unidas). Os museus possuem legislação própria, nacionalmente por meio da Lei nº. 11.904, de 14 de janeiro de 2009 (Institui o Estatuto de Museus no Brasil) e traz o entendimento de museu:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (Brasil, 2009).

Os museus são no geral instituições sem fins lucrativos que visam a preservação, colecionismo, pesquisa, educação a partir da exposição dos seus patrimônios, seja ele material ou imaterial, divididos e organizados sejam por temas, abordagens ou sob perspectivas diversas e sob interfaces na educação, pesquisa, patrimônio e memória.

No Brasil, o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus, criado em 2009) é responsável pela Política Nacional de Museus (PNM), promove políticas de fomento e controle na gestão de museus.

No texto *“A informação no museu”*, Marilúcia Bottallo (2011) destaca a importância dos museus na preservação da história e da cultura, bem como para a educação e o entretenimento. Segundo a autora, os museus são espaços que permitem ao público conhecer e compreender o mundo em que vivemos, além de promoverem reflexão a respeito de questões sociais, políticas e culturais. Além disso, os museus também são potencializadores no desenvolvimento econômico e turístico de uma determinada região, por meio da atração de visitantes, gerando empregos, preservando e divulgando parte da história e cultura do povo, comunidade, região ou local.

As instituições museológicas oferecem fontes valiosas de informação (subsídios) para pesquisadores e estudiosos, através do acesso aos seus acervos e suas coleções, que podem ser utilizados para estudos, pesquisas e análises. A criação e o desenvolvimento dos museus trazem outros apontamentos e reflexões acerca do seu papel e importância no contexto de preservação e conservação:

(...) preocupadas com a preservação e conservação dos bens culturais e com as exposições realizadas para o público que os visitava, se tornava evidente. Deu-se início as questões relacionadas com a construção do conhecimento, fundamentado nas diferentes áreas do saber, estimulando o tratamento documental desses objetos preservados de modo que o público não só observasse o suporte físico exposto, mas também e, principalmente, compreendesse a história do objeto e suas particularidades que fizeram dele um bem cultural da sociedade. As instituições museológicas começam a se reformular, e a preocupação com a disseminação da informação passa ser necessária. Os objetos ao ser incorporados nos museus são ordenados, classificados, interpretados, analisados e divulgados de maneira que o público possa construir seu próprio conhecimento, por meio das exposições, ações educativas e culturais do museu (Padilha, 2014b, p. 33).

Considera-se que o papel dos museus vai além do processo de guarda e preservação dos itens museológicos, a necessidade de contextualização do objeto, do recorte informacional, a maneira como a informação é contida no objeto é modo que é representada ao público.

Nota-se que o espaço museológico pode ser além da exposição, a função social é peculiar desses locais e as contribuições são significativas no espaço de pesquisa, memória, patrimônio e informação. A função social dos museus é servir como um instrumento de reflexão social na sociedade, atendendo às necessidades do homem como indivíduo e como ser social.

Os espaços museológicos procuram alcançar novos públicos e fazer a diferença na vida das pessoas, promovendo a aprendizagem e o conhecimento de uma variedade de competências cognitivas, como o pensamento divergente, a análise crítica e uma melhor compreensão do passado e da complexidade do mundo (Oliveira, 2013).

Segundo Ferrez (1994) aponta que os museus e o campo da museologia estão direcionados para as questões de preservação, pesquisa e as evidências dos objetos com homem e o meio ambiente (patrimônio cultural e natural) isso implica outras etapas como coleta, aquisição, armazenamento, conservação e restauração para posteriormente documentá-las.

Nesse processo de documentação museológica, é fundamental a realização das exposições dos objetos, que por sua vez são cheios de simbologias, signos, significados e linguagens. Todo esse processo é necessário para recuperar e representar tais informações embutidas nas coleções museológicas.

a. Museus e memória

Os museus oferecem subsídios da preservação da informação memorialística, apresentando-se como guardiões e disseminadores dessas memórias, pois tais espaços são dinâmicos de construções, reconstruções e representações da memória sendo fonte de informação indispensável para a sociedade em esferas culturais e educacionais, desempenhando o papel social na construção de mentalidades críticas e conscientes dos seus valores e do espaço de vivência.

As instituições museológicas atuam como agentes de transformação social na preservação e na disseminação da memória e da informação museológica, além do papel sociocultural relevante na construção de uma sociedade mais crítica e reflexiva (Sampaio e Oliveira, 2013).

Segundo Braz e Braz (2015?) às instituições de memória surgiram da necessidade de possibilitar a organização e o acesso aos registros do conhecimento nas suas diversas formas de materialização. Chama-se atenção para as instituições como: arquivos, bibliotecas e museus, tais instituições têm como papel a preservação da história e do conhecimento por meio da salvaguarda e disseminação da memória e da informação.

Sendo responsáveis por resguardar os registros do conhecimento em suas diversas formas de materialização, como signos, sons, imagens fixas e em movimento. Além disso, possuem a responsabilidade de sistematizar práticas de conservação e acesso aos registros, garantindo a acessibilidade e encontrabilidade desses objetos para as gerações atuais e futuras de usuários. Em suma, as instituições de memória são fundamentais para a preservação da história e do conhecimento, garantindo que esses registros sejam acessíveis e encontrados pela sociedade.

Os espaços de memória são atrelados aos museus pelo fato de preservarem e divulgarem a história e a cultura de uma sociedade, comunidade ou região. Por meio das coleções e exposições, permite acesso ao público aos itens museais e às informações, esse contato remete ao entendimento do passado e do futuro, contribuindo para a construção da memória coletiva.

Além disso, as instituições museológicas promovem atividades educativas e culturais que ajudam a manter viva a memória de eventos e personagens importantes da história. Salienta que nos museus se encontram os acervos e

coleções que podem ser utilizados para estudos, análises e pesquisas. E a diversidade de objetos e a especificidade de cada um nas coleções requer um trabalho interdisciplinar e colaborativo entre equipes (Bottallo, 2011). Os campos de pesquisa em museus podem abranger diversas áreas do conhecimento, como história, antropologia, arqueologia, arte, entre outras, e tais resultados contribuem na produção de conhecimento e na preservação da história e da cultura da sociedade.

A questão da memória envolve no primeiro momento a circulação de documentos e a disseminação de informações como inquietações da Ciência da Informação, na preservação da memória e da história. Em um segundo momento os museus são visibilizados como espaços de identidade e memória, onde a comunicação ocorre por meio de exposições envolvendo uma reflexão contínua sobre o papel social da instituição frente às demandas postas pela contemporaneidade (Paula e Silva, 2019).

No contexto da CI os museus a preocupação com memória não apenas sentido de preservação e memória e sim no processo da documentação museológica, na organização e representação do conhecimento no intuito da recuperação da informação dos museus e busca do conteúdo das coleções museológicas, e:

Considerando os museus também como espaço da memória das culturas, podemos refletir sobre a forma como os usuários buscam e recuperam a informação representada e organizada, bem como podem se apropriar da memória, cultura e conhecimentos. Os museus e seus acervos desempenham um papel político ao representar grupos sociais através de coleções etnográficas - qualificando o objeto etnográfico como documento, patrimônio e arte – servido a preservação, acesso e apropriação da memória e como subsídio para mudanças sociais e culturais (Galvão, Bernardes, 2011, p. 131).

A interdisciplinaridade entre a Ciência da Informação e a Museologia possibilita várias abordagens e discussões em torno da temática de memória. A apropriação do conceito de memória na legitimidade das instituições museológicas contribui na preservação da memória coletiva e social, reproduzidor de vivências, identidade, tradições, produção cultural e na construção de novas identidades e informações para a sociedade.

b. Museus e pesquisa.

O ato de colecionar é um hábito desde o homem pré-histórico, que já colecionava objetos. O Museu da Alexandria é um dos primeiros museus da antiguidade (criado por Ptolomeu, século III a.C., no Egito), fazendo parte do conjunto de educação e pesquisa na Biblioteca de Alexandria. Durante a Idade Média, a sociedade se direcionou ao misticismo religioso e ao desconhecimento das ciências.

Com o Renascimento, houve o desenvolvimento do conhecimento e das grandes navegações, séculos XVI e XVII, surgem os gabinetes de curiosidades e os palácios europeus. Ao iniciarem as exposições, com esses gabinetes, há interesse pelas ciências naturais que ganham espaços nos museus, assim como nascem os jardins botânicos e conseqüentemente o surgimento das coleções.

Os museus tornam públicas as visitas e exposições e com mundo moderno e contemporâneo ocasiona o acúmulo de objetos e a ideia sobre os museus passam a ter uma visão de profissionalização e qualificação (Disaró; Sedor, 2017) em suas atividades nesses espaços pensando para além da exposição, como, por exemplo: espaços de pesquisa.

A partir da compreensão do processo dos museus durante o processo histórico, do ato de colecionar, da criação dos gabinetes de curiosidades, da construção dos jardins botânicos e da abertura das exposições livres ao público, percebe-se que, ao decorrer dos séculos. Lopes (2009), cita o papel e a importância das instituições museológicas no processo histórico da construção da pesquisa científica.

Na região Norte, temos como exemplo de uma instituição que atua nesse segmento, o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), mantido pelo MCTI (Ministério de Ciência, Tecnologia e Informação) como centro de referência em pesquisa da região, até os dias atuais conta com publicações: “*Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*” e o “*Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Naturais*” proporcionando a visibilidade das publicações científicas por quase um século desenvolvidas na região amazônica.

A exemplo do MPEG, há outras instituições museológicas que cedem seu espaço não apenas para pesquisa, como o Museu do Instituto Evandro Chagas (MEV) que preserva a história e ações da saúde pública no Brasil. Assim como oferece um espaço educativo para a comunidade escolar da região metropolitana de Belém e conta com base para pesquisas referentes à saúde pública na Amazônia.

Uma das pesquisas em museus é a documentação museológica, item que ganha destaque na museologia. Padilha (2014b), em sua dissertação, aponta o museu como um espaço destinado à pesquisa e à documentação museológica como meio de atender às necessidades informacionais do pesquisador especializado que investiga o objeto museológico como fonte de informação.

Observa-se que desde os primeiros gabinetes de curiosidades com a abertura dos museus ao público estes espaços deixaram de ser espaços expositivos e ganham uma nova amplitude como de espaços informacionais colaborando com divulgação científica.

Por meio das ciências, além de que esses espaços desenvolvem atividades educativas, exposições, palestras, eventos para o público como maneira de integração da sociedade com o espaço museológico, assim como os objetos de coleções podem ser fonte de pesquisa ou social para a compreensão de um fato ou fenômeno.

c. Museus e informação.

Como foi descrito na seção “2.2.1 Informação” sabe-se que a interdisciplinaridade da Museologia e Ciência da Informação perpassa a informação em museus que dá origem a indagações de como representar o objeto museológico pensando de maneira a qual levar a questão de toda informação contida no objeto.

A reflexão acerca da questão da informação em museus nos remete à origem da acumulação de objetos nesses espaços. Nota-se que essas instituições tinham a tradição voltada ao objeto com o decorrer do tempo essa visão ganhou uma nova perspectiva: deixa de visualizar o objeto como um objeto sacralizado e começa a preocupação na análise informacional do objeto e suas vertentes como a dimensão social e cultural do item museológico.

O objeto museológico é uma fonte de pesquisa devido às características intrínsecas e extrínsecas³ (Castro, 1999) e somente com a criação e o fortalecimento

³ Os objetos produzidos pelo homem são portadores de informações intrínsecas e extrínsecas que, para uma abordagem museológica, precisam ser identificadas. As informações intrínsecas são as deduzidas do próprio objeto, através da análise das suas propriedades físicas. As extrínsecas, denominadas por Mensch (1987) de informações documental e contextual, são aquelas obtidas de outras fontes que não o objeto e que só muito recentemente vêm recebendo mais atenção por parte dos encarregados de administrar coleções museológicas.

de políticas e diretrizes sobre os museus se inicia a ideia dos objetos museais como fontes de informação:

Partindo-se do pressuposto de que objetos / documentos são suportes de informação, o grande desafio de um museu é preservar o objeto e a possibilidade de informação que ele contém e que o qualifica como documento. Portanto, deve-se entender a preservação não como um fim, mas como um meio de se instaurar o processo de comunicação (Cândido, 2006, p. 32).

Otlet (1934) em seu tratado de documentação já reconhecia os objetos museológicos e os demais documentos (fotos, áudio, vídeo) como fonte de informação semelhante aos livros. Assim com nas bibliotecas e arquivos, onde um item recebe o tratamento informacional, os itens museológicos recebem esse olhar individualizado:

O objeto museológico deve ser visto como único dentro de uma coleção, identificado em suas múltiplas possibilidades de abordagem, numerado peça por peça, de forma completa, por meio do seu registro individual. Estabelece-se um código único de registro ou inventário, representando o elemento básico de todo o sistema de identificação e controle do objeto (Padilha, 2014b, p. 41)

Museu, objeto e informação caminham lado a lado enquanto os museus participam na produção do conhecimento, da documentação museológica e o museu deve trabalhar com um sentido ao apresentar esse objeto ou coleção que estes possam transmitir informações de significado e conhecimento porque o museu trabalha com objetos simbólicos (Lara Filho, 2009).

A criação e o fortalecimento das políticas e diretrizes sobre os museus inicia um novo olhar na questão informacional, documental e tecnológica aos museus. Não esquecendo que os museus abrigam dentro dos seus espaços as documentações (entendimento de documentação na visão de Otlet) fazem parte do contexto informacional museológico e contribuem no percurso museológico com informações acerca de memória, patrimônio, pesquisa e dados:

Embora tida como uma atividade tão antiga quanto as instituições que a abrigam, a documentação de museus desenvolveu-se lentamente, ficou à margem ou à deriva durante muito tempo, realizada sem método e considerada como a “parente pobre” dentre as atividades dessas instituições (Olcina 1986: 307). A partir do início do século XX, na Europa, especialmente entre 1927 e 1945, organismos de porte internacional como o *L'Office International des Musées* (O.I.M)¹ procuraram dar a essa documentação uma feição mais especializada, ainda que num primeiro

momento de forma indireta, pois nesse período privilegiavam-se mais os registros de posse e propriedade das chamadas obras de arte, como garantia e salvaguarda contra roubos (Ceravolo; Tálamo, 2000, p. 241).

A informação em museus representa um campo de pesquisas de dimensões variadas na qual os profissionais ou especialistas precisam desenvolver suas atividades de tratamento da informação em museus, que devem ser pautadas em princípios metodológicos de organização e representação do conhecimento.

Segundo Castro (1999), a área do museu carece de uma estrutura para fortalecer as questões de linguagens documentais próprias. Para museus e para desenvolverem sistema de recuperação das informações que permita a transmissão e distribuição de informação, segundo o autor, o museu permanece estático no seu tempo eterno, alheio ao intercâmbio social e distante da diversidade cultural.

Os museus vêm sofrendo transformações e indagações acerca da sua função social, educacional e de pesquisa, principalmente a partir do século XX estas instituições passaram a se preocupar com a democratização e de como disponibilizar as informações de suas coleções ao público.

Vasconcellos, Funari e Carvalho (2015) descrevem que os museus com seus objetos, imagens e representações criam referências ao público (informação e conhecimento) na questão de debates sobre temáticas que promovam identidade e memórias:

Não se trata mais de promover a identidade de cima para baixo, como fazem os grandes museus nacionais a partir do século XIX, mas de buscar compreender as razões e os novos olhares que diferentes profissionais, além do próprio público, vêm trazendo para o universo dos museus, colocando-os no centro de novos e promissores debates (Vasconcellos, Funari e Carvalho, 2015, sem paginação).

A informação em museus atravessa várias questões desde da organização e representação do conhecimento em museus visto que instituições museológicas são responsáveis pela preservação, conservação e divulgação sobre a história e a cultura de uma comunidade/ sociedade e a faceta humanista da ciência da informação com a museologia.

Podendo auxiliar na interpretação e tratamento do arranjo dos objetos das coleções, no desenvolvimento de instrumentos de representação e organização para a área (como, por exemplo, tesouros). Possibilitando a recuperação informação de maneira eficaz dos objetos, peças, documentos e outros itens que fazem parte dos

seus acervos e coleções que são símbolos de representação do patrimônio material e imaterial de uma comunidade. Contêm informações valiosas sobre o passado e asseguram memórias, histórias, identidade e reflexões para gerações futuras.

3.2 Organização do conhecimento: uma análise para museus

Na seção “2.2 Apontamentos da organização do conhecimento e representação do conhecimento na ciência da informação” foram apresentados conceitos e entendimentos acerca da organização e representação do conhecimento. A organização do conhecimento é uma área que se estabelece por bases teóricas nos princípios de classificação que posteriormente colabora com a construção “(...) elaboração de sistemas de conceitos, expressões de busca e significação da informação recuperada em bases de dados” (CONGRESSO..., p. 269, 2019).

As novas tecnologias da informação e comunicação conduzem à ideia de informação e do conhecimento e da importância desses elementos na sociedade, na qual as bibliotecas, museus e arquivos são instituições “chaves” para a organização do conhecimento no Estado Moderno (Gómez, 2011).

Trazendo a questão para os dias atuais, as tendências e pesquisas da organização do conhecimento, com técnicas e teorias, surgem da necessidade humana de organizar, simbolizar e representar os objetos, artefatos e itens e a disponibilização da informação é um dos problemas que a CI se preocupa em responder, porém, é preciso compreender:

Os processos de organização do conhecimento associados às práticas e técnicas de representação contribuíram para o advento de um campo de estudo denominado Organização do Conhecimento, essencial no contexto da Ciência da Informação, na medida em que representa grande parte de suas pesquisas teóricas e instrumentais. Para que os registros do conhecimento sejam recuperados, é necessária a realização de um conjunto de procedimentos que visam facilitar o seu acesso e uso pelas gerações atual e futura. Trata-se de um domínio de estudo estratégico que aponta para perspectivas diversas, sobretudo, para os desafios acerca dos diferentes processos informacionais, considerando a complexidade que envolve a relação entre a informação, os usuários e as condições de mediação da informação. (Santos, Neves, Souza, 2019, p. 95-96).

Algumas atividades realizadas em bibliotecas e arquivos se cruzam com as atividades desenvolvidas nos espaços museológicos como as questões relacionadas com a organização de conhecimento, remete aos objetos e as coleções e possibilita

novos horizontes para a documentação museológica e juntamente os métodos de tratamento de informações em museus. Isso é possível em virtude das ferramentas utilizadas na CI que aperfeiçoam os processos de tratamento informacional no ambiente museal.

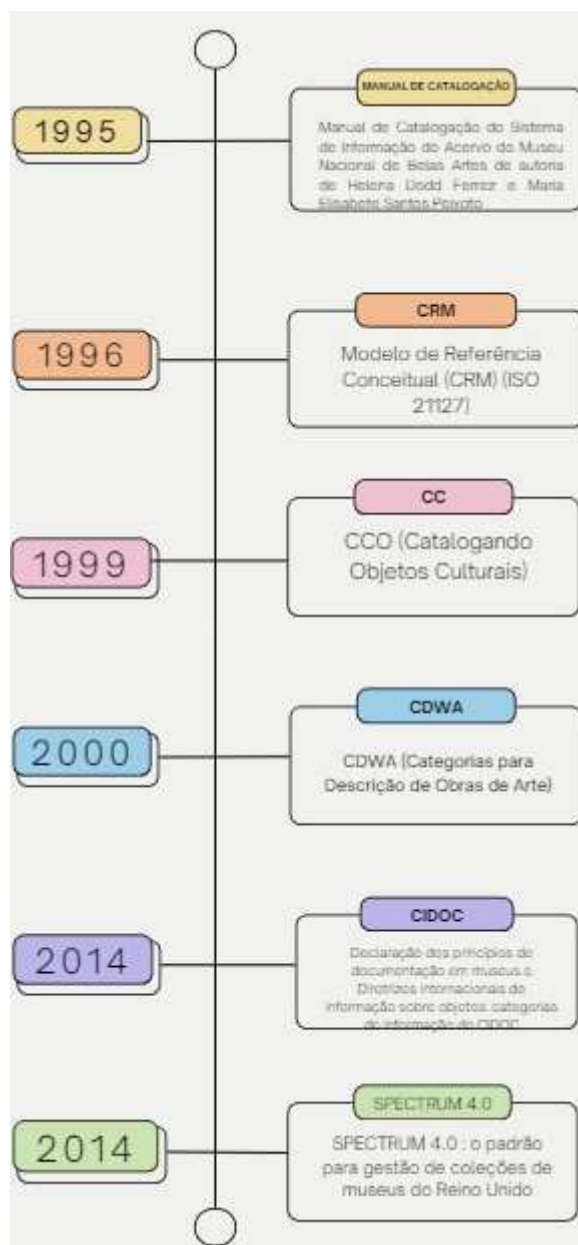
Para orientar com metodologias as práticas de gestão e coleções museológicas o Comitê Internacional de Documentação (CIDOC) com o Conselho Internacional de Museus (ICOM) desenvolveram a “*Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC*” com a intenção de apresentar conceitos, métodos e procedimentos para o trabalho dos profissionais que atuam no trabalho técnico dos acervos museológicos visando ampliar a produção de conhecimento:

A documentação em museus envolve o desenvolvimento e a utilização de informações sobre os objetos que fazem parte do acervo e os procedimentos que auxiliam a sua administração. Essas informações deverão ser registradas por escrito ou inseridas no sistema informatizado de documentação do museu, devendo ser acessíveis aos funcionários, pesquisadores e ao público em geral. Com uma documentação eficiente, o museu poderá facilitar o desenvolvimento dos seguintes processos:

- políticas de acervo;
- cuidados e prestação de contas em relação ao acervo;
- acesso, interpretação e utilização do acervo;
- pesquisa do acervo (CIDOC e ICOM, 2014, pg. 19).

Além da *Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC* na literatura foi possível identificar outras iniciativas ligadas a documentação museológica relacionada a questão de gestão em museus que utilizam padrões ou diretrizes norteadoras na organização e representação do conhecimento em museus, como apresentado na figura 02 apresentando uma linha do tempo com algumas dessas iniciativas:

Figura 02 - Linha do tempo com iniciativas de descrição em documentação museológica.



Fonte: autora (2024).

A museologia, assim como a biblioteconomia e a arquivologia, são ciências que trabalham com técnicas de informacional de seus acervos. A cada área compete o desenvolvimento de técnicas, metodologias e diretrizes que tratam dos casos específicos para o tratamento técnico informacional de seus itens.

Nos museus já existem discussões acerca da documentação museológica devido o advento da internet e explosão informacional e na preocupação da disponibilização das informações acerca das coleções, controle de registro, padronização de ferramentas e aperfeiçoamento de técnicas inclui na reflexão da análise do tratamento informacional em museus, distinguindo que:

Para analisar o fluxo de processamento da informação nos museus é preciso distinguir dois processos paralelos e diferenciados. Um é o fluxo e tratamento do objeto como suporte e o outro é o tratamento e a organização das informações tendo em vista o acesso e a sua recuperação. Uma vez assim dispostos, pode-se compreender que no fluxo do tratamento da informação é possível aplicar princípios da Análise Documentária (AD), disciplina de natureza metodológica que visa à elaboração de produtos documentários. No caso de registros escritos, ocorre que as suas características físicas (título, autor, formato, paginação, etc.) foram ao longo do tempo motivo de normalização crescente, de modo que a representação descritiva experimentou avanços superiores à descrição do conteúdo. De fato, o tratamento e a recuperação dos conteúdos experimentou distintos e crescentes obstáculos. No caso dos museus a situação não se repete, já que neles a regra consiste justamente na imensa variedade de suportes físicos não padronizados que constituem as coleções. Acrescenta-se a isso o problema de que nem sempre é possível, nesse contexto, estabelecer uma distinção entre suporte e conteúdo, já que o próprio suporte se constitui, por vezes, em parte do conteúdo (Ceravolo; Tálamo, 2007, p. 6-7).

O fluxo de processamento da informação em museus se dará em dois processos distintos, nesta seção o decorrer da pesquisa é centrado na organização, representação e disponibilização da informação museológica a partir das metodologias, práticas e pesquisas que norteiam a documentação museológica.

Os museus, diante do seu “(...) papel social, cultural e administrativo em relação à comunidade da qual fazem parte. Recolher, tratar, transferir, difundir informações é objetivo comum das instituições de informação, preservação, cultura e memória”(Padilha, 2014a, p.14-15).

Existe a necessidade de atender as demandas informacionais, entretenimento, pesquisa e extensão dos espaços museológicos, devido à variedade de objetos, documentos e suas tipologias, essa variedade necessita de meios de organização e representação do conhecimento voltado para documentação museológica.

Buscou-se na literatura as dissertações que abordassem técnicas, instrumentos, pesquisas ou práticas que remetem à organização do conhecimento em museus e se chegou a algumas pesquisas, como:

- Juliana Monteiro, “*Documentação em museus e objeto documento: noções e práticas*”;
- Sílvia Nathaly Yassuda, “*Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista*”;
- Mateus da Silva Reis, “*Análise do tratamento da informação no museu do Instituto histórico e geográfico do Pará*”;

- Victor Pinheiro Louvisi, *“Organização da informação de coleções musealizadas”*;
- Sandra Regina Coelho da Rosa, *“Coleção Carmen Sousa do museu da Universidade Federal do Pará (MUFGA): uma proposta de instrumento de pesquisa pelo Software Access to Memory (AtoM)”*;
- Raul de Azevedo Carvalho *“A análise de assunto no contexto museológico: aplicação do protocolo verbal individual em museus da UFPA e no MPEG”*;
- Janine Menezes Y Ojeda, *“O objeto não fala por si só: o papel da mediação documentária nos acervos musealizados”*;
- Dora Maria dos Santos Galas, *“O som do silêncio: ecos e rastros documentais de vinte e seis esculturas afro da coleção Estácio de Lima”*;
- Andréa de Brito, *“A construção de um sistema de documentação para o acervo do MAFRO/UFBA”*;
- Leonardo Hermes Lemos *“A representação da informação em ecomuseus”*;
- Josefa Xavier de Paula, *“A representação da informação de acervos etnográficos: uma abordagem dos museus da região sul do Brasil”*;
- Cristina Hilsdorf Barbanti *“Representação e recuperação da informação em centros de memória”*.

Hjørland (2003) destaca nos fundamentos teóricos da organização do conhecimento e outros pontos como conceitos, critérios para inclusão de classe, significado, indexação, relações semânticas, assuntos, pontos de acesso e a questão social das coleções.

As coleções/objetos museológicos são cheios de significados, simbolismos e representações para uma comunidade e as contribuições da OC no cunho histórico-social, direito de memória, identidade e de patrimônio para um grupo, comunidade ou nação. A documentação museológica se aproxima da organização e representação do Conhecimento⁴:

A documentação museológica representa um dos aspectos da gestão dos museus destinada ao tratamento da informação em todos os âmbitos, desde a entrada do objeto no museu até a exposição. Neste processo estão

⁴ Na ciência da informação, é a área de estudos voltada às atividades de organização, representação e recuperação da informação. Dentre seus limites de atuação, tenta responder a como se representa o conhecimento; se as áreas do conhecimento são representadas da mesma maneira; o que pode ser representado; e se tudo pode ser representado (Lima; Alvares, 2012, p. 27-28).

envolvidas tarefas direcionadas à coleta, armazenamento, tratamento, organização, disseminação e recuperação da informação. Considerando os documentos como registros da atividade humana, a documentação serve como instrumento de comunicação e preservação da informação no âmbito da memória social e da pesquisa científica (Yassuda, 2009, p. 22).

A documentação museológica engloba uma diversidade de acervos, de origem de naturezas diversas e assim como os suportes de informação, de maneira geral a documentação museológica com suas diretrizes focam na busca, reunião, organização, preservação e disponibilização das informações em quaisquer suportes.

A partir dessa premissa, observa-se a necessidade de uma metodologia para que a busca, o registro e a disponibilização das informações sobre o acervo possam ser organizados de maneira lógica e padrão. De acordo com normas pré-estabelecidas, pelo menos na tentativa de padronização, pois em museus há uma diversidade de suportes e objetos que precisam de uma análise diferenciada para o tratamento informacional.

A organização do conhecimento na perspectiva da CI e da Museologia, apresenta objetos museológicos nas formas de comunicação, informação e conhecimento, apontando a necessidade de distinguir as propriedades da informação museológica para a mensagem ser decomposta, compreendida, analisada, gerida e representada a informação Paula e Silva (2019).

As autoras citam como Le Coadic (1996) e Lima (2015?) abordam a interdisciplinaridade entre as áreas e a necessidade de desenvolver metodologias e ferramentas específicas para a organização e acesso à informação museológica, considerando as especificidades dos objetos museológicos e das coleções para a organização do conhecimento, bem como a necessidade de promover a acessibilidade e a inclusão social por meio da representação da informação.

3.2.1 Representação do conhecimento por meio de Fichas Catalográficas.

Na busca de pesquisas que tratem de métodos ou propostas da organização do conhecimento em museus que abordam tanto a parte da representação descritiva e temática da informação museológica, por meio da aplicabilidade das fichas catalográficas, foram selecionadas pesquisas que servirão de embasamento para a escolha do método de pesquisa a ser utilizado neste trabalho.

O ato de descrever por meio da catalogação remontam aos anos de 1545

com desenvolveu um catálogo dos livros ingleses com regras para o registro de obras e gerando os acessos (entradas) por nomes pessoais pelo sobrenome, título, assunto, para as obras anônimas, usou tanto o título como o assunto e às vezes ambos; estabeleceu o princípio de entrada uniforme para a Bíblia; defendeu a ideia de que um livro deva ser encontrado tanto pelo sobrenome do autor como pelo assunto e pelo tradutor; incluiu em seus registros: tradutor, impressor ou a pessoa para quem foi impresso, data e número do volume (Mey, 1995).

Nas bibliotecas, a catalogação apresenta um viés voltado para a identificação, descrição e localização do item no acervo, contendo apenas as informações necessárias para atender a seus objetivos institucionais. Isso é possível por meio da descrição materializada por meio da catalogação. A catalogação de documentos de bibliotecas (livros, por exemplo) permite que livros e demais publicações sejam organizados em acervos e que as informações contidas ali sejam recuperadas no sistema. Auxiliando na padronização de dados e sendo desenvolvido por bibliotecários, seguindo as regras do Código (AACR2)(CÂMARA..., 2024?).

A atividade da catalogação pode ser aplicada em museus, porém cabe ao catalogador ter um nível de entendimento intelectual para atentar a aplicação de áreas e às regras cabíveis ao item descrito. Ao visto, que para tratar coleções em museu, demanda um olhar diferenciado no ato de catalogar, devido às características específicas dos objetos. Tal atividade requer, além do enquadramento em normativas, e sim também no quesito intelectual, interpretação e pesquisa, pois a atividade requer a organização e representação do conhecimento de um item.

Na arquivologia não há propriamente uma descrição ao nível de catalogação como aplicado na biblioteconomia e na museológica, porém há uma norma geral internacional de descrição arquivística — ISAD(G) que contém elementos para qualquer descrição em arquivos além do subsídio teórico para os países elaborarem suas próprias normas de descrição arquivística, porém não se configura como uma ficha catalográfica e sim apresenta aspecto de descrição por metadados. A exemplo da descrição no campo arquivístico, temos o projeto AtoM (Access to memory) que visa a divulgação e disponibilização dos acervos na internet e sua organização conforme as normas internacionais.

A dissertação da Sílvia Nathaly Yassuda com o título “Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista” descreve que o museu apresenta uma diversidade materiais nos mais variados suportes como: iconográficos, tridimensionais e bibliográficos.

Onde a documentação em museus envolve o tratamento informacional das coleções (seguindo o ciclo do registro do objeto até a disseminação da informação, além da gestão da informação por sistema) e a autora aponta a necessidade da aplicabilidade de linguagens documentárias próprias para museus que possibilitem a atender as especificidades dos objetos e proporcionando uma padronização no registro das coleções (Yassuda, 2009).

Yassuda (2009) compara os objetos informacionais das bibliotecas e museus cuja finalidade é aprimorar a disseminação e as informações relevantes de suas coleções, proporcionando uma proximidade entre o objeto e o usuário/pesquisador e essa proximidade e a partir do fluxo informacional, nasce a reflexão de como atender a necessidade informacional dos usuários, já que nessas circunstâncias os museus contribuem para a preservação da memória.

A autora acima segue percorrendo acerca das bibliotecas visto que estas priorizam a questão informacional dos usuários, como se observa nos sistemas informatizados, enquanto por muito tempo (como já foi descrito em seções anteriores) os museus tinham seu papel voltado à preservação e conservação das suas coleções museológicas.

Assim como os percursos de bibliotecas, os museus e arquivos se aproximam pelas características interdisciplinares e pelo percurso histórico social destas instituições, ambas apresentam suas normas e regras.

Yassuda (2009) apresenta o tratamento descritivo da informação, denominado como catalogação. Essa escolha se baseou no fato da catalogação apresentar suas normativas e regras internacionais em bibliotecas. Contribuem na propagação e intercâmbio de informações e, considerando que essas questões no espaço museológico, precisa que essa catalogação atenda às especificidades da documentação museológica com os mais variados suportes e tipos de informações.

A atividade da catalogação pode ser aplicada em museus, porém cabe ao catalogador ter um nível de entendimento intelectual para atentar a aplicação de áreas e às regras cabíveis ao item descrito. Ao visto, que para tratar coleções em museu, demanda um olhar diferenciado no ato de catalogar, devido às

características específicas dos objetos. Tal atividade requer, além do enquadramento em normativas, e sim também no quesito intelectual, interpretação e pesquisa, pois a atividade requer a organização e representação do conhecimento de um item.

No quadro 2 são apresentadas as diferenças do ato da catalogação entre bibliotecas e museus.

Quadro 02 - Especificidades da catalogação em bibliotecas e museus

CATALOGAÇÃO	BIBLIOTECAS	MUSEUS
Função	localização do item no acervo; descrição	localização do item no acervo, descrição, fonte de informação para pesquisa
Descrição	sucinta	detalhada
Uso de padrões	padrão internacional	as instituições geralmente utilizam um padrão interno
Responsável pela catalogação	bibliotecário	curador
Tempo	em média 30 minutos*	indeterminado
A quem se destina	ao usuário	ao pesquisador ¹⁵
Quanto ao preenchimento dos campos da ficha	todos os campos devem ser preferencialmente preenchidos	o preenchimento é variável, dificilmente todos os campos serão preenchidos
Fonte de informação	o próprio livro	o objeto, o doador, o laudo técnico, bibliografias especializadas, etc.

Fonte: Yassuda (2009, p. 15)

Pela descrição da autora, ela observa todo o processo de tratamento da informação pelo código de catalogação como o Anglo American Cataloging Rules (Código, 2002) por meio de fichas catalográficas e enfatiza que este, por exemplo, adota normas internacionais de padronização de descrição da Internacional Standard Bibliographic Description (ISBD) e que permite intercâmbio de informação.

Diferentemente dos museus, onde a catalogação desempenha um papel detalhado da descrição do item e é mais amplo e complexo no contexto de descrição (biografia, identificação, características físicas e localização no acervo).

Nas literaturas consultadas o ato de catalogar por fichas se observa que há várias nomenclaturas para as fichas como apontados no Quadro 03.

Quadro 03 - Nomenclaturas das fichas descritivas na literatura

Nomeclatura	Descrição/ Conceito	Campo descritivo
--------------------	----------------------------	-------------------------

Ficha Catalográfica	“(…) é um recurso fundamental e muito utilizado pela área de documentação museológica. Ela não é um documento, mas uma ferramenta de trabalho que reúne uma série de informações que, de outra forma, estariam dispersas. (Associação..., 2010, p.63)”	A) Dados gerais do Museu B) Dados Jurídico-Administrativos do Objeto (Dados administrativos do objeto, dados físicos e culturais, conservação e restauro, responsabilidades, inscrições, dados sobre a trajetória museológica dos objetos
Ficha Catalográfica	“Compilação e manutenção de informações importantes por meio da descrição sistemática dos objetos da coleção, incluindo a organização dessas informações para formar um arquivo catalográfico dos objetos (COMITÊ..., 2014, p.41)”	Não descreve os campos por se tratar de um documento de diretrizes ele aponta para grupos e categorias incluídos nas Diretrizes, apresentados no quadro 06.
Ficha de catalogação	“(…) um instrumento de auxílio para a documentação dos objetos (Padilha, 2014, p.51)”	A ficha é composta de duas partes: a. Identificação e características do objeto (tombo, registro, objeto, título, dimensão, material, tipo de aquisição, entre outros); b. Informações contextuais (Período, referência bibliográfica, registro, data de registro, objeto associado, estado de conservação e entre outros.)
Ficha museográfica	No livro esse entendimento de fichas são remtidas a “formas de registro gráfico, distinguindo os vários tipos de fichas.” Basea-se no entendimento de Marcel Griaule no livro “Méthode de l’Ethnographie” e “Manuel d’Ethnographie” de Marcel Mauss. (Almeida e Oliveira, (org.), 2018, p. 72)	Tecedor de Abano ou Artesão (ã); Comunidade; Saber/Técnica; Material Utilizado: Ano.

Fonte: A autora (2024)

Observa-se que, em relação à ficha de descrição, são apresentadas terminologias diferentes para o que seria “ficha catalográfica”, mas percebe-se que tais fichas apresentam como finalidade a descrição de informação acerca do artefato em museus e dependendo da finalidade e contexto apresentam uma maior complexidade no ato da descrição de elementos e dados do objeto museológico.

Chega-se ao entendimento de que o ato de descrever a informação ou objeto nas áreas da biblioteca, arquivo ou museu por meio de fichas que estas apresentam ideias e pontos em comuns assim como cada área deve apresentar a característica própria e linguagem a ser utilizada especificamente em cada área. Nos

arquivos não temos o uso de fichas para descrição, apesar de o ato de descrever existir na área.

Em relação no campo museológico a divergência de nomenclatura acerca da “ficha” ora é chamada por ficha catalográfica, ora ficha de catalogação e ora ficha museográfica, ou seja, no que compete a documentação museológica esses termos são sinônimos e relacionado a descrição, porém atendem a especificidade dos campos relacionados às coleções ou objeto a ser descrito.

Na prática, não há uma padronização de fichas catalográficas justamente pela compreensão das informações intrínsecas e extrínsecas relacionadas ao objeto. nesta pesquisa, a ficha catalográfica segue as regras do Código de Catalogação Anglo Americano (AACR2), o código se apresenta estruturado por capítulos que correspondem às regras a serem utilizadas conforme o item a ser tratado. A partir da identificação do item a ser catalogado da coleção do museu, é possível utilizar a regra do capítulo específico para fazer a descrição do objeto, *quadro 04*.

Quadro 04 - Regras, Parte I do AACR2

CAPÍTULO	TEMÁTICAS
Cap. 1	Regras gerais para descrição: materiais bibliográficos variados
Cap. 2	Livros, folhetos e folhas impressas (avulsas), monografia e de maneira geral qualquer item monográfico impresso (não periódico)
Cap. 3	Materiais cartográficos
Cap. 4	Manuscritos (incluindo coleções manuscritas)
Cap. 5	Música impressa (impressa: partituras e partes)
Cap. 6	Gravação de som (registros sonoros: discos, fitas, discos compactos)
Cap. 7	Filmes cinematográficos e gravações de vídeo
Cap. 8	Materiais iconográficos (fotografias, quadros, reproduções).
Cap. 9	Recursos eletrônicos
Cap. 10	Artefatos tridimensionais e realia (objetos, esculturas, jogos)
Cap. 11	Microformas (microfichas, microfilme, microopacos e cartões janelas)
Cap. 12	Recursos Contínuos (antiga: publicações seriadas)
Cap. 13	Análise

Fonte: adaptado pela autora do AACR2.

Outro ponto importante a destacar é que o AACR2 permite ao catalogador elaborar as representações em até três níveis de descrição (isso é determinado segundo a necessidade ou a política de tratamento da informação adotado pela instituição, ou determinado pela equipe da catalogação):

- O primeiro nível de descrição (campos com elementos básicos de descrição do item, *nível básico de descrição*);
- O segundo nível de descrição (campos com elementos mais detalhados de descrição do item, *nível intermediário de descrição*);
- O terceiro nível de descrição (descrição com todos os campos possíveis no Código do item, *nível avançado de descrição*).

A catalogação apresenta outras vantagens, como a localização do item na coleção, e conforme o perfil e necessidade do museu, pode-se criar as fichas catalográficas.

A padronização no tratamento da informação requer um cuidado no uso da linguagem utilizada, ou seja, podendo ser usados tesouros e vocabulários controlados na indexação dos termos, facilitando a recuperação do item em sistemas informatizados (Yassuda, 2009).

No próprio Comitê...(2014) destaca que os museus adotaram normas do AACR2 semelhante às bibliotecas, glossário do CIDOC se descreve a catalogação como “Compilação e manutenção de informações importantes por meio da descrição sistemática dos objetos da coleção, incluindo a organização dessas informações para formar um arquivo catalográfico dos objetos”(CIDOC, 2014, p. 41).

A segunda parte do AACR2 é voltada para as regras de aplicação dos pontos de acesso e as entradas primárias e secundárias, *quadro 05*:

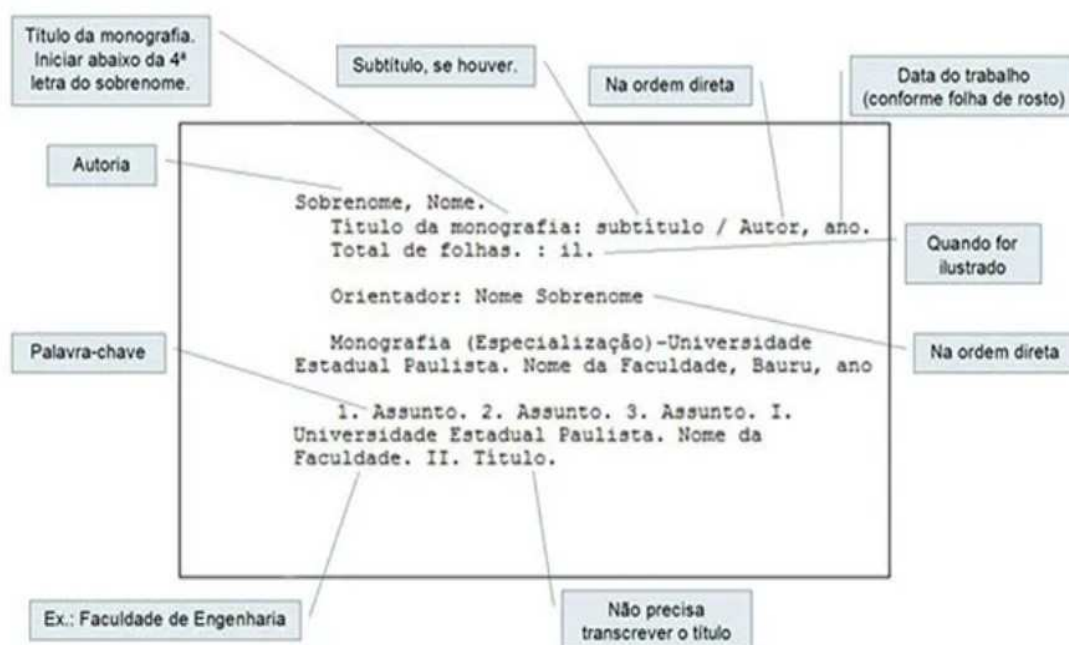
Quadro 05 - Regras, Parte II do AACR2

CAPÍTULO	TEMÁTICAS
Cap. 20	Introdutório à parte II
Cap. 21	Sobre a escolha dos pontos de acesso
Cap. 22	Cabeçalhos dos pontos de acesso para nomes pessoais
Cap. 23	Para nomes geográficos
Cap. 24	Para nomes de entidades coletivas
Cap. 25	Para títulos uniformes
Cap. 26	Sobre elaboração de remissivas

Fonte: adaptado pela autora do AACR2

Para ilustrar essa estrutura de organização dos campos, segue um modelo de ficha catalográfica de livro com o ponto de acesso, título, subtítulo, edição, autoria, data do trabalho, local, editora, número de folhas, notas e palavra-chave, conforme a figura 03.

Figura 03 - Exemplo de ficha catalográfica: livro



Fonte: Vieira, 2023.

Abaixo, em comparativo à ficha catalográfica de livro, segue o exemplo de ficha catalográfica do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (figura 04), onde se pode perceber as especificidades e detalhamentos da catalogação em bibliotecas em comparação à catalogação em museus apontadas no Quadro 02.

Figura 04 - Ficha catalográfica do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ
MIHGP - MUSEU DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ

IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO			
01. Nº de inventário:	02. Coleção:	03. Termo:	04. Nº de inventário anterior:
05. Título:	06. Classificação:	07. Subclassificação:	08. Data de produção:
09. Autoria:	10. Dimensões (Em cm):	11. Origem:	12. Procedência:
13. Modo de aquisição:	14. Data de aquisição:	15. Material / técnica:	
16. Marcas e inscrições:		17. Estado de conservação: () Bom () Regular () Ruim () Pésimo	
18. Descrição do objeto:			
ANÁLISE DO OBJETO			
19. Dados históricos:			
20. Características iconográficas:			
21. Características estilísticas:			
22. Características técnicas:			
CONSERVAÇÃO DO OBJETO			
23. Diagnóstico:			
24. Intervenções anteriores:		25. Recomendações:	
NOTAS			
26. Histórico de exposições / prêmios:			
27. Histórico de publicações:			
28. Referências arquivísticas / bibliográficas:			
29. Valor de seguro:	30. Observações:		31. Localização:
DADOS DE PREENCHIMENTO			
32. Preenchimento / data:			
33. Revisão / data:			
REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA			
34. Imagem frontal	35. Imagem posterior:	36. Fotografia / data:	
		37. Controle:	
		38. Dados da imagem:	

Fonte: Sistema de Documentação do MIHGP

Fonte: Reis, 2020.

A questão da análise do tratamento da informação do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (MIHGP), localizado no Centro Histórico Belém-PA, com enfoque na ficha catalográfica, de maneira interdisciplinar, utilizando os elementos conceituais e metodológicos da Organização do Conhecimento e da Informação. Enfoca o tratamento descritivo no ambiente arquivístico e museológico por meio de observação e utilização das fichas catalográficas, mencionando os pontos positivo e negativo, propondo benfeitorias para uma melhor construção das fichas catalográficas.

Na abordagem do tema do tratamento da informação em museus, o autor relata que, por meio da informação museológica, é possível perceber características de dimensão (suporte) e tematicidade (composição do documento) (Reis, 2020).

Outro ponto significativo na ficha catalográfica é a parte do campo “Assunto” é a parte que compete à análise de assunto, a indexação. Na pesquisa de Carvalho

(2022).

Carvalho (2022) aponta que a documentação no objeto museológico assegura o seu conteúdo informacional. A análise de tema como uma técnica de representação de um documento e como uma técnica de representação da essência de um documento constituem uma etapa crucial no processo de indexação, uma vez que há uma carência de metodologias na literatura da área da Museologia para a prática da análise de tema em museus, interferindo na recuperação adequada da informação nesses espaços.

Diante da questão da indexação de documentos museológicos ressalta a escassez de estudos até pelo fato que o processo de indexação, assim como nas bibliotecas, precisa de estudos, diretrizes e regras que permitam extrair as informações do objeto museológico de acordo com suas especificidades e características.

Diniz (2021) aponta a questão da indexação em objetos museológicos, em fotografias. O autor traz uma diversidade de teorias para serem discutidas e aplicadas no contexto da fotografia como documento museológico. Utiliza o método Pato para analisar a indexação de fotografias no arquivo pessoal de Edson Diniz sobre o grupo Tenetehara — Guajajara.

Carvalho, Fonseca e Redigolo (2021) aponta que documentação museológica e representação temática são modelos para a utilização do processo de indexação em objetos e coleções museológicas, visto que a documentação museológica se aproxima da indexação em bibliotecas é possível refletir na necessidade da indexação ser aprimorada na documentação museológica.

Refletindo na necessidade de indexação em museus, é importante ressaltar no contexto biblioteconômico a representação temática e descritiva é consolidada, enquanto na museologia essa abordagem é recente e graças ao caráter interdisciplinar entre as áreas se faz necessário refletir a questão organização e representação do conhecimento na documentação museológica.

A partir dessas reflexões, é possível levantar pesquisas e estudos que proporcionem as discussões de organização e representação no ambiente museológico, podendo aprimorar ou construir instrumentos, como o AACR2, para fins de descrição temática e descritiva no campo museológico.

A determinação do assunto ou conteúdo abordado no documento, na biblioteconomia, por exemplo, ocorre durante o processo de tratamento documental. Tornando-se essencial para a representação descritiva e temática, uma vez que

cada termo utilizado para descrever os assuntos deve ser cuidadosamente escolhido pelo indexador para auxiliar o usuário na busca de informações.

Mas em museus devemos apreciar as características intrínsecas e extrínsecas dos objetos para a realização da análise na descrição dos objetos. É importante refletir que, mesmo que haja uma diretriz ou modelo para indexação em museus, cabe ao indexador observar que cada objeto ganhará uma análise da informação diferenciada, seguindo as normativas e regras específicas a cada item.

Fazendo uma observação da *Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC* que traz o “Formato dos Grupos de Informação e das Categorias de Informação” e apresenta pontos relevantes (veja Quadro 06 — Grupos e Categorias de Informação do CIDOC), por exemplo, que podem ser agrupados junto a ficha catalográfica.

Quadro 06 - Grupos e Categorias de Informação do CIDOC

Grupos e Categorias de Informação do CIDOC	
Informação sobre Associação de Objeto: Local associado; Data associada; Nome do grupo/indivíduo associado; Tipo de associação Função original	Informação sobre Aquisição: Método de aquisição; Data de Aquisição Fonte da aquisição
Informação sobre Estado de conservação: Estado de conservação; Sumário do estado de conservação; Data de avaliação do estado de conservação	Informação sobre Coleta de Objeto: Local da coleta; Data da coleta; Coletor Método de coleta
Informação sobre Baixa patrimonial e Alienação: Data de baixa patrimonial; Data de alienação Método de alienação; Destinatário da alienação	Informação sobre Registro de Objeto: Proprietário atual; Depositante; Data de entrada; Número de entrada; Motivo da entrada
Informação sobre descrição: Descrição física; Situação do Espécime	Informação sobre Nome de Objeto: Nome do objeto; Tipo de nome do objeto; Autoridade de nome do objeto
Informação sobre Imagem: Tipo de imagem; Número de referência da imagem	Informação sobre Número de Objeto: Número do objeto; Tipo de número do objeto; Data do número do objeto
Informação sobre Instituição: Nome da instituição; Nome da instituição subordinada; Endereço da instituição; País da instituição	Informação sobre Produção de Objeto: Local de produção; Data de produção; Nome do grupo/indivíduo produtor; Função da produção

Informação sobre Localização: Localização atual; Data da localização atual; Tipo de localização atual; Localização usual	Informação sobre Título de Objeto: Título; Tipo de título; Tradução do título
Informação sobre Marca e Inscrição: Texto da marca/inscrição; Tipo de marca/inscrição; Descrição da marca/inscrição; Técnica da marca/inscrição; Posição da marca/inscrição; Idioma da marca/inscrição; Tradução da marca/inscrição	Informação sobre Parte e Componente: Número de partes ou componentes; Descrição de partes e componentes
Informação sobre Material e Técnica: Material Técnica; Descrição de parte ou componente	Informação sobre catalogação: Catalogador; Data de catalogação; Autoridade
Informação sobre Medição: Dimensão Medida; Unidade de medida; Parte medida	Informação sobre Referência: Referência; Tipo de referência
Informação sobre Direitos de Reprodução: Nota sobre direitos de reprodução; Proprietário dos direitos de reprodução	Informação sobre Assunto: Representado; Assunto representado; Descrição do assunto representado

Fonte: adaptado da declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC (2014).

Fazendo as comparações dos Grupos e Categorias de Informação do CIDOC com as regras do AACR2 apresentam pontos em comum que podem ser adaptados para atender o requisito informacional e documental do museu. Como se pode observar, assim como nas bibliotecas, os museus, podem ter suas fichas catalográficas de acordo com suas necessidades informacionais da coleção ou do objeto museológico.

É importante refletir na padronização na linguagem utilizada, como, por exemplo, o uso de tesouros e vocabulários controlados na indexação, assim como na biblioteconomia, para que os termos utilizados nos museus sigam um processo de tratamento da informação e recuperação, auxiliando no processo de organização e representação do conhecimento nos espaços museais.

4 METODOLOGIA

Köche (2011) aponta que a pesquisa descritiva se caracteriza para a questão dos estudos entre elementos de um dado evento sem manipulação dos mesmos. Logo esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa descritiva pois segundo Gil (1991) *apud* Kauark, Manhães, Medeiros (p. 28, 2010) esse tipo de pesquisa:

(...) descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento.

Diante disso, busca-se por meio de análise da temática da organização e representação do conhecimento (representação temática e descritiva) da documentação museológica da coleção permanente existente no Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu-PA (MHIJ/TMA), devido o museu apresentar diversas coleções, foi selecionada apenas uma coleção para análise: a Pimenta-do-Reino.

A escolha pela coleção Pimenta-do-Reino se dá pelo fato do município de Tomé-Açu-PA ser um dos grandes produtores dessa especiaria, sendo que a história do município está ligada à produção e ao cultivo da Pimenta desde a inserção de mudas pelos imigrantes japoneses. O universo desta pesquisa está localizado e mantido pela Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu (ACTA), aberto à visitação do público, mediante pagamento de uma taxa simbólica de visitação, para a manutenção do espaço.

Dito isso, a proposta a análise da organização e a representação do conhecimento na representação temática e descritiva da coleção Pimenta-do-Reino para obter os dados é por meio da realização da observação dos elementos descritivos (informações disponíveis) na coleção permanente Pimenta-do-Reino no museu MHIJ/TMA.

Visa a analisar o tratamento da informação museológica e realizar, para depois, realizar a comparação das informações descritas por um método padronizado de tratamento informacional que auxilie no tratamento descritivo e temático do conhecimento dos objetos.

Neste sentido, a escolha pela coleção da especiaria Pimenta-do-Reino (*Piper nigrum*) se justifica pela importância desta na agricultura no município de Tomé-Açu-PA. E o destaque proporcionado pelo cultivo da Pimenta-do-Reino no município e no estado, considerado o Diamante Negro da Amazônia, na década de 60.

Até os dias atuais o cultivo da pimenta se destaca na produção junto dos Sistemas Agroflorestais (SAF)⁵. E o Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu-Pará apresenta um potencial no resgate da história, da memória e da identidade da comunidade japonesa e na compreensão da formação sócio econômica da região nordeste paraense.

Apresentamos no Quadro 07 o roteiro do procedimento metodológico e a sequência das etapas de pesquisa da exposição permanente da coleção Pimenta-do-Reino no MHIJ/TMA:

Quadro 07 - Etapas do procedimento metodológico de pesquisa

ETAPAS	AÇÕES
1ª	Levantamento das informações acerca da temática por meio de pesquisa bibliográfica para o subsídio teórico sobre o assunto possibilitando conhecer o objeto de análise, os instrumentos de pesquisa e as coletas de dados.
2ª	Neste momento são apresentados o universo da pesquisa, a definição da amostra e os instrumentos de coletas de dados da coleção selecionada do museu.
3ª	A coleta de dados dar-se-á a partir da observação das informações dos objetos da coleção do museu por meio das análises de suas representações.
4ª	Os dados foram tratados e organizados por meio da observação da descrição da informação temática e descritiva presente nos objetos expostos para posteriormente ser realizada a análise e os resultados que serão discutidos nas próximas subseções.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Na sequência da metodologia da pesquisa, será apresentada a descrição das fases da pesquisa, como será a realização da coleta de dados, a forma do tratamento das informações e, por fim, a descrição da análise dos dados para a categorização da análise na pesquisa.

⁵ Agrofloresta ou sistema agroflorestal (SAF) é o uso da terra que consiste na combinação de espécies arbóreas (frutíferas e/ou madeiras) com cultivos agrícolas e/ou criação de animais com o intuito de promover a produção sustentável (Sousa, Wandelli, Araújo, 2019, p. 2).

4.1 Pesquisa Bibliográfica

Na busca de fundamentação teórica se buscou com os temas relacionados com a ciência da informação, organização e representação do conhecimento e museologia (especificamente em museus) onde se obteve material para o entendimento entre os conceitos, relações interdisciplinares, histórico e a outras questões entre as áreas.

No primeiro momento da pesquisa se realizou uma pesquisa bibliográfica em relação à temática da organização do conhecimento em museus nas seguintes bases: OASIS BR (portal brasileiro de publicações e dados científicos em acesso aberto), BRAPCI (base de dados referenciais de artigos de periódicos em Ciência da Informação) e GOOGLE Acadêmico (mecanismo virtual de pesquisa de acesso aberto com textos completos).

Visando recuperar materiais na pesquisa se utilizou os seguintes descritores *“Informação em museus”*, *“Organização e Representação do Conhecimento em museus”*, *“Catalogação em museu”*, *“Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu no Pará”* e *“Imigração japonesa na Amazônia”* no campo de busca de cada base. Para filtrar a recuperação no campo de busca, em cada base selecionou-se apenas o campo de busca “palavra-chave” ou “assunto” segundo a nomenclatura da base.

Optou-se por bases de acesso aberto, ou seja, de acesso gratuito por qualquer pessoa, os descritores usados foram em língua portuguesa, sem refinamento de datas, pois se percebeu no decorrer do levantamento a dificuldade no retorno de publicações em alguns descritores como “organização e representação do conhecimento em museus” e “Museu histórico da imigração japonesa em Tomé-Açu”.

Na seleção dos textos, a análise de escolha se deu por meio da leitura dos *resumos* dos trabalhos, *títulos* e *palavras-chave* presentes nos materiais, assim agregando os materiais para o arcabouço teórico da pesquisa.

No segundo momento, houve a visita técnica para se ambientar ao espaço do museu na busca da obtenção de algum material de pesquisa. Conseguiram-se apenas os próprios documentos expostos na coleção do museu. Em relação à criação do museu, não se obtiveram informações precisas.

Em outro momento, a família Sakaguchi⁶ forneceu outros materiais bibliográficos como: livros, álbuns, recortes e algumas revistas específicas ligada a matéria ou temas sobre a imigração japonesa aqui na Amazônia, principalmente no Pará e houve a dificuldade na compreensão do idioma (língua japonesa).

Outra tentativa de obtenção de materiais de pesquisa foi buscar na *web*, por meio de blog, YouTube e sites confiáveis, informações acerca do museu ou da imigração japonesa na Amazônia, sendo mais preciso na região de Tomé-Açu.

Logo abaixo, quadro 08, apontam-se as publicações consideradas relevantes para a pesquisa por meio da seleção dos textos considerando os critérios estabelecidos de análises obtidas na BRAPCI.

Quadro 08 - Trabalhos recuperados na BRAPCI

Descrição	Publicações consideradas relevantes para a pesquisa
Informação em museus	BRITTO, A.; LARA, M. L. L. G.; LARA, M. L. L. G. A organização do conhecimento e sua dimensão social: a construção de um sistema de informação para o mafo/ufba. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 13, p. 90-94.
Organização do conhecimento em museus; Catalogação em museus e Museu histórico da imigração em Tomé-Açu	Não foram encontradas publicações relevantes para a pesquisa.
Imigração japonesa na Amazônia	KONAGANO, M. 80 anos da imigração japonesa na Amazônia: sistema agroflorestal: uma solução para o desenvolvimento sustentável na Amazônia. Inclusão Social, v. 7, n. 2, 2010.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em seguida, *quadro 09*, apresentam-se as publicações recuperadas no Google Acadêmico, diferente das demais bases, aqui a análise de recuperação dos textos foi apenas na primeira página recuperada (contém os itens mais relevantes na busca) devido ao número elevado de itens recuperados na busca.

Quadro 09 - Trabalhos recuperados no Google Acadêmico, na primeira page

Descrição	Publicações consideradas relevantes para a pesquisa
Informação em museus	MARINGELLI, I. C. A. S.; BEVILACQUA, G. M. F (coord). Seminário Serviços de Informação em Museus (1. : 2010 : São Paulo, Brasil) I Seminário Serviços de Informação em Museus. São Paulo : Pinacoteca do Estado, 2011.
	BEARMAN, D. Informação em museus em um contexto social. Seminário Serviços de Informação em Museus, p. 39-54, 2016.

⁶ Família local conhecida na cidade pela vendas de produtos artesanais, via produção agroflorestal.

	MARTINS, C. et. al. O uso da informação nos museus. Biblos, v. 30, n. 2, p. 52-63, 2016. CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. VIII ENANCIB–Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007.
Organização do conhecimento em museus	CARVALHO, R. A. et al. A política de indexação para a organização do conhecimento em museus: Aplicação do protocolo verbal individual. Coleção CA–Ciência Aberta, p. 793, 2021. GUIMARÃES, M. L. et. al. A vivência dos (meta) documentos do inconsciente: itinerários da organização do conhecimento no Museu de Imagens do Inconsciente a partir do olhar de Nise da Silveira. 2018. CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. VIII ENANCIB–Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007. CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. G. M. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 10, p. 241-253, 2000.
Catálogo em museus	YASSUDA, S. N. Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. Dissertação. CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. G. M. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 10, p. 241-253, 2000. SILVA, C. A. da. Avaliação dos processos de catalogação em Museus de Arte: o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. GULKA, J. A. et. al. Procedimentos de incorporação, catalogação e registro nos museus de Florianópolis: interdisciplinaridade entre Biblioteconomia e Museologia. 2012. TCC (graduação), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Curso de Biblioteconomia. SILVA, A. P. Entre conceitos de documentação museológica e arte contemporânea: análise do Donato como sistema de catalogação do acervo do Museu Nacional do Conjunto Cultural da República (2011-2013). 2013. SILVA, L. F.; CARDOZO PADILHA, R. C. A interoperabilidade semântica das fichas de catalogação dos museus modernistas brasileiros. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia, v. 18, n. 1, 2023. REIS, M. S.; CASTRO, F. F.; FUJITA, M. S. L. Análise do modelo conceitual CIDOC-CRM a partir dos princípios-base da catalogação descritiva em museus. In: Anales de Documentación. Facultad de Comunicación y Documentación y Servicio de Publicaciones de la Universidad de Murcia, 2023. p. 1-12. PADILHA, R. C.; CAFÉ, L. M. A. A interoperabilidade semântica entre acervos de museus: discutindo o caso dos Museus da Imagem e do Som. Em Questão, p. 113-128, 2017.
Organização do conhecimento em museus	CARVALHO, Raul A. et al. A política de indexação para a organização do conhecimento em museus: Aplicação do protocolo verbal individual. Coleção CA–Ciência Aberta, p. 793, 2021. CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. VIII ENANCIB–Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007. CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. G. M. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 10, p. 241-253, 2000. PADILHA, R. C. ; CAFÉ, L.; SILVA, E. L. O papel das instituições museológicas na sociedade da informação/conhecimento. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 19, p. 68-82, 2014.

Imigração japonesa na amazônia	HOMMA, A. K. O. A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. Brasília, DF: Embrapa, 2016., 2016.
	HOMMA, A. K. O. A imigração japonesa na Amazônia. 1915-1945.
	HOMMA, A. K. O. A imigração japonesa na Amazônia. Sua contribuição ao movimento agrícola, Belém-PA, EMBRAPA, 2007.
	HOMMA, A. K. O. Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos, v. 9, n. 1, p. 113-133, 2009.
	KONAGANO, M. 80 anos da imigração japonesa na Amazônia: sistema agroflorestal-uma solução para o desenvolvimento sustentável na Amazônia. Inclusão Social, v. 7, n. 2, 2014.
Museu histórico da imigração em Tomé-Açu	CLARINDO, R. N. L. Fomos atraídos e atraímos: migração de cametaenses para Tomé-açu-1950/1970.
	CAMPOS, M. V. A. et al. Dinâmica dos sistemas agroflorestais com as sinergias socioeconômicas e ambientais: caso dos cooperados nipo-paraenses da cooperativa agrícola mista de Tomé-Açu, Pará. Research, Society and Development, v. 11, n. 1, p. e22811121000-e22811121000, 2022.
	CAMPOS, M. V. A. et al. Evolução dos Sistema Agroflorestais e as mudanças de mercado: caso dos cooperados nipo-paraenses da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé Açu, Pará.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Por fim, na base Oasis Br, *quadro 10*, no campo de busca, o filtro “assunto” foi utilizado para a recuperação das publicações e, assim como as demais bases, o critério de análise dos textos foi o mesmo.

Quadro 10 - Trabalhos recuperados no OASIS BR

Descrição	Publicações consideradas relevantes para a pesquisa
Informação em museus	BRITTO, A. D.; LARA, M. L. G. A organização do conhecimento e sua dimensão social: A construção de um sistema de informação para o MAFRO/UFBA, 2017. v. 13 (2017): VI Seminário de Pesquisa em Ciência da Informação do PPGCI/ECA/USP
	VILHENA, C. M. A. Plano museológico: Um marco na gestão de museus à luz da gestão da informação e do conhecimento, 2017.
	LEMO, L. H. A representação da informação em ecomuseus, 2018.
	SERÓDIO, C. et. al. Desafios dos sistemas de informação na missão museológica, 2012.
	CARVALHO, D. S. O caráter da produção, organização e uso da informação em museus: O caso do Museu da Abolição em Recife - PE, 2017.
	PAULA, J. X. A representação da informação de acervos etnográficos: Uma abordagem dos museus da região sul do Brasil, 2021.
Organização do conhecimento em museus	MARCONDES, C. H. Proposta de uma classificação geral de objetos museológicos, 2019.
	BEZERRA, D. A. Alinhamento semântico dos modelos conceituais de bibliotecas, museus e arquivos, 2019.
Catalogação em museus	SIMIONATO, A. C. Modelagem conceitual DILAM: Princípios descritivos de arquivos, bibliotecas e museus para o recurso imagético digital, 2015.
	PADILHA, R. C. O museu como espaço de pesquisa: Proposta para descrição do acervo fotográfico histórico, 2014
	YASSUDA, S. N. Documentação museológica: Uma reflexão sobre o tratamento descritivo do

	objeto no Museu Paulista, 2009.
	SCHEMM-GREGORY, M.; HENRIQUES, M. H As coleções de braquiópodes paleozóicos do Museu Geológico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia, Lisboa, Portugal, 2014.
Imigração japonesa na amazônia	HOMMA, A. K. O. A imigração japonesa na Amazônia, 1915-1945, 1996.
	HOMMA, A. K. O. A imigração japonesa na Amazônia: Sua contribuição ao desenvolvimento agrícola, 2016.
	HOMMA, A. K. O. Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola, 2009.
	LIMA, D. A. S. (2020). Japoneses no Brasil: Memória e relatos de sanseis e nisseis sobre os koutakusseis na Amazônia (1932 ¿ 1961).
	MUTO, R. Os Koutakusseis e os ideais do expansionismo japonês na Amazônia, (2018)
	TAFNER JUNIOR, A. W.; SILVA, F. C. Colonização japonesa, história econômica e desenvolvimento regional do estado do Pará, 2012.
	SILVA NETO, F. R. Os japoneses no Pará: Um estudo sobre a formação de identidades, 2007.
	ISHISU, T. Imigração e ocupação na fronteira do tapajós: Os japoneses em Monte Alegre – 1926-1962, 2007.
	MUTO, R. O Japão na Amazônia: Condicionantes para a fixação e mobilidade dos imigrantes japoneses (1929-2009), 2010.
Museu histórico da imigração em Tomé-Açu	Não foram encontradas publicações relevantes para a pesquisa com essas palavras-chave

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Neste sentido, observou-se que entre as bases consultadas, mesmo utilizando-se descritores diferentes, foi possível recuperar, em partes, as mesmas produções científicas constatadas nas bases anteriores, ou seja, a recuperação dos mesmos textos em bases distintas. E no critério da seleção na escolha dos textos ou materiais importantes, a leitura do “resumo”, “palavras-chave” e “palavras-chave” foi de suma importância para se alcançar o objetivo dos resultados dos textos.

4.2 Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/Pará.

A cidade de Tomé-Açu, situada no estado do Pará, se localiza há 201 km da capital paraense (Belém), abriga a terceira maior colônia de imigrantes japoneses do Brasil e detém um dos museus históricos da imigração japonesa, espalhados pelo Brasil, sendo este por sua vez o único localizado na região Amazônica.

A história desses imigrantes na região se atrela às questões de agricultura familiar, desenvolvimento dos SAF (Sistemas Agroflorestais) e principalmente ao cultivo da Pimenta-do-Reino (Homma, 2016).

Nesse viés, a inserção da Pimenta-do-Reino (*Piper nigrum*) na Amazônia ocorreu por meio dos imigrantes nipônicos, que mais tarde seriam apontados como os responsáveis pelo cultivo dessa especiaria. Os imigrantes trabalhavam na agricultura amazônica, assim atraindo pessoas de cidades vizinhas (exemplo: moradores da cidade de Cametá), para fins de cultivo de Pimenta-do-Reino, hortaliças e outros cultivos. Muitos desses imigrantes não resistiram ao clima amazônico e às doenças comuns ao local (malária, por exemplo) (Maia, 2021).

Dessa forma uma parte dessa história, formação, cultura e memória se encontram guardadas e resguardadas em outros museus espalhados pelo Brasil que apontam dão destaque a questão da imigração japonesa, situado nas cidades de: São Paulo — *Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil*, Bastos-SP — *Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka*, Campinas-SP — *Museu da Fazenda Tozan*, Lins-SP — *Museu Histórico e Arqueológico de Lins*, Pereira Barreto-SP — *Museu Histórico da Colonização*, Presidente Prudente-SP — *Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto*, Registro-SP — *Museu da imigração Japonesa de Registro*, Rolândia-PR — *Museu Histórico da Imigração Japonesa do Paraná* e no município de Tomé-Açu-PA — *Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu* (MHIJ/TMA) (Imigração..., 2021?), este último é o objeto de estudo desta pesquisa.

As instituições museológicas apresentam sua importância na cultura nipônica, no ano de 2020 foi promovido o “I Simpósio Internacional de Museus de Imigração Japonesa” com as temáticas: “*papel dos museus de imigração japonesa ao redor do mundo*”; “*integração dos descendentes de japoneses na sociedade local*” e “*preservação e difusão da cultura japonesa*”, com a realização por Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (BUNKYO) e Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.

A existência dos museus históricos da imigração japonesa proporciona que estes espaços sejam de interação entre o passado, o presente e o futuro entre os imigrantes japoneses no Brasil, na questão da memória dessa comunidade no desenvolvimento da sociedade brasileira. O MHIJ/TMA, como se observa na Foto 1 (Entrada do MHIJ/TMA), foi criado em 11 de novembro de 1999, localizado na Av. Dionísio Bentes, s/n, Centro — Quatro Bocas, no município de Tomé-Açu-PA. Contendo 180 m² no espaço.

Este local foi criado em alusão aos 70 anos da imigração japonesa na região, a sua coleção por meio de exposição permanente oferece ao público uma

disponibilidade de peças como: fotos, objetos tridimensionais, armadura de samurai, objetos, jornais e livros e documentos da imigração japonesa na Amazônia, ocupa a parte superior da Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu (ACTA), com uma quantidade significativa de objetos das coleções:

O Museu de Imigração foi inaugurado como parte das celebrações de 70 anos da Imigração japonesa em Tomé-Açu, em resposta ao forte desejo dos imigrantes, concomitante à sua preocupação, de que, com a mudança dos tempos, a história da imigração poderia ser perdida, desejo que foi acolhido pela Associação Cultural de Tomé-Açu. No momento de sua inauguração, o Museu ganhou a colaboração da JICA, que enviou “jovens colaboradores para a cooperação no desenvolvimento”, a fim de realizar o design de interiores, organizar e coletar materiais e peças adicionais, montar painéis de exposição (Simpósio, 2022, p. 412).

Abaixo, na foto 01 apresenta a entrada com a placa datação da inauguração do museu e segue-se da entrada propriamente dita do museu com os objetos e parte do corredor de visitas do espaço. Dessa maneira, este espaço museológico aborda os temas a respeito da chegada dos imigrantes na cidade de Tomé-Açu-PA, o processo do desenvolvimento agrícola em terras paraenses.

Foto 01 - Entrada do Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu



Fonte: Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu (2021).

Logo, diante do destaque e da importância do cultivo da Pimenta-do-Reino em Tomé-Açu no estado do Pará, o Sr. Makinosuke Usui (considerado o “Pai do cultivo da Pimenta-do-Reino”, ano de 1933), trouxe de Singapura algumas mudas de

Pimenta-do-Reino plantadas na cidade e com o tempo o plantio da especiaria aumentando a produção na região.

Somente nos anos de 1960, o município de Tomé-Açu-PA teve seu destaque com o auge da Pimenta-do-Reino, batizada de “diamante negro” da Amazônia (Homma, 2016). Foi nesse período que o município se tornou o maior produtor mundial da espécie e se destacou nacionalmente, como aponta (Silva Neto, 2007, p.36):

No Estado do Pará, as famílias japonesas começaram a chegar a partir de 1929 e, diferentemente do que aconteceu no Estado de São Paulo, no início do século, quando a imigração era direcionada para as lavouras cafeeiras, os japoneses que aqui aportaram se destinavam ao povoamento da região amazônica, satisfazendo, assim, interesses bilaterais entre as nações envolvidas.

Diante do exposto, observa-se o auge do cultivo da pimenta nas décadas de 50 e 60, período considerado o “boom” da Pimenta-do-Reino, considerada o “diamante negro” da Amazônia. O cultivo atraiu trabalhadores de outras regiões do Pará, de cidades como Cametá, Baião e Mocajuba, que buscavam uma oportunidade de trabalho, assim como pessoas de outros estados, elevando o estado do Pará ao topo da exportação da Pimenta. A decadência do cultivo se deu devido ao ataque de uma praga chamada fusariose e às enchentes e, sobretudo, que devastam as plantações de Pimenta-do-Reino durante a década de 1970 (Homma, 2016).

O museu é aberto ao público, atende visitas, em parte, de turistas, moradores locais e por estudantes das escolas para compreender o processo histórico de formação agrícola na região, além de ser considerado um local de visita e rota de turismo.

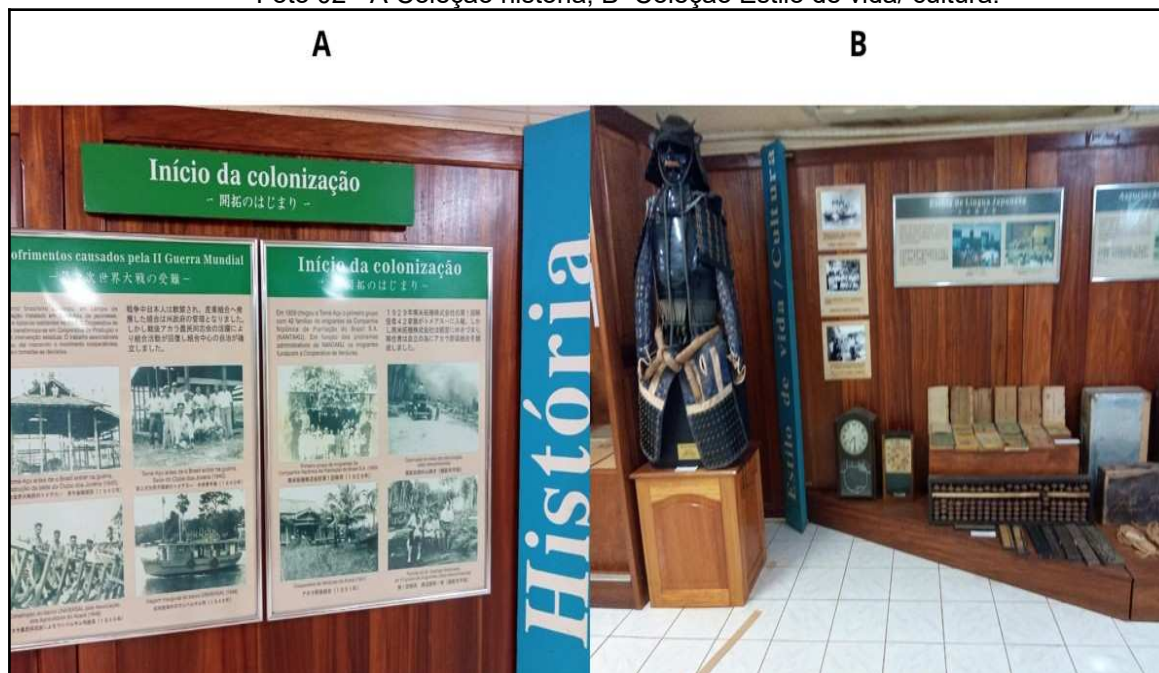
4.3 Universo da pesquisa.

O universo da pesquisa é composto pelas coleções da exposição permanente alocadas no museu. A disposição da organização no espaço do museu é por organização de áreas temáticas: história (Foto 02-A), estilo de vida/cultura (Foto 02-B), agricultura, pimenta e futuro. As coleções são constituídas por uma diversidade de objetos (com características próprias e diversas) que trazem consigo

informações precisas no processo histórico no entendimento da comunidade japonesa na cidade de Tomé-Açu.

Há uma riqueza e diversidade no Pará que remetem a essas áreas, como: documentos, maquetes, peças de madeiras, discos, recortes de jornais, fotos, utensílios da agricultura familiar, armadura de samurai, relógios, ábaco, moedas e entre outros objetos.

Foto 02 - A Coleção história; B Coleção Estilo de vida/ cultura.



Fonte: Autora (2023).

Dessa forma, observa-se que a organização geral das coleções do museu é por área temática. Em tais áreas, a organização é um contexto histórico e com suas subdivisões, onde a história do museu se inicia com a chegada de imigrantes japoneses na região de Tomé-Açu e se subdivide em arranjos temáticos, descritos abaixo no quadro 11, constituindo a construção das coleções no museu.

Quadro 11 - Universo da pesquisa das coleções no museu

ÁREA TEMÁTICA	SUBTEMAS	OBJETOS DA COLEÇÃO
História	Início da colonização; caminhando para o amanhã; transformação econômica da sociedade; economia em expansão	Quadros com fotos e texto; maquete de navio; relógios de parede, malas, baús.

Estilo de vida/ cultura	Os problemas de Tomé-Açu	Quadros; utensílios domésticos; utensílios de saúde; utensílios de esporte e lazer; itens da escola de língua japonesa; vinis; armadura de samurai
Agricultura	Seguindo os passos da agricultura em Tomé-Açu; ferramentas agrícolas; fábrica de suco CAMTA;	Quadros, ferramentas das atividades agrícolas; itens da Associação Cultural de Tomé-Açu; fábrica de suco da CAMTA;
Pimenta	O que é pimenta-do-reino; Do plantio a produção da pimenta-do-reino	Quadros; animais taxidermizados; documentos; recortes de jornais; bizoco (saca de junta); estacas de madeira para pimenta-do-reino; amostra de pimenta
Futuro	Mensagem a Tomé-Açu; pensar no futuro de Tomé-Açu	Quadros; amostra de madeiras da região.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Por se tratar de um universo de pesquisa extenso ficaria inviável fazer a coleta de dados e análise da informação com todos os itens do universo e os objetos contidos nas coleções, por isso, escolheu uma coleção específica como corpus da pesquisa: *a coleção da Pimenta-do-Reino* se justificando pela relevância histórica e agrícola da especiaria na região.

4.4 Corpus da Pesquisa.

O recorte desta pesquisa é direcionado à coleção permanente da Pimenta-do-Reino do MHIJ/TMA (Foto 03), baseado na relevância dessa especiaria, nos fatos históricos e no desenvolvimento agrícola, descritos no capítulo anterior, que proporcionam a visibilidade do município na área da agricultura, no cultivo e na exportação mundial do produto. Mesmo após o declínio do “boom” do “diamante negro da Amazônia” até hoje o município é referência no cultivo da especiaria.

Foto 03 - Coleção da Pimenta do Reino em MHIJ/TMA.



Fonte: Autora (2023).

Seguindo com a coleção da Pimenta (Foto 04) constata-se que esta contém uma diversidade de itens museológicos como: quadros, fotos, documentos, recortes de jornais, utensílios usados no plantio da Pimenta-do-Reino entre outros itens, como coleção é ampla, para ilustrar o corpus da pesquisa, logo abaixo se produziu um quadro ilustrativo (Quadro 12) com a composição dos objetos seguido da disponibilização da ordem dos objetos e com suas *etiquetas de informação dos objetos*⁷.

⁷ Como não se obteve informação sobre qual nome técnico da etiqueta da identificação dos itens no museu, aqui receberá o nome de *etiqueta de informação dos objetos*.

Foto 04 - Exposição da coleção permanente da da Pimenta-do-Reino no MHIJ/TMA.



Fonte: autora (2023)

Na foto acima, apresenta-se uma parte dos objetos da coleção do museu e a diversidade desses objetos, como se pode observar melhor no Quadro 12, com a descrição desses objetos e suas quantificações na coleção. Dentro do corpus da pesquisa, baseando-se no quadro 05, elencam-se os objetos do museu, será determinado quais os objetos serão selecionados para a análise.

Quadro 12 - Objetos e quantitativos da coleção da Pimenta-do-Reino

OBJETOS DO MUSEU	DESCRIÇÃO	QUANTITATIVO (UNIDADES)
Quadros com borboletas taxidermizadas	Espécimes de borboletas (por Fumio Kikuchi)	4
Quadro sobre a pimenta-do-reino	O que é pimenta-do-reino?	1
	Makinosuke Usui (Pai do cultivo da pimenta-do-reino)	1
Do plantio à produção de pimenta-do-reino	Cultivo da pimenta-do-reino	1
	Beneficiamento da pimenta-do-reino	1
	Circulação da pimenta-do-reino	1
Quadros sem identificação	Quadros relacionados com o cultivo da pimenta-do-reino	2
	Recortes de jornais	4
	Fotos	10

Objetos de recordações do Sr. Makinosuke Usui	Carteira de identidade	1
	Passaporte	1
	Diploma	2
	Original de um romance manuscrito (1988)	1
Objetos utilizados no cultivo da pimenta-do-reino	Estacas de acapu	3
Suporte de madeira	Suporte de madeira com corda de Sisal	1
Objetos utilizados no cultivo da pimenta-do-reino	Saca de juta/ tipo exportação	3
	Peneira de cipó	1
	Amostra de pimenta do reino (preta/branca)	2

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A análise ocorrerá na categorização dos objetos/item com características em comum (categoria de análise), com a conceituação de cada categoria, as diretrizes e as regras do processo de catalogação a serem consideradas para a descrição do objeto da coleção.

Os objetos selecionados para a construção de análise serão: a fotografia, quadro (com identificação) e objetos tridimensionais, lembrando que para cada categoria haverá dois objetos distintos sendo exemplificados para fins de análise e comparação.

Essa categorização se faz necessária tanto para fins de elaboração descritiva quanto temática. Por meio do procedimento da catalogação quanto de indexação das obras dispostas no museu, pois cada objeto apresenta características próprias, com isso iniciamos com os conceitos das de cada obra da categoria para assim agrupar os objetos nas *categorias de análise* apropriada com diretrizes e regras apropriadas embasadas no AACR2.

As regras de indexação e no caso de necessidade de adaptação consultar os Grupos e Categorias de Informação do CIDOC da *Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC* para o auxílio na descrição e elaboração das categorias.

Serão disponibilizados *campos* para a descrição das informações acerca da peculiaridade do objeto, como, por exemplo, as regras de catalogação e indexação, as quais são aplicadas à fotografia atendem à subjetividade que este item

representa. Diferentemente de um objeto tridimensional que requer um detalhamento de suas principais características, como comprimento x largura x altura.

Acima se apresentam as definições das obras para auxiliar o catalogador no momento de catalogar a obra com características semelhantes. Na seção a seguir, trataremos da coleta de dados para tratar da elaboração da categoria de análise que servirá de embasamento para a discussão.

4.5 Coleta dos dados.

Para o início da coleta de dados, fez-se a realização de visitas presenciais no museu para obter mais informações sobre as maneiras de organização e representação da informação da coleção à disposição da temática dos objetos nas coleções. Será realizada a análise técnica, coleta de fotos dos objetos para a descrição das informações contidas nas etiquetas dos objetos que acompanham cada item da coleção. Uma grande parte dos objetos do museu apresenta essa etiqueta.

Depois, a coleta das informações descritas ocorrerá a partir da *etiqueta de informação do objeto*, serão transcritas literalmente para posteriormente ser realizada a análise dos dados. Por meio da divisão das obras da coleção, com a definição e diretrizes para cada categorização do objeto que determinará a adoção das regras no processo de catalogação e da análise da informação dos objetos (indexação).

Com o desenvolvimento da categoria de análise dos dados, seguirá para a fase da análise informacional, seguindo as orientações das diretrizes, capítulos e regras a serem utilizados nos objetos de amostra de análise.

Para fins de ilustração, na demonstração da análise, serão retiradas fotos da obra analisada para fins de descrição informacional e seguindo os critérios temático e descritivo do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2). E o critério de indexação é determinado para cada categoria de análise, visto que estes contemplam os grupos e categorias de informação do CIDOC.

4.6 Elaboração das categorias de análise.

Dito no exposto do *corpus* da pesquisa, após a *definição das obras das categorias* do item da coleção para a determinação de campos descritivos, se faz necessário ter o entendimento do objetivo da categoria e quais as diretrizes para a catalogação e análise de assunto de cada objeto da categoria.

Busca-se com o *objetivo da categoria* apontar a finalidade da existência da categoria para a categorização dos objetos em um conjunto de regras semelhantes e complementares para servir de parâmetro para a elaboração de fichas catalográficas e determinação de critérios ou teorias de indexação para as obras do museu.

Essas divisões no momento da análise são necessárias, visto que para cada tipo de obra são necessários aportes teóricos e regras de representação temática (indexação) ou uma representação descritiva no todo (catalogação) adequada, como regras, campos e subcampos do AACR2. A uniformização dos dados permitirá a construção de um catálogo que auxiliará no acesso e na divulgação da coleção do museu.

Logo em seguida, são definidas as diretrizes de catalogação e indexação que servirão de modelo na construção da estrutura a ser empregada na categoria, visando auxiliar no caminho a ser empregado na catalogação e na indexação dos objetos. Abaixo, na figura 03, segue a imagem com o esquema sistematizado das categorias de análise.

Figura 05 - Esquema da categoria de análise



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A construção do modelo de ficha catalográfica se deu por etapas:

a. *Categorias de análise das obras*: no primeiro momento se fundamenta na criação dos grupos dos itens com características físicas e finalísticas que se enquadrem no mesmo entendimento em comum para não ocorrer do catalogador descrever um objeto na categoria errada, a representação de um item na categoria errada implicaria numa catalogação incorreta. No quadro 13, exemplifica o que seria a categoria de análises das obras:

Quadro 13 - Construção das categorias de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS OBRAS
Categoria A: Definição do item
Categoria B: Definição do item
Categoria C: Definição do item

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

b. *Dados iniciais da ficha catalográfica*: onde haverá os campos com os campos de informação onde se encontrará os dados referentes a categoria do objeto seguida da definição do objeto; qual o objeto dessa categoria; quais as diretrizes adotadas para a construção da ficha; foto para ilustrar o item tratado; regras

utilizadas na catalogação e na indexação que determinará qual(is) campos mínimos para categoria o enquadramento da obra, quadro 14.

Quadro 14 - Dados iniciais da ficha catalográfica em comum a todos os itens

MODELO DE FICHA CATALOGRÁFICA PARA AS OBRAS DA COLEÇÃO DO MHIJ/TMA	
Categoria	<i>Qual tipo de objeto</i>
Definição da Obra	<i>Conceito do objeto</i>
Objetivo da categoria	<i>Delimitar padrões</i>
Diretrizes de Catalogação	<i>Orientação(s) acerca de normativas a serem utilizadas na categoria</i>
Método de aquisição Data de Aquisição Fonte da aquisição	<i>Categorias de informação CIDOC</i>
Número de tombo Localização de guarda permanente Mobiliário de guarda permanente	<i>Categorias de informação CIDOC</i>
Foto da obra descrita	<i>Foto do objeto analisado</i>
Informação sobre catalogação	<i>Catalogador, data de catalogação, autoridade</i>
Regras utilizadas na catalogação	<i>Capítulos e regras do AACR2 para a categoria específica</i>
Regras utilizadas na indexação (informação sobre Assunto Representado)	<i>Critérios de análise de assunto de cada objeto (Assunto representado, descrição do assunto representado - CIDOC)</i>

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

c. *Campos descritivos da ficha catalográfica:* nesta etapa serão disponibilizados os campos de descrição (descritores) seguido dos elementos do item catalogado, como no Quadro 15.

Quadro 15- Segunda parte da ficha catalográfica para as obras da coleção do MHIJ/TMA

DESCRITORES	ELEMENTOS⁸
Título principal do objeto	Título principal é o nome da obra ou do item. Transcreve-se o título principal como aparece na fonte principal de informação. (AACR2)
Indicação de responsabilidade	Transcrevem-se o(s) nome(s) do(s) responsáveis pelo conteúdo intelectual de uma obra ou item na ordem e na forma em que aparece na fonte de informação. Caso haja outros responsáveis em diferentes funções os nomes são separados entre si por espaço, ponto e vírgula, espaço. (AACR2)

⁸ AACR2 (as regras serão de acordo com cada obra, pois cada item tem seu capítulo específico). Informações adaptadas de Mey (2003) e do CIDOC (2014).

Local e data de produção e/ou distribuição, nome do editor e/ou distribuidor e data de publicação	Registra-se a cidade de publicação, na forma adotada no item, assim como na língua do item. Havendo duas cidades indicadas, registra-se só a primeira. (AACR2)
Designação geral do material	Não é obrigatório, e sim opcional, podendo ser incluída se ser de auxílio ao usuário. (AACR2)
Quantidade e designação genérica	Quantidade de itens ou objetos (AACR2)
Tipo do material/ técnica	Corresponde ao material, ou técnica, ou descrição de parte ou componente. (CIDOC)
Estado de conservação	Esse campo assegura a proteção física do objeto, estado de conservação, proteção física do objeto no acervo e auxilia na identificação do objeto/item. (CIDOC)
Descrição física (formato)	Campo adaptado do AACR2 e CIDOC que descreve o formato do objeto e situação do item, visto que só pela imagem o usuário não consegue observar todos os detalhes. Auxiliará na construção no campo de notas (campo do AACR2).
Dimensões	Informa o tamanho em centímetros, na altura e dimensões do item. (CIDOC)
Coleção	Informação adaptada do CIDOC para fins de controle, inventário e identificação dos objetos dentro do museu. Auxiliará na construção no campo de notas (campo do AACR2).
Notas	Campo destinado para outras informações pertinentes ao objeto ou item que não foram contemplados nos campos anteriores. As notas devem seguir a ordem indicada pelo código de catalogação AACR2.
Assunto	Esse campo se refere à representação e descrição do assunto representado do objeto ou item para fins de acesso (CIDOC) e no AACR2 a parte destinada para esse campo como um ponto de acesso e recuperação da informação. Para as fotografias e quadros que se encaixam no Cap. 8 - Materiais iconográficos (fotografias, quadros, reproduções) será adotado a mesma regra de indexação. Enquanto para os objetos tridimensionais será adotado o uso de vocabulário controlado.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No campo relacionado aos descritores é uma parte que pode se modificar consoante o objeto analisado, ou seja, nem todos os campos de descrição usados em uma categoria são aplicados a outro tipo de obra no museu.

A similaridade dos campos será conforme a categoria, assim como a inclusão de descritores será de acordo com a demanda de cada objeto. A seguir será apresentada a forma da estrutura de análise dos dados.

4.7 Forma de análise dos dados.

A análise de dados se baseia na ordem das categorias de análise dos objetos da coleção permanente da Pimenta-do-Reino do museu (veja 4.4 Elaboração das categorias de análise) onde há a descrição desse da construção do processo, mas aqui cabe compreender como se deu a organização das categorias para a análise de dados.

A *primeira parte da categoria de análise das obras* é composta pelos elementos de identificação da categoria do objeto analisado com as indicações: “o que é a obra: definição”, “objetivo da categoria: padronizar elementos”, “diretrizes da categoria” que são as orientações.

Segue-se da parte de “fotografia da obra em análise” relacionadas as fotos do objeto descrito para a visualização ao usuário, “regras utilizadas na catalogação”- capítulos e regras do AACR2 e diretrizes do CIDOC onde o catalogador terá que utilizar tais regras para a categoria específica assim como as “regras utilizadas na indexação” são os critérios de análise de assunto de cada objeto (com regras descritas a serem utilizadas na categoria).

Para o conceito das obras, recomenda-se o uso de definições atreladas à área de Ciência da Informação, Museologia e Biblioteconomia, visto que entre essas áreas há diálogos interdisciplinares. Para categorização dos objetos, foram escolhidos alguns itens com características e definições comuns da coleção em amostra. Em seguida, realizar-se-á a confecção das fichas catalográficas de cada item, atendendo à necessidade de descrição informacional.

Será utilizado o *Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)* e como outro documento de apoio *Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC* e a análise de assunto do objeto (indexação), já que o código permite a análise dos objetos tanto de maneira descritiva da informação quanto por meio do conteúdo do objeto permitindo outro modo de acesso da informação pela extração do assunto do objeto ou item.

Para cada objeto será apresentado regras específicas que atendam a necessidade da categoria, visto que, a indexação não é tão explorada no em museus, será adotado o melhor critério para cada objeto museológico no momento se baseando em teorias, critérios e ferramentas adotadas no campo da Biblioteconomia.

A *segunda parte* da ficha se caracteriza por *dados iniciais da ficha catalográfica*. A utilização do instrumento de análise documental do tratamento da

coleção museológica da Pimenta-do-Reino será o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2) e a Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC (Comitê internacional de documentação).

Nos quadros 12 e 13, contém partes do código e seus respectivos capítulos com as regras a serem utilizadas segundo a categoria do objeto a ser tratado. Os critérios de determinação para a criação dos campos, descritores e elementos que contemplem as informações dos grupos e categorias de informação ocorrerão em consonância com o AACR2 e o CIDOC.

Com a seleção dos objetos de análise e a descrição dos dados coletados, ocorrerá o emprego das regras de catalogação do AACR2 e o emprego das orientações Diretrizes do CIDOC. A adoção de uma estrutura normalizada será por meio da sistematização de regras, dados e campos de autoridade, assim, como ocorre na elaboração da descrição de livros, manuscritos, folhas avulso, materiais cartográficos, recursos eletrônicos, materiais tridimensionais, além de disponibilizar de uma linguagem adotada internacionalmente, proporcionando o intercâmbio de informações bibliográficas.

No caso desta pesquisa, devido às características peculiares e regras específicas de cada objeto, será descrito em categorias. Para a análise, foram elencados apenas três itens para as categorias: fotografia, quadro e objeto tridimensional.

Na *terceira etapa de dados dos campos descritivos da ficha catalográfica conta*, o processo de catalogação permitirá a identificação das informações contidas no objeto da coleção. Por meio de campos, descritores, áreas e elementos, auxiliando no processo de elaboração de um catálogo com as coleções do próprio museu e adequando ao grupo e categorias de informação do CIDOC.

Outro ponto significativo da ficha catalográfica é o acesso da parte do assunto a indexação, também existente no CIDOC, que possibilita a extração do assunto, ou seja, a descrição da informação ou do conteúdo do objeto por meio de conceitos, temas e termos que descrevem e representam o item.

A partir desse entendimento, será possível a análise temática e descritiva dos materiais, além da aplicação do AACR2 a partir dos seguintes passos:

a. Seleção de seis (6) objetos do museu da coleção pimenta-do-reino para catalogação, divididos em (3) categorias;

- b. Pesquisar quais capítulos e regras do AACR2 se aplicam a cada categoria e se estas atendem aos grupos e categorias de informação do CIDOC;
- c. Determinar qual o critério de indexação a ser adotado a cada categoria;
- d. Realizar um parâmetro da descrição da informação atual por meio das etiquetas do objeto do item do museu, *em comparação* à descrição catalográfica por meio do AACR2.

Em suma, os objetos a serem analisados serão divididos em categorias de itens da coleção da Pimenta-do-Reino, seguido de dois exemplos em cada categoria com suas diretrizes (informações ou itens necessários para a inclusão do material na categoria para servir de subsídio de catalogação e indexação).

A aplicação das regras (determinação do nível de catalogação e quais regras a serem aplicadas) para assim se obter um modelo de ficha catalográfica para cada categoria. A partir desses critérios de análise, teremos o subsídio para dissertar no próximo capítulo de análise dos dados por meio de categorias de análise.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos objetos da coleção da Pimenta-do-Reino do Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/Pará, ocorreu por meio de visita no local, com a seleção dos objetos da coleção permanente (totalizando seis objetos), que sejam enquadrados nas categorias de análise sugeridas: fotografia, quadros e objetos.

Para a análise dos dados, será a partir da categorização dos objetos. As possíveis regras adotadas de cada categoria servirão de embasamento na construção da ficha catalográfica de cada objeto, seguindo as normativas do CIDOC (Comitê internacional de documentação) e descrição do AACR2. Depois serão comparados os dados extraídos dos objetos e da etiqueta de informação nos objetos do Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu.

Observa-se que a ficha catalográfica segue um modelo de planilha onde as informações das obras catalogadas são preenchidas de acordo com aquilo que normativas descrevem e com o entendimento intelectual do catalogador a respeito das informações do objeto descrito. A pesquisa propõe um modelo de ficha, porém isso não exclui a criação de novos campos e elementos para a necessidade da criação de uma determinada categoria.

a. Análise da categoria: fotografia.

Nesta categoria, serão analisadas duas (02) fotografias selecionadas da coleção pimenta-do-reino para análise, onde foi construída a ficha catalográfica consoante as regras determinadas na categoria de análise, conforme os quadros 16 e 17:

Quadro 16 - Parte em comum na categoria Fotografia

CATEGORIA	FOTOGRAFIA
-----------	------------

Definição da Obra	“fotografia photo, photograph, photography arte foto 1. Técnica ou arte de produzir imagens visíveis pela ação da luz, que fixa essas imagens de modo direto e durável sobre uma superfície sensibilizada; foto. 2. A fotografia é um tipo de documento icônico não-projetado (<=>). f. aérea aerial photograph, photomap foto ge "fotografia tirada de um meio de transporte aéreo, a uma altura determinada e de acordo com um plano de escala" (cama, p. 40). <=> material cartográfico, f. digital digital photo, digital photo". (Cunha; Cavalcanti, 2008. p. 175). “A fotografia, documento que transmite informação registrada num suporte papel (fotografia analógica) ou eletrônico (fotografia digital), registra um momento, um instante do passado, do presente de nossas vidas, constituindo a construção da história, da cultura, da educação de uma sociedade”(Bocato; Fujita, 2006, p. 84)
Objetivo da categoria	Agrupar as informações e características pertinentes a descrição de documento fotográfico (leitura de imagens, descrição, indexação e resumos) que permita o catalogador enquadrar o item nesta categoria. A partir da análise do item será possível o estabelecimento de instrumentos, manuais, regras ou diretrizes (combinadas ou isoladas) que possibilitem a recuperação, a organização e a representação da organização e do conhecimento.
Diretrizes de Catalogação	Orientar na tomada de decisão em relação à descrição de fotografias da coleção da Pimenta-do-Reino do MHIJ/TMA incluindo orientações, princípios, critérios, normas e regras do AACR2, estabelecendo orientações ao catalogador da aplicação das regras e análise para as fotografias que compõem a coleção da Pimenta no MHIJ/TMA. Tais diretrizes poderão ser utilizadas nos demais objetos de fotografia do museu que estejam em outra coleção do museu possibilitando assim o desenvolvimento de plano de organização e representação dos objetos museais do MHIJ/TMA. Documentos de referência: CÓDIGO, 2004; FUNARTE, 1996; CIDOC, 2014.

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Essa parte acima, quadro 16, é comum e obrigatória a todos os itens que se enquadrem na Categoria *Fotografia*, ou seja, para a elaboração da ficha catalográfica deste item é necessário que o catalogador se atente para as informações descritas nesses três campos: Definição da Obra, Objetivo da categoria e Diretrizes de Catalogação e seguir as diretrizes e normativas aqui apresentadas para a construção da ficha.

Quadro 17 - Ficha catalográfica, Fotografia, n. 01.

Categoria	Fotografia 01
Método de aquisição	Doação da Sra. Kyoko Usui
Data de Aquisição Fonte da aquisição	
Número de tombo Localização de guarda permanente	Não se aplica

Mobiliário de guarda permanente	
Foto da obra descrita	
Informação sobre catalogação	Catalogador: Valéria Ferreira Data de catalogação: 05 - 04 - 2024 Autoridade: Não há
Regras utilizadas na catalogação	8.0 Regras gerais; 8.0A Campo abrangido; 8.0B1 Fonte de informação principal; 8.1 área do título e da indicação de responsabilidade; 8.1B Título principal; 8.1B1 O título principal deve ser transcrito conforme a regra 1.1B.; 8.1C Designação geral do material; 8.1C1 A designação geral do material é um dado opcional; 8.1F Indicações de responsabilidade; 8.2 Área da edição; 8.3 Área dos detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação); 8.4 Área de publicação, distribuição etc; 8.5 Área da descrição física; 8.5B Extensão do item (incluindo designação específica do material); 8.5C Outros detalhes físicos; 8.5C2 Cor; 8.5D Dimensões; 8.6 Área da série; 8.7 Área das notas.
Regras utilizadas na indexação (informação sobre Assunto Representado)	Smit (1989) faz a descrição de análise em quatro categorias a partir de elementos visíveis genéricos da fotografia: QUEM: identificação do personagem/pessoa/objeto “enfocado”; ONDE: localização da imagem no “espaço” (geográfico ou espaço da imagem); QUANDO: localização da imagem no “tempo” (cronológico ou momento da imagem); COMO: Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto enfocado”.
Título principal do objeto	Hawai Marú no dia da partida do porto de Kobe.
Indicação de responsabilidade	[Makinosuke Usui?]
Local e data de produção e/ou distribuição, nome do editor e/ou distribuidor e data de publicação	[Hyogo, 1933]
Designação geral do material	[Doc. fot.] /

Tipo do material	Papel fotográfico.
Estado de conservação	Ruim.
Formato	Retângular.
Cromia*	Sépia
Dimensões	7,5 x 7,5 aprox.
Coleção	Coleção Pimenta-do-Reino.
Notas	Doação de Sr ^a . Kiyoko Usui. Organizado pela disposição de conjunto dos objetos (recortes de jornais, fotos, carteira de identidade, diploma e um original de romance manuscrito em 1988) existentes na coleção. Resumo: A fotografia faz parte da coleção permanente da Pimenta-do-Reino, está dentro dos itens de recordações do Sr. Makinosuke Usui que é considerado o “Pai do plantio da Pimenta-do-Reino” na região de Tomé-Açu/PA. A embarcação do Hawai Maru, é responsável por trazer imigrantes ao Brasil nos anos de 1918 e 1935.
Assunto	QUEM: imigrantes japoneses. ONDE: Porto marítimo de Kobe, na cidade de Hyogo no Japão. QUANDO: 1933. COMO/ O QUE: sete homens japoneses, embarcados no navio Hawai Maru que trazia imigrantes ao Brasil, os homens estão trajando terno com expressão facial de contentes.

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A partir da construção da ficha catalográfica da categoria Fotografia n. 01, seguimos para a análise da *etiqueta de informação* da fotografia onde se observa a existência das seguintes informações: título, doador e data (ambas informações nos idiomas: português e japonês) em comparação a ficha catalográfica elaborada apresenta menos elementos e informações acerca da fotografia.

Seguimos para a elaboração da ficha catalográfica n. 02, na parte referente à definição de obra, objetivo da categoria e diretrizes de catalogação, seguiu-se a adoção de regras e diretrizes.

Conforme apontado no Quadro 15, frisa-se que esse item é parte em comum a todos os itens catalogados da categoria, por isso, no Quadro 16, apresentam-se os campos específicos para o desenvolvimento da ficha catalográfica:

Quadro 18 - Ficha catalográfica, categoria Fotografia, n.02

Método de aquisição Data de Aquisição Fonte da aquisição	Doação de Kiyoko Usui
Número de tombo Localização de guarda permanente Mobiliário de	Não se aplica

guarda permanente	
Foto da obra descrita	 Viajando no barco Universal II da CAMTA (1953) Doadora: Sra. Kiyoko Usui ユニベルサルII号にて (1953)
Informação sobre catalogação	Catalogador: Valéria Ferreira Data de catalogação: 05 - 04 - 2024 Autoridade: Não há
Regras utilizadas na catalogação	8.0 Regras gerais; 8.0A Campo abrangido; 8.0B1 Fonte de informação principal; 8.1 área do título e da indicação de responsabilidade; 8.1B Título principal; 8.1B1 O título principal deve ser transcrito conforme a regra 1.1B.; 8.1C Designação geral do material; 8.1C1 A designação geral do material é um dado opcional; 8.1F Indicações de responsabilidade; 8.2 Área da edição; 8.3 Área dos detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação); 8.4 Área de publicação, distribuição etc; 8.5 Área da descrição física; 8.5B Extensão do item (incluindo designação específica do material); 8.5C Outros detalhes físicos; 8.5C2 Cor; 8.5D Dimensões; 8.6 Área da série; 8.7 Área das notas.
Regras utilizadas na indexação	Smit (1989) faz a descrição de análise em quatro categorias a partir de elementos visíveis genéricos da fotografia: QUEM: identificação do personagem/pessoa/objeto “enfocado”; ONDE: localização da imagem no “espaço” (geográfico ou espaço da imagem); QUANDO: localização da imagem no “tempo” (cronológico ou momento da imagem); COMO: Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto enfocado”.
Título principal do objeto	Viajando no barco Universal II da CAMTA.
Indicação de responsabilidade	[Makinosuke Usui?]
Local e data de produção e/ou distribuição, nome do editor e/ou distribuidor e data de publicação	[Tomé-Açu?], 1953.
Designação geral do material	[Doc. fot.] /

Tipo do material	Papel fotográfico
Estado de conservação	Ruim
Formato	Retângular
Cromia⁹	Sépia
Dimensões	7,5 x 7,5 aprox.
Coleção	Coleção Pimenta-do-Reino
Notas	Organizado pela disposição de conjunto dos objetos (recortes de jornais, fotos, carteira de identidade, diploma e um original de romance manuscrito em 1988) existentes na coleção. Resumo: A fotografia faz parte da coleção permanente da Pimenta-do-Reino, está dentro dos itens de recordações do Sr. Makinosuke Usui que é considerado o “Pai do plantio da Pimenta-do-Reino” na região de Tomé-Açu/PA. A legenda do título da foto é em língua japonesa. Buscou-se informações acerca do Barco Universal II, foi encontrado informações acerca do barco Universal I em pesquisas que não descrevem muitas informações, o que se remete que essa embarcação foi desenvolvida para transporte de Tomé-Açu para Belém, após o término da guerra. 1 Foto. Instantânea
Assunto	QUEM: Imigrantes japoneses. ONDE: Provavelmente em Tomé - Açu, Pará. QUANDO: 1953. COMO/ O QUE: homens japoneses, embarcados no Barco Universal CAMTA II

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Perante a partir da montagem das fichas catalográficas n.01 e n.02 da categoria “Fotografia” se chegam às seguintes considerações a partir da adoção dos campos:

- Definição da Obra, Objetivo da categoria, Diretrizes de Catalogação são campos obrigatórios e comuns aos mesmos itens da categoria Fotografia, logo os campos obrigatoriamente são idênticos e devem ser preenchidos para a construção da ficha pelo catalogador.
- O campo de método de aquisição foi preenchido pelo fato de o catalogador localizar a procedência do item catalogado.
- O número de tombo não foi preenchido, pois se sugere a criação de um modelo de numeração de tombo para auxiliar a localização dos itens do museu para a formação de um inventário ou catálogo do museu. Podendo ser uma numeração combinada de número e letras, conforme o método que o catalogador determinar melhor para os objetos da coleção.
- A parte relativa à foto da obra, informação sobre catalogação, regras utilizadas na catalogação e regras utilizadas na indexação são campos obrigatórios

⁹ Por se tratar de fotografia foi acrescentado esse campo se baseando no AACR2

a serem preenchidos pelo catalogador, tais campos proporcionam padronizar regras e diretrizes na construção da ficha da categoria.

- O título principal do objeto, indicação de responsabilidade, local e data de produção, designação geral do material, tipo do material, estado de conservação, formato, cor, dimensões, coleção foram campos de descrição possíveis de preencher em ambas as fotos selecionadas. Os demais campos que não foram contemplados se devem ao fato de o catalogador não identificar ou encontrar a informação correspondente ao campo, ou o campo não se aplica ao caso de análise do item.

- No campo de notas, se refere a informações pertinentes ao item catalogado, porém, não se enquadra em nenhum dos campos anteriores, pode ser informações implícitas ou explícitas ao objeto catalogado. Em relação ao campo Assunto, se refere à indexação do item (extração do assunto) do museu a partir da determinação da regra de indexação.

Pela análise da construção das fichas, os campos preenchidos foram quase os mesmos, entretanto isso não significa que todas as fichas catalográficas da categoria fotografia terão os mesmos campos preenchidos de modo idêntico e sim que dependerá das informações extraídas ou obtidas pelo catalogador no ato da descrição.

Como aponta Yassuda (2009), a padronização dos campos na ficha catalográfica é um dos pontos significativos, assim como nas bibliotecas, favorece a reprodução ou duplicação das informações no processo de compartilhamento de informações, além da questão da padronização de dados. Exemplificando, caso haja a mesma fotografia (réplica) em outra coleção de museu da imigração japonesa, o catalogador deste museu pode duplicar o registro do Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu.

O campo de notas permite a contextualização e entendimento acerca da fotografia e no campo assunto apresenta o(s) assunto(s) existente na fotografia como quem são os indivíduos que fazem parte da fotografia, o possível local onde a fotografia foi realizada, o ano da fotografia e onde os imigrantes estão localizados. A seguir segue a análise de outra categoria de objetos.

b. Análise da categoria: objeto tridimensional.

Assim como na categoria anterior será analisado (02) dois objetos selecionados da coleção: a peneira de cipó e o saco de juta da coleção pimenta-do-reino para fins de análise, onde foi construída a ficha catalográfica seguindo as regras determinadas para a categoria destacada e se atentando para necessidade de informação dos campos para cada objeto, quadro 19:

Quadro 19 - Parte em comum na categoria Objeto

CATEGORIA	OBJETO TRIDIMENSIONAL
Definição da Obra	“O termo “objeto de museu” é, por vezes, substituído pelo neologismo musealia (pouco utilizado), construído a partir do latim, com plural neutro: as musealia. Equivalente em inglês: musealia, museum object; francês: muséalie; espanhol: musealia; alemão: Musealie, Museu msobjekt; italiano: musealia” (Conceitos, 2013, p. 68). “a propor o termo musealia (ver OBJETO [DE MUSEU] OU MUSEALIA) para designar as coisas que passam pela operação de musealização e que podem, assim, possuir o estatuto de objetos de museu.” (Conceitos, 2013, p. 57).
Objetivo da categoria	Agrupar as informações e características pertinentes a descrição de objeto (musealia) museológico (dimensão, descrição, tipo de material, indexação e resumos) que permita o catalogador enquadrar o item nesta categoria. A partir da análise do item será possível o estabelecimento de instrumentos, manuais, regras ou diretrizes (combinadas ou isoladas) que possibilitem a recuperação, a organização e a representação da organização e do conhecimento.
Diretrizes de Catalogação	Orientar na tomada de decisão em relação no que se diz respeito à catalogação de objetos (musealia) da coleção da Pimenta-do-Reino no MHIJ/TMA incluindo orientações e princípios, critérios para a escolha e adoção de normas e regras do AACR2, estabelecendo diretrizes e limites para a ação de catalogação, podendo ser aplicado aos objetos tridimensionais da coleção da Pimenta no MHIJ/TMA, podendo ser compartilhado para as demais coleções do museu para o desenvolvimento de um único catálogo para os objetos museais.

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Os campos do quadro 19 são relativos à parte em comum e essenciais para a construção das fichas 20 e 21 com os relativos campos e informações que se aplicam, logo abaixo segue os campos e as informações pertinentes para construção da ficha catalográfica do objeto tridimensional selecionado:

Quadro 20 - Ficha catalográfica, Objeto Tridimensional n. 01.

Método de aquisição/ Data de Aquisição/ Fonte da aquisição	Desconhecido
---	--------------

Número de tombo / Localização de guarda permanente/ Mobiliário de guarda permanente	Não se aplica
Foto da obra descrita	
Informação sobre catalogação	Catalogador: Valéria Ferreira Data de catalogação: 05 - 04 - 2024 Autoridade: Não há
Tipo de aquisição	Desconhecida
Regras utilizadas na catalogação	Fonte principal de informação; qualquer fonte; 10.1B1 título principal; 10.1C1 Acréscimo opcional. Designação geral do material; 10.4C Registre o lugar de publicação, distribuição etc. de um artefato editado, de acordo com as instruções de 1.4C.; 1.4C6 Se nenhum lugar, provável ou não, puder ser determinado, registre a abreviatura s.l. (sine loco) ou seu equivalente em alfabeto não latino.; 10.4 D1. Registre o nome do editor, etc., e, opcionalmente o do distribuidor, de acordo com as instruções de 1.4D.; 1.4D6 Se o nome do editor, distribuidor etc. for desconhecido, registre s.n (sine nomine) ou seu equivalente em alfabeto não latino; 10.4F1. Registre a data de publicação etc. de acordo com as instruções de 1.4F.; 1.4F1. Para itens publicados, registre a data (i.e., ano) de publicação, distribuição etc. da edição, revisão etc. mencionada na área de edição.; 10.5C1. Material. Quando apropriado, registre o material de que são feito os objetos; 10.5D1. Quando apropriado, registre as dimensões do objeto em centímetros, com a aproximação das frações ao centímetro seguinte.; 10.7. Notas
Regras utilizadas na indexação	FERREZ, Helena Dodd. Tesouro de objeto do patrimônio cultural nos objetos brasileiros. Rio de Janeiro: Fazer arte, 2016. MOTTA, Dilza Fonseca da. Tesouro de cultura material dos índios no Brasil. Rio de Janeiro: Museu do índio, FUNAI, 2014.
Título principal do objeto	Peneira
Indicação de responsabilidade de	Não há
Local e data de produção e/ou	[Tomé-Açu?: 195-]

distribuição, nome do editor e/ou distribuidor e data de publicação	
Designação geral do material	Objeto tridimensional
Tipo do material	Cipó; Palha
Estado de conservação	Bom
Formato	Redondo
Dimensões	Medidas aproximadas: Altura 8cm x Largura 30cm x Comprimento 9cm Peso aproximado: 0,95 kg
Coleção	Coleção Pimenta-do-Reino
Notas	A peneira de pimenta é utilizada para a limpeza e classificação da pimenta. Contém duas amostras de pimenta-do-reino em pacotes de 100g, um pacote de pimenta-do-reino da branca e outra de pimenta-do-reino da Cooperativa agrícola mista de Tomé-Açu A peneira faz parte da coleção permanente da Pimenta-do-Reino. Contém a legenda “Pimenta-do-reino branca” e “pimenta-do-reino preta” em idioma português e japonês. 1 peneira de palha.
Assunto	Peneira - Cipó Objeto - preparo de alimento

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A ficha catalográfica do objeto tridimensional n. 01 apresenta uma maior variedade de campos informacionais se comparada à etiqueta *de informação do objeto* tridimensional n.01. Apresenta as seguintes informações: o título do objeto (informações em português e japonês) bem diferente em relação à ficha catalográfica elaborada. O campo de *Notas* permite uma melhor contextualização do item no contexto histórico, social, tais informações não constam na *etiqueta de informação* do objeto tridimensional, ou seja, o catalogador recorreu a outras fontes de pesquisa para descrever essa informação. Já na parte assunto, a extração se deu pela análise do objeto, porém baseada em termos que já existiam em vocabulário controlado.

Seguimos para a construção da ficha catalográfica n.02, assim como na primeira análise de categoria, os elementos são referentes à definição de obra, objetivo da categoria e diretrizes de catalogação. Descreve a adoção de regras e diretrizes conforme o quadro 18, os campos são comuns a todos os itens catalogados nesta categoria, na qual o catalogador deve estar atento às informações

para seguir nas partes específicas da ficha. No quadro 21, apresentam-se os campos específicos para a descrição da ficha catalográfica:

Quadro 21 - Ficha catalográfica, categoria Objeto Tridimensional n.02

Método de aquisição/ Data de Aquisição/ Fonte da aquisição	Desconhecido
Número de tombo/ Localização de guarda permanente/ Mobiliário de guarda permanente	Não se aplica
Foto da obra descrita	
Informação sobre catalogação	Catalogador: Valéria Ferreira Data de catalogação: 05 - 04 - 2024 Autoridade: Não há
Regras utilizadas na catalogação	FFonte principal de informação; qualquer fonte; 10.1B1 título principal; 10.1C1 Acréscimo opcional. Designação geral do material.; 10.4C Registre o lugar de publicação, distribuição etc. de um artefato editado, de acordo com as instruções de 1.4C.; 1.4C6 Se nenhum lugar, provável ou não, puder ser determinado, registre a abreviatura s.l. (sine loco) ou seu equivalente em alfabeto não latino.; 10.4D1. Registre o nome do editor etc., e, opcionalmente o do distribuidor, de acordo com as instruções de 1.4D.; 1.4D6 Se o nome do editor, distribuidor etc. for desconhecido, registre s.n (sine nomine) ou seu equivalente em alfabeto não latino; 10.4F1. Registre a data de publicação etc. de acordo com as instruções de 1.4F.; 1.4F1. Para itens publicados, registre a data (i.e., ano) de publicação, distribuição etc. da edição, revisão etc. mencionada na área de edição.; 10.5C1. Material. Quando apropriado, registre o material de que são feito os objetos; 10.5D1. Quando apropriado, registre as dimensões do objeto em centímetros, com a aproximação das frações ao centímetro seguinte.; 10.7. Notas
Regras utilizadas na indexação	FERREZ, Helena Dodd. Tesouro de objeto do patrimônio cultural nos objetos brasileiros. Rio de Janeiro: Fazer arte, 2016. MOTTA, Dilza Fonseca da. Tesouro de cultura material dos índios no Brasil. Rio de Janeiro: Museu do Índio, FUNAI, 2014. Vocabulário da Controlado da USP

Título principal do objeto	Saco de Juta
Indicação de responsabilidade	Não há
Local e data de produção e/ou distribuição/ nome do editor e/ou distribuidor e data de publicação	Tomé-Açu?: [195-]
Designação geral do material	Objeto tridimensional
Designação específica	Não se aplica
Tipo do material	Tecido natural feito a partir das fibras da planta de juta
Estado de conservação	Bom
Formato	Retangular
Dimensões	74 cm x 107 cm aproximadamente
Coleção	Coleção Pimenta-do-Reino
Notas	1 saco de juta, tipo exportação
Assunto	Saco - Juta Equipamento para trabalho - feito de planta têxtil

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Por meio da elaboração das fichas catalográficas dos objetos tridimensionais n. 01 e n. 02, se aponta as seguintes considerações, em comparação à *etiqueta de informação do objeto*:

- Os campos que apresentam as informações acerca da *Definição da Obra*, *Objetivo da categoria*, *Diretrizes de Catalogação* são campos obrigatórios e comuns aos mesmos itens desta categoria, logo as informações aplicadas nos campos são idênticas e devem servir de orientação ao catalogador.
- Diferentemente da categoria anterior, no *campo de método de aquisição* não há informação pelo fato de o catalogador não conseguir identificar ou localizar a procedência do item catalogado.
- Assim como na categoria de análise anterior, o *número de tombo* não foi preenchido devido à sugestão da criação de um modelo de numeração de tombo. Conforme a necessidade do museu que possa ser adotado para o inventário ou catálogo do museu, o catalogador será o responsável pela criação e atribuição do número do tombo aos objeto;
- Os campos relativos à *foto da obra*, *informação sobre catalogação*, *regras utilizadas na catalogação* e *regras utilizadas na indexação* são campos

obrigatórios e os métodos e as regras podem ser variáveis, segundo a especificidade de cada objeto catalogado, tais regras e diretrizes proporcionam a padronização da categoria;

- Os campos *Título principal do objeto*, *Indicação de responsabilidade*, *Local e data de produção*, *Designação geral do material*; *Tipo do material*, *Estado de conservação*, *Formato*, *Dimensões*, *coleção* e *Notas consoante as informações* obtidas o catalogador preenche os campos, há campos que não foram obtidas informações, outros que não se aplicam a análise do item;

- Em ambas as fichas, o campo de *notas* traz informações relevantes ao item catalogado que não aparece contemplado nos campos anteriores e cabe ao catalogador a percepção de outras informações importantes na ficha. No campo *assunto*, é a parte da indexação do objeto do museu e segue as determinações das regras, diretrizes ou vocabulários controlados que auxiliem na descrição do objeto.

Diferentemente da categoria de análise anterior, o campo de *assunto*, *utilizaram-se critérios* para indexação. Diferentemente da categoria de foto, por se tratar de objetos utilizados aqui na região, foram buscados os termos por meio de vocabulários controlados, conforme na ficha anterior.

c. Análise da categoria: quadro.

Como nas demais categorias de anteriores, aqui foram selecionadas duas coletâneas de quadros para análise da coleção pimenta-do-reino. No quadro 18, logo abaixo, é apresentada a definição da obra em análise, os objetivos da categoria e diretrizes de catalogação.

Quadro 22 - Parte em comum na categoria Quadro

CATEGORIA	QUADRO
Definição da Obra	Quadro chart, frame 1. edit "uma folha opaca que expõe dados em forma gráfica ou tabular, por exemplo: num quadro didático" (aacr 83, p. 367). 2. inf página de dados que é mostrada na tela do terminal. 3. intern subdivisão de páginas em duas ou mais partes distintas. Geralmente uma das partes se mantém fixa, com hiperligações que auxiliam a navegação, enquanto a outra é atribuída ao conteúdo variável. Esse tipo de formatação de páginas Web facilita a orientação dos usuários, diminuindo, porém, o espaço disponível para a apresentação do conteúdo informacional. (Cunha; Cavalcanti, 2008, pg. 303).

Objetivo da categoria	Agrupar as informações e características pertinentes ao item “Quadro” que permita o catalogador enquadrar o item nesta categoria. Considerando o quadro como uma forma de registro visual em um suporte físico ou digital, podendo ser colorido, em P&B ou em outra cromaticidade A partir da análise do item será possível o estabelecimento de instrumentos, manuais ou regras (combinadas ou isoladas) que possibilitem a recuperação, a organização e a representação da organização e do conhecimento.
Diretrizes de Catalogação	Orientar na tomada de decisão em relação no que se diz respeito à catalogação de quadros na coleção da Pimenta-do-Reino no MHIJ/TMA incluindo orientações e princípios, critérios para a escolha e adoção de normas e regras do AACR2, estabelecendo diretrizes e limites para a ação de catalogação, podendo ser aplicado aos da coleção da Pimenta no MHIJ/TMA, podendo ser compartilhado para as demais coleções do museu para o desenvolvimento de um único catálogo para os objetos museais

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Para iniciar a construção das fichas catalográficas, é obrigatório que o catalogador se atente para as informações descritas com as diretrizes e normativas para a extração das informações do item.

Quadro 23 - Ficha catalográfica, categoria Quadro n. 01

Método de aquisição/ Data de Aquisição/ Fonte da aquisição	Desconhecido
Número de tombo/ Localização de guarda permanente/ Mobiliário de guarda permanente	Não se aplica
Foto da obra descrita	
Informação sobre catalogação	Catalogador: Valéria Ferreira Data de catalogação: 05 - 04 - 2024 Autoridade: Não há

Regras utilizadas na catalogação	8.0 Regras gerais; 8.0A Campo abrangido; 8.0B1 Fonte de informação principal; 8.1 área do título e da indicação de responsabilidade; 8.1B Título principal; 8.1B1 O título principal deve ser transcrito conforme a regra 1.1B.; 8.1C Designação geral do material; 8.1C1 A designação geral do material é um dado opcional; 8.1F Indicações de responsabilidade; 8.2 Área da edição; 8.3 Área dos detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação); 8.4 Área de publicação, distribuição etc; 8.5 Área da descrição física; 8.5B Extensão do item (incluindo designação específica do material); 8.5C Outros detalhes físicos; 8.5C2 Cor; 8.5D Dimensões; 8.6 Área da série; 8.7 Área das notas.
Regras utilizadas na indexação	Smit (1989) faz a descrição de análise em quatro categorias a partir de elementos visíveis genéricos da fotografia: QUEM: identificação do personagem/pessoa/objeto “enfocado”; ONDE: localização da imagem no “espaço” (geográfico ou espaço da imagem); QUANDO: localização da imagem no “tempo” (cronológico ou momento da imagem); COMO: Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto enfocado”.
Título principal do objeto	O que é pimenta- do- reino?
Indicação de responsabilidade	Não se aplica
Local e data de produção e/ou distribuição, nome do editor e/ou distribuidor e data de publicação	[Tomé-açu/Pará]: [1967?]
Designação geral do material	Quadro
Designação específica	Não se aplica
Tipo do material	Quadro com bordas de alumínio. Dados e fotos impressos em papel colorido. Fotos em cor sépia.
Estado de conservação	Bom
Formato	Retangular
Cromia	Desconhecido
Dimensões	Desconhecido
Coleção	Coleção Pimenta-do-Reino
Notas	Primeiro quadro com seus respectivos títulos: pimenteira trepada em cedro mogno; gavinhas de pimenteira; flores da pimenteira; pimenta - do - reino (ambos títulos em português e japonês) seguida com uma nota explicativa acerca da pimenta-do-reino (família e origens. “A pimenta-do-reino é uma planta semi-haste trepadeira, da família da piperáceas, que precisa um pouco de sombra. Originária do sul da Índia, desenvolve-se em troncos de árvores e fixando-se com suas gavinhas. O segundo quadro apresenta as seguintes imagens com seus

	respectivos títulos: Sr. Makinosuke Usui, Pai da Pimenta-do-Reino (1953); Tomoji Kato e família (extrema direita) que contribuiu para a propagação do cultivo da pimenta-do-reino (1940); pimenta-do-reino dos mares do sul, trazida pelo Sr. Makinosuke Usui (variedade Cingapura); Sr. Makinosuke Usui, entre o Sr. Enji Saito e esposa, que também contribuíram para a propagação da pimenta - do - reino (1953) Faz parte da coletânea de quadros associados ao título “O que é pimenta-do-reino?”
Assunto	Quadro 01 QUEM: Pimenta - do- Reino; ONDE: Tomé-Açu; QUANDO: Meados dos anos de 1960; COMO: Pimenta no suporte de Cedro Mogno, gavinhas de pimenteira e flores da pimenteira. Quadro 02 QUEM: Makinosuke Usui; ONDE: provavelmente em Tomé-Açu no estado do Pará; QUANDO: Meados dos anos de 1940 e 1950; COMO: Sr. Makinosuke Usui contribuiu para o desenvolvimento da Pimenta-do-Reino no município de Tomé-Açu no Pará.

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Na construção da ficha catalográfica do quadro n. 01, se aponta alguns campos que não existem em relação à *etiqueta de informação do objeto* existente no quadro:

- Os campos de *Definição da Obra, Objetivo da categoria, Diretrizes de Catalogação* correspondem a normativas e diretrizes obrigatórias e comuns aos itens desta categoria que servirão de orientação ao catalogador no processo de elaboração da ficha.
- No campo de *método de aquisição*, não há descrição de informação pelo fato de o catalogador não identificar a procedência do item catalogado.
- Na parte do *número de tombo*, não foi preenchido conforme a sugestão da criação de um modelo de numeração de tombo do próprio museu que possa ser adotado para o inventário ou catálogo do museu, conforme dito nas categorias anteriores.
- Assim como nas demais categorias, os campos da *foto da obra, informação sobre catalogação, regras utilizadas na catalogação e regras utilizadas na indexação* são campos obrigatórios. A variação que pode ocorrer é em relação às regras utilizadas, pois cada item apresenta uma especificidade e característica própria. Tais regras e diretrizes proporcionam a padronização da categoria por serem aplicadas as regras do mesmo capítulo do AACR2.
- As informações relativas aos campos *título principal do objeto, indicação de responsabilidade, local e data de produção, designação geral do*

material, quantidade e designação genérica; tipo do material, estado de conservação, formato, dimensões, coleção e notas são informadas segundo as informações obtidas o catalogador na análise do item. As informações que não aparecem nos demais campos podem ser que não se aplicam à análise do item ou que não se obteve a informação.

- Por se tratar de uma coletânea de quadros, o campo de *notas* apresenta informações importantes de cada quadro, onde em cada quadro há quatro fotos e informações descritas em português e japonês. Tais informações foram transcritas pela questão da contextualização do objeto.

- No campo *Assunto*, relacionado a indexação do quadro no museu, foram realizadas indexações para cada conjunto de quadro com suas respectivas fotos para a extração do conteúdo da foto dos quadros e adotado a mesma regra de análise de fotos da categoria Fotografia por meio da teoria de Smit (1989).

Abaixo segue a construção da última ficha para a análise desta categoria, no Quadro 24:

Quadro 24 - Ficha catalográfica, categoria Quadro n. 02

Método de aquisição/ Data de Aquisição/ Fonte da aquisição	Desconhecido
Número de tombo/ Localização de guarda permanente/ Mobiliário de guarda permanente	Não se aplica
Foto da obra descrita	

	 Circulação da Pimenta-do-Reino — 胡椒の流通 — Após o beneficiamento, a pimenta é embalada em sacos de 50 Kg, transportada e armazenada. Comercializada através da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu e outros intermediários é exportada principalmente para os mercados europeu, norte-americano e argentino. 加工後は50キロ単位で袋に入れ、保管・輸送を行います。トメアスー総合農業協同組合や仲買商の手を経て、主として欧米やアルゼンチンに輸出されます。 Recebimento da pimenta-do-reino (1967) 胡椒の出荷 (1967年) Embarque da pimenta-do-reino (1967) 胡椒の船積み (1967年)
Informação sobre catalogação	Catalogador: Valéria Ferreira Data de catalogação: 05 - 04 - 2024 Autoridade: Não há
Regras utilizadas na catalogação	8.0 Regras gerais; 8.0A Campo abrangido; 8.0B1 Fonte de informação principal; 8.1 área do título e da indicação de responsabilidade; 8.1B Título principal; 8.1B1 O título principal deve ser transcrito conforme a regra 1.1B.; 8.1C Designação geral do material; 8.1C1 A designação geral do material é um dado opcional; 8.1F Indicações de responsabilidade; 8.2 Área da edição; 8.3 Área dos detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação); 8.4 Área de publicação, distribuição etc; 8.5 Área da descrição física; 8.5B Extensão do item (incluindo designação específica do material); 8.5C Outros detalhes físicos; 8.5C2 Cor; 8.5D Dimensões; 8.6 Área da série; 8.7 Área das notas.
Regras utilizadas na indexação	Smit (1989) faz a descrição de análise em quatro categorias a partir de elementos visíveis genéricos da fotografia: QUEM: identificação do personagem/pessoa/objeto “enfocado”; ONDE: localização da imagem no “espaço” (geográfico ou espaço da imagem); QUANDO: localização da imagem no “tempo” (cronológico ou momento da imagem); COMO: Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto enfocado”.
Título principal do objeto	Do plantio à produção de pimenta-do-reino
Indicação de responsabilidade	Não se aplica
Local e data de produção e/ou distribuição, nome do editor e/ou distribuidor e data de publicação	[Tomé-açu/Pará]: [1967?]
Designação geral do material	Quadro
Quantidade e designação genérica	3 quadros com duas fotos cada.
Designação específica	Não se aplica
Tipo do material	Quadro com bordas de alumínio. Dados e fotos impressos em papel colorido. Fotos em cor sépia
Estado de conservação	Bom
Formato	Retangular
Cromia	Desconhecida
Dimensões	Desconhecida
Coleção	Coleção Pimenta-do-Reino.

Notas	Quadro 01 apresenta como título: “Cultivo da Pimenta - do - Reino” e contém o seguinte texto: No Brasil, faz-se o plantio usando-se como tutor uma estaca de madeira. Dois anos após o plantio, colhe-se os primeiros frutos, mas somente no 4º ano atinge-se a plena produção. Quadro 02 tem como título “Beneficiamento da pimenta-do-reino”, com duas fotos e com o texto: Depois de colhidos e debulhados os frutos, a secagem é feita ao sol, quando a pimenta atinge a coloração preta. Daí o nome de “pimenta preta”. Para se obter a “pimenta branca”, coloca-se os frutos maduros na água para amolecer e remover a casca em seguida secá-los também ao sol. Quadro 03 apresenta como título “Circulação da Pimenta-do-Reino”, com duas fotos e o seguinte texto: Após o beneficiamento, a pimenta é embalada em sacos de 50kg, transportada e armazenada. Comercializada através da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu e outros intermediários é exportada principalmente para os mercados europeu, norte-americano e argentino. Ambas informações se apresentam em idioma português e japonês. Faz parte da coletânea de quadros associados ao título “Do plantio à produção de pimenta-do-reino”
Assunto	Quadro 01 QUEM: Pimenta-do-reino; ONDE: Tomé-Açu, Pará, Brasil; QUANDO: 1967. COMO: A fotografia faz a descrição como ocorre a circulação da pimenta-do-reino no município de Tomé-Açu/Pa em 1967. Quadro 02 QUEM: Pimenta-do-reino; ONDE: Tomé-Açu, Pará, Brasil; QUANDO: Entre 1940 a 1967; COMO: como ocorreu o beneficiamento da pimenta-do-reino em Tomé-Açu/ Pará. Quadro 03 QUEM: Pimenta-do-reino; ONDE: Tomé-Açu, Pará, Brasil; QUANDO: 1967; COMO: Como se deu o cultivo da Pimenta no município de Tomé-Açu/ Pará.

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Em síntese, na elaboração das fichas catalográficas das amostras da coletânea de quadros se observa que os campos descritivos e representativos que servem de estrutura na construção da ficha apresentam informações e elementos significativos que contextualizam o objeto dentro na questão espaço e tempo na exposição.

Apesar de as informações nas *etiquetas de informação dos objetos* serem também contempladas na ficha catalográfica, esta, por sua vez, proporciona um quantitativo de informações significante que pode além de subsidiar a exposição e a identificação dos objetos museológicos da coleção de Pimenta-do-Reino. Na seção a

seguir, será explanada a discussão acerca das fichas catalográficas em relação à etiqueta de informação dos objetos.

6 DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

Nesta seção se apresenta a discussão das análises de categorias dos objetos museológicos, por meio da proposta de Organização e Representação do Conhecimento na coleção permanente de Pimenta-do-Reino do Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/Pará.

Partiu-se da observação e análise dos objetos da coleção de como estes se apresentam no museu. Diante disso, identificou-se que a maioria dos objetos apresenta a *etiqueta de informação do objeto* e para fins de análise, fez a elaboração de modelo da ficha catalográfica para a identificação, recuperação e disseminação da informação contidas nas coleções existentes do museu.

a. Categoria de discussões das fichas catalográficas: fotografia.

A primeira categoria analisada foi de objetos classificados como “fotografia” com a aplicação das Diretrizes do CIDOC (Comitê internacional de documentação) e do AACR2. Sendo possível a obtenção de outras informações por meio dos elementos descritivos existentes nas fotografias da coleção de Pimenta-do-Reino do museu, como apresentamos abaixo nas fotografias da categoria de análise:

Foto 05 Hawai Maru no dia da partida do porto de Kobe (1933)



Fonte: elaborado pela autora (2024).

No tratamento de análise informacional da foto 05, foi possível conferir os seguintes elementos da *etiqueta de informação do objeto*:

- Título: Hawai Maru no dia da partida do porto de Kobe;
- Data: 1933;
- Nome do doador: Kiyoko Usui;
- Notas: A *etiqueta de informação do objeto* apresenta-se em idioma português e japonês. Com perda de qualidade da imagem em virtude do tempo.

Enquanto na segunda foto, Foto 06, pela *etiqueta de informação do objeto*, realizando a análise informacional da fotografia, obtiveram-se os seguintes elementos informacionais e descritivos:

Foto 06 - Viajando no Barco Universal II da CAMTA (1953)



Fonte: elaborado pela autora (2024).

- Título: Viajando no barco Universal II da CAMTA;
- Data: 1953;
- Nome do doador: Kiyoko Usui;
- Notas: A *etiqueta de informação do objeto* apresenta-se em idioma português e japonês. Com perda de qualidade da imagem em virtude do tempo.

A partir da identificação dos elementos *etiqueta de informação do objeto*, seguimos com a comparação da ficha catalográfica desenvolvida com os critérios das diretrizes do CIDOC (Comitê..., 2014) e do AACR2 (2002):

Observa-se que a **primeira etapa** de análise é comum a todas as categorias, ela é determinante, oferece ao catalogador a segurança de classificar o item/ objeto na categoria correta. A primeira etapa é identificado pelo seguinte campo: *definição da obra, objetivo da categoria e diretrizes de catalogação*, essa etapa contempla a parte de orientação no processo de catalogação, cabendo ao catalogador aplicar os níveis de descrição de catalogação sugeridas pelo AAC2), enquanto a *categoria* é o próprio item/objeto a ser catalogado.

Já a **segunda etapa** diz respeito a características próprias do item/objeto por meio dos campos: *método de aquisição, data de aquisição ou fonte da aquisição* que fornece informações de como o objeto museológico foi adquirido ou obtido, tal

campo foi criado pensando nas normas do AACR2 do CIDOC que contemplam esse tipo de elemento descritivo.

Os campos referentes ao *número de tombo*, *localização de guarda permanente*, *mobiliário de guarda* foram baseados nas diretrizes do CIDOC onde apresenta que cada objeto do museu deve receber identificador único, para um posterior registro no sistema de documentação ou para contribuir com inventário. A inclusão do campo *foto da obra descrita* se baseia no CIDOC onde a fotografia do item é incorporada para fins de gestão do acervo museológico. O outro campo, *informação sobre catalogação*, foi fundamentado no CIDOC, por impedir alterações não autorizadas na documentação, garantido a segurança, a responsabilidade e o acesso à informação.

Enquanto nos campos de *regras utilizadas na catalogação*, o ato de descrever objeto, propriamente, seguindo as regras do AACR2 e no caso de dúvidas ou ausência de outras informações, recorrer ao CIDOC. Visto que o AACR2, apesar de ser aplicado em museus, pode não abarcar os campos necessários para a descrição do objeto museológico, logo se recorre para as diretrizes do CIDOC.

Por fim, último campo desta etapa, que está relacionado às *regras utilizadas na indexação*, como este tema é recente na área de museologia e não há não critério pré-estabelecido de indexação em museus. Seguem as vertentes utilizadas no campo da biblioteconomia, logo aqui foi adotada para o objeto fotografia a regra Smit (1989), onde a descrição da análise fotográfica se dá em quatro categorias por meio de elementos visíveis genéricos da fotografia.

Por fim a **terceira etapa** apresenta a descrição propriamente dita das fotografias apresentando as informações do *título principal do objeto* (segue a regra do AACR2, *título principal*); *designação geral do material* (segue a regra do AACR2, *título principal*); *tipo do material* (foi adaptado da parte do CIDOC (Comitê internacional de documentação) que trata de informações sobre material e técnica); *estado de conservação* (baseado na regra do AACR2 — 3.5 outros detalhes físicos); *formato* (baseado na regra do AACR2 — 3.5 outros detalhes físicos, contemplado também no CIDOC na parte de informação sobre medição); *cor* baseada na regra do AACR2 (3.5 outros detalhes físicos, contemplado também no CIDOC na parte de informação sobre medição); *dimensões* (baseado na regra do AACR2 — 3.5 outros detalhes físicos, contemplado também no CIDOC na parte de informação sobre medição); *coleção* (informação sobre localização onde se encontra o material na coleção).

Por fim, assunto (parte de acesso ao item por meio do assunto que ele representa, podendo seguir uma regra teórica, vocabulários, tesouros e outras ferramentas de controle de verbetes).

Para a indexação das fotografias em análise, foi adotada a teoria de Smit (1996) que trata da representação de imagens e por meio de descrição de imagens por categorias “QUEM; ONDE; QUANDO; COMO/ O QUE”. Contudo, Yassuda (2009) destaca que se pode recorrer a outras formas de representação do assunto por meio da adoção de tesouros e vocabulários controlados para controle de conteúdo e auxiliando na recuperação em catálogos e sistemas informatizados.

O processo de indexação é bem desenvolvido na área de biblioteconomia, assim como já se discute esse processo na arquivologia. Carvalho (2022) descreve que o processo de representação dos objetos museológicos por fichas de catalográficas permite um campo para a indexação, onde o autor chama de catalogação de assunto, semelhante ao processo de indexação desempenhado em bibliotecas universitárias só que no campo de museus há poucos estudos nessa esfera.

b. Análise de discussões das fichas catalográficas: objeto tridimensional.

Observa-se que esta categoria apresenta uma variedade de objetos com suas características peculiares e uma diversidade de campos, podendo ou não ser preenchidos, pois isso depende muito do objeto a ser descrito. Mesmo diante de regra a catalogação dos objetos tridimensionais, cada objeto terá sua ficha única para cada item e apresentando informações adicionais relevantes no campo de notas.

Apontado por Yassuda (2009), mesmo se utilizando padrões de fichas entre tais coleções, isso não impede que, no ato da catalogação, sejam inseridas outras informações que fazem parte da obra/item:

Portanto, alguns campos das fichas catalográficas para itens de coleções museológicas são bastante genéricos, possibilitando a construção da narrativa biográfica do item, outros campos seriam mais específicos, referentes à descrição física do material (Yassuda, p. 55, 2009).

Assim como na análise anterior, essa **primeira etapa** é comum a todas as categorias, uma parte significativa, pois aqui o catalogador será o responsável por preencher os campos que dão direcionamento para a escolha de catalogação do

item nesta categoria. É uma garantia e segurança de tratar o item em análise na categoria correta.

Apresenta os seguintes campos: *definição da obra, objetivo da categoria e diretrizes de catalogação* aqui é um processo de orientação para o catalogador, tal qual na categoria anterior, repete-se a informação enquanto ao critério do nível de descrição apontado no AACR2, essa tomada de decisão, cabe exclusivamente, ao profissional responsável pela catalogação do objeto museológico.

Como se observa, foto 07, o objeto tridimensional da análise é um cesto de cipó com duas amostras da pimenta-do-reino (pimenta-branca e pimenta-preta) e a etiqueta indica apenas um elemento descritivo: o título que é da amostra da pimenta-do-reino e com informações transcritas nos dois idiomas: português e japonês. No tratamento de análise informacional do objeto tridimensional n. 01, os elementos da *etiqueta de informação do objeto* apresentam duas etiquetas, os seguintes campos:

- Título 01: Pimenta do Reino-Branca;
- Título 02: Pimenta do Reino-Preta;

Foto 07 - Etiqueta de informação do objeto da pimenta-do-reino branca e preta



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Aqui cabe a reflexão de alguns apontamentos da pesquisa de Yassuda (2009), em relação às fichas catalográficas que podem trazer elementos dos objetos referentes à descrição física ou sobre o histórico do objeto. Porém, caso estas informações não estejam acessíveis na fonte principal de informação, cabe ao catalogador realizar uma pesquisa a respeito do objeto catalogado, como, por exemplo: a procedência do item, qual o material ou técnica utilizada, medir ou calcular as dimensões do objeto a ser catalogado.

Na foto 08, este objeto tridimensional, assim como o objeto acima, apresenta apenas um elemento descritivo:

- Título: Saco de juta tipo exportação.

Foto 08 - Etiqueta Saco de Juta



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Em comparação à categoria anterior, a *etiqueta de informação do objeto* dos objetos tridimensionais do próprio museu é limitada em aspectos descritivos de formação à informação, contendo apenas o título do item. O que difere da ficha catalográfica elaborada para a categoria que apresenta os campos e informações descritas, o processo de catalogação desta categoria seguiu os critérios semelhantes na categoria anterior:

Com a **primeira etapa**, que é relativa aos campos da *definição da obra*, *objetivo da categoria e diretrizes de catalogação*, trata-se da primeira etapa de orientação para o processo de catalogação do objeto e a *categoria* que se refere ao item propriamente dito a ser catalogado.

Na **segunda etapa**, é correspondente aos campos do *método de aquisição*, *data de aquisição ou fonte da aquisição*, pois tanto o AACR2 quanto o CIDOC (Comitê internacional de documentação) utilizam esses campos; em seguida a ficha catalográfica apresenta os campos de *número de tombo*, *localização de guarda permanente*, *mobiliário de guarda*, no qual o CIDOC propõem que cada objeto do museu deva receber identificador único, para um posterior registro no sistema de documentação ou até mesmo ser utilizado em inventário.

Outro campo é o da *foto da obra descrita*, no CIDOC a fotografia do item é incorporado para fins de gestão do acervo museológico bem semelhante ao que foi explanado na categoria anterior; no campo *informação sobre catalogação* é

embasado no CIDOC, ao ajudar aos responsáveis pela catalogação do museu a impedir alterações não autorizadas na documentação garantido a segurança, a responsabilidade e o acesso à informação; *regras utilizadas na catalogação* (cabe ao catalogador atentar para as regras do AACR2 e aplicar no item fotografia em dúvidas ou ausência de outras informações recorrer ao CIDOC).

Por fim nos campos referentes a *regras utilizadas na indexação*, é baseado no processo de indexação em bibliotecas, porém se difere da categoria anterior, por não ter se identificado até o encerramento da pesquisa alguma regra ou teoria baseada em análise de indexação para objetos tridimensionais.

Logo, observa-se que, para fins de controle, foram utilizadas duas ferramentas de controle que são vocabulários controlados: FERREZ, Helena Dodd. **Tesouro de objeto do patrimônio cultural nos objetos brasileiros**. Rio de Janeiro: Fazer arte, 2016. e MOTTA, Dilza Fonseca da. **Tesouro de cultura material dos índios no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, FUNAI, 2014. A escolha dos vocabulários foi baseada na especificidade dos objetos presentes na região Amazônica.

Na sequência a **terceira etapa** apresenta os campos do *título principal do objeto*, seguindo a regra do AACR2 (título principal); *designação geral do material*, segue a regra do AACR2 (fica a critério do catalogador a inserção do campo); seguido do campo *tipo do material*, sendo adaptado da parte do CIDOC que trata de informações sobre material e técnica; já o campo *estado de conservação* fundamenta-se na regra do AACR2 3.5.

No campo *outros detalhes físicos* formato se embasa na regra do AACR2 (3.5 outros detalhes físicos), contemplado também no CIDOC na parte de informação sobre medição; *dimensões* baseado na regra do AACR2 (3.5 outros detalhes físicos) contemplado também no CIDOC na parte de informação sobre medição; o campo *coleção*, apresenta informação sobre localização onde se encontra o material na coleção; e finaliza com o campo correspondente a extração do *assunto*, parte de acesso ao item por meio do assunto que ele representa, podendo seguir uma regra teórica, vocabulários, tesouros e outras ferramentas de controle de verbetes.

No campo “Assunto”, diferentemente da categoria anterior, não é utilizada uma regra, visto que a indexação, como uma prática proveniente da Biblioteconomia, permite a representação temática conforme o assunto do bem tratado. O diálogo entre a biblioteconomia e a Museologia são possíveis graças a aproximação dos

conceitos, instrumentos e metodologias acerca da Organização do Conhecimento e Ciência da Informação e a proximidade de conceitos como organização, preservação, mediação, comunicação e disseminação da informação (Carvalho, Fonseca e Redigolo, 2021).

Com isso, se repara que a falta de ferramentas ou de representação e indexação em museus apontam a necessidade de mais estudos acerca da indexação em museus devido à necessidade de extrair dos objetos e documentos museológicos o assunto que cerca as coleções.

c. Análise de discussões das fichas catalográficas: objeto quadro.

Segue-se com a análise da última categoria composta por quadros, na verdade, uma coletânea de quadros. A descrição é fundamentada em regras semelhantes da primeira categoria *Fotografia*, com aplicação das regras do capítulo 8 como determina o AACR2.

A escolha por ficha catalográfica é um dos instrumentos de pesquisa que possibilita o tratamento informacional de objetos e documentos existentes em museus, graças a identificação os campos de registro na parte de tratamento temático e no tratamento descritivo da informação possibilitando ao profissional da informação a construção da análise documental para a documentação museológica, assim possibilitando a construção de resumos acerca do objeto descrito (Reis, 2020), assim como as demais categorias segue as etapas e os respectivos campos.

Como nas categorias anteriores, a **primeira etapa** é comum a todas as categorias, o início do processo de catalogação por essa etapa é importante, pois dará ao catalogador a segurança de classificar o item em análise na categoria correta. Repete-se os mesmos campos das categorias anteriores e suas informações: *definição da obra*, *objetivo da categoria* e *diretrizes de catalogação* (aplica-se a critério do catalogador o nível de descrição sugerido pelo AACR2), enquanto a *categoria* é o item a ser catalogado.

O destaque da categoria é a diferença das demais pelo fato de não apresentar a *etiqueta de informação do objeto*, contudo, comparando a *etiqueta de informação do objeto* das categorias anteriores os elementos informacionais encontrados na coletânea dos quadros são similares a campos da *etiqueta de informação do objeto*: título, data, nome do doador. Exceto a parte dos quadros que

contém um pequeno resumo. Observando-se que o catalogador aplicou as principais informações encontradas na coletânea para as informações de análise.

Abaixo se apresenta a extração da análise dos títulos dos quadros (Fotos 09 e 10) em análise:

- Título da Coletânea 01: O que é pimenta-do-reino?
- Título do Quadro 01: O que é pimenta-do-reino?
- Título do Quadro 02: Makinosuke Usui, Pai do Cultivo da Pimenta-do-

Reino.

Foto 09 - Coletânea "O que é pimenta - do - reino?"



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Abaixo se demonstram os elementos informacionais encontrados na coletânea de quadros, foto 10, foto 11 e foto 12:

- Título da Coletânea 02: Do plantio à produção de pimenta-do-reino?
- Título do Quadro 01: Cultivo da pimenta-do-reino.
- Título do Quadro 02: Beneficiamento da pimenta-do-reino.
- Título do Quadro 03: Circulação da pimenta-do-reino.

Foto 10 - Cultivo da pimenta - do - reino



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Analizando os quadros se percebe que ambos apresentam a mesma disponibilidade de elementos informacionais e fotos, diferentemente das demais categorias no processo de catalogação da categoria foram aplicadas as diretrizes do CIDOC (Comitê internacional de documentação) e o capítulo 8 do AACR2 aplicado na categoria de fotografia a mesma regra.

Foto 11- Beneficiamento da pimenta - do - reino



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Em ambos, os quadros seguem a mesma disponibilização de elementos como texto e o mesmo quantitativo de fotos e apresentam legendas nos idiomas português e japonês, como se observam nas fotos 10, 11 e 12.

Foto 12- Circulação da pimenta - do - reino



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Seguindo a discussão da **segunda etapa**, os campos e as regras adotadas são semelhantes aos da categoria de fotografia, isso se justifica pelo fato do catalogador utilizar o capítulo de regras e diretrizes aplicado a essas categorias, que são semelhantes.

Nessa etapa apresenta os campos de *método de aquisição*, *data de aquisição* ou *fonte da aquisição*, tanto o AACR2 quanto o CIDOC utilizam esse campo; o campo *número de tombo*, *localização de guarda permanente*, *mobiliário de guarda*, indica segundo o CIDOC que cada objeto deva receber um identificador único, para um posterior registro no sistema de documentação e inventário; o campo *foto da obra descrita*, segue as orientações do CIDOC onde há fotografia do item é importante para fins de identificação do objeto na gestão do acervo museológico.

O campo acerca da *informação sobre catalogação* segue as orientações do CIDOC como meio de auxiliar e impedir alterações de pessoas não autorizadas na documentação, pois a responsabilidade deve ser atribuída ao catalogador responsável pela coleção do museu. Campo de *regras utilizadas na catalogação*, pegue as mesmas orientações da categoria de análise *Fotografia*, onde o catalogador deve se atentar às regras do AACR2, no caso de dúvidas ou ausência de outras informações, recorrer ao CIDOC.

O último campo dessa categoria diz respeito às *regras utilizadas na indexação*, como não há um critério de indexação em museus, aqui foi adotada para o objeto fotografia a regra Smit (1989). Onde a descrição da análise fotográfica se dá

em quatro categorias mediante elementos visíveis genéricos da fotografia, em virtude de ser o mesmo critério adotado na categoria *Fotografia* e por se enquadrar no mesmo Capítulo 8 do AACR2.

Na **terceira etapa** e última parte da discussão apresenta-se os campos referentes às informações do *título principal do objeto*, em que o catalogador segue a regra do AACR2 8.1 A (título principal); *designação geral do material*, segue a regra do AACR2 é um elemento que fica a critério de adoção pelo catalogador; o campo que se ao *tipo do material*, é uma adaptação da diretriz do CIDOC (Comitê internacional de documentação) acerca das informações sobre material e técnica tais elementos são contemplados no AACR2 8.1 C; *outros detalhes físicos* formato baseado na regra 8.3 do AACR2 (outros detalhes físicos), agraciado também no CIDOC na parte de informação sobre medição; *dimensões* baseado na regra 8.5D do AACR2 (outros detalhes físicos).

Assim como no CIDOC há uma parte de informação voltada para a medição; no campo referente *coleção*, é relacionada a informação sobre localização onde se encontra situado o material no museu; o campo de área de *notas* regra 8.7) do AACR2 apresenta elementos informacionais que não pudessem contemplados nas regras dos campos do capítulo 8 do AACR2; no campo *assunto*, parte de acesso ao item por meio da descrição do assunto que ele representa, podendo seguir uma regra teórica, vocabulários, tesouros e outras ferramentas de controle de verbetes.

Diante do campo *Assunto* (indexação) os critérios de extração e identificação dos assuntos seguiu os mesmos critérios adotados na primeira categoria *Fotografia* pelo fato dos quadros conter imagens, necessariamente fotos a respeito da Pimenta-do-Reino, e se enquadrar na mesma regra de fotografias pelo AACR2.

Importante ressaltar que esse processo de indexação ocorre devido à prática de catalogação. Nesta pesquisa, trata-se dos elementos da ficha na totalidade, cabendo apresentar a importância de pesquisas e estudos a respeito da extração de assuntos dos objetos museológicos e sua possível recuperação da informação por meio da ficha catalográfica. Que apresenta, além da riqueza da descrição física e da descrição por seus campos próprios, trará outro e importante tema que é a indexação dos objetos.

6.1 Síntese da discussão geral dos resultados.

Por esses apontamentos das discussões se chega a uma construção de organização e representação por meio da elaboração da ficha catalográfica para objetos da coleção da pimenta-do-reino, visto que, a Ciência da Informação como ciência se preocupa em responder os novos desafios no espaço da informação, Bottallo (2011).

A questão da organização e representação da informação em centros culturais, centros de informação, arquivos pessoais e centros de memória é possível graças às relações interdisciplinares da biblioteconomia, arquivologia e neste caso em museus é possível graças às adaptações das ferramentas de organização e representação do conhecimento.

Observou-se que, em todas as construções e elaborações das fichas das categorias, se seguiram as Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objetos de Museus (Comitê..., 2014) e as regras de catalogação do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2).

Na parte da indexação, também foi baseado no que as diretrizes e regras apontavam e, utilizando teoria e ferramentas já utilizadas no campo da biblioteconomia, isso é possível em virtude da interdisciplinaridade entre as áreas. Houve um cuidado na organização e disponibilização física dos objetos — seguindo o cronograma histórico dentro das suas coleções — determinando-se que os três campos iniciais sejam norteadores na categorização e classificação do objeto em análise para em seguida apontar as normativas pertencentes a categoria.

Um ponto relevante é a criação das categorias, visando um planejamento para distinguir as características e objetividades que cada objeto museológico da coleção precisa e auxiliar o responsável pela catalogação na hora do tratamento informacional.

Possibilitando a compreensão, a contextualização da organização do conhecimento e suas aplicabilidades na documentação museológica por meio da construção de fichas catalográficas que atendam a organização e o planejamento de representação da coleção do museu.

Diante do desenvolvimento de um mecanismo informacional e representativo que permite a descrição temática e descritiva acerca do objeto museológico, surgem as categorias de análise das fichas dos itens coletados. Há a parte nos quais o

catalogador precisa ler, compreender e interpretar as informações para iniciar o processo de catalogação da categoria, onde envolve todo um trabalho intelectual do catalogador.

Houve a preocupação de fornecer informações acerca da *definição da obra*, *objetivo da categoria* e quais *diretrizes de catalogação* a serem adotadas na documentação do museu. Isso visa refletir na criação política de documentação museológica, tendo um profissional ou equipe de profissionais que possam ser responsáveis pelo tratamento da documentação.

O AACR2 (2004), com sua organização estrutural, apresenta as regras de descrição para cada material, como livro e descrição para outros tipos de recursos e pontos de acesso para cada item a ser descrito.

Seguindo as regras que atendam a especificidade de cada item catalogado e somente a partir desses eixos norteadores *definição da obra*, *objetivo da categoria* e *diretrizes de catalogação* se possibilita ao catalogador a elaboração das diretrizes e descrição de um determinado item que se atente para cada campo de registo e a características de informação que permeia o material tratado.

Enquanto nas bibliotecas a catalogação ocorre de maneira mais diferenciada e num processo mais rápido por meio de cooperação dos dados de catalogação em outra unidade que tenha o mesmo item, em museus, esse contexto se inverte.

Isso se dá porque a maioria das peças é de caráter único e exclusivo, tornando o processo mais complexo. Como reforça Yassuda (2009), o tratamento descritivo da informação em museus por meio das fichas catalográficas é um processo mais demorado e delicado em museus. E requer a apropriação de outros conhecimentos que devem ser por meio de pesquisas para averiguar o conteúdo e as informações para realizar a descrição do item, porém isso não exclui a importância da ficha catalográfica no contexto do museu.

No geral das categorias, chega-se ao apontamento de que a etiqueta de *informação do objeto*, existente nos objetos museológicos do MHIJ/TMA, não contempla uma quantidade significativa de informação. Como se observou, em todas as categorias, um elemento em comum aos objetos foi a existência do *título*, com exceção da categoria referente aos quadros que não possuem a *etiqueta de informação do objeto*, onde neste caso se obteve a informação no próprio objeto.

Como foi apontado em outras nas categorias de análise e reforçado por Yassuda (2009) na catalogação de objetos da coleção do museu, não há obrigatoriedade do preenchimento de todos os campos da ficha catalográfica e sim

que as informações pertinentes dos objetos sejam contemplados na ficha catalográfica.

Outro detalhe significativo é acerca dos campos da ficha catalográfica, que proporciona ao usuário uma contextualização do objeto museológico por meio do campo de *Notas e Assunto*, onde pela catalogação proporciona outras informações relevantes ao usuário além da sua característica de exposição.

Lara Filho (2009) discute o papel do museu além da exposição é sim como um agente na produção do conhecimento assim como as bibliotecas e arquivos isso se dá ao fato que ambas instituições apresentam seus acervos, coleções, preservação, documentação, organização e classificação e entre os fatores, onde essa, características refletem na importância da organização e representação de coleções museológicas que venha atender as necessidades da instituição.

No caso do campo de *notas e assunto*, requer pesquisa fora do item analisado para poder fazer a inclusão da informação na ficha. Por exemplo, no campo de notas, pode ser que a informação do item esteja incompleta na fonte principal de informação e o catalogador busque em outras fontes as informações precisas para completar a informação da nota.

No caso da indexação, verificar qual método ou teoria deve ser melhor aplicada consoante a necessidade de se atender à instituição e ao usuário que busca não só esse espaço para fins de lazer e sim como fonte de pesquisa e memória de uma comunidade.

Com a elaboração da ficha catalográfica, foi possível identificar que as normativas e os critérios de adoção de regras proporcionaram uma padronização de campos e elementos, dando uma coesão e coerência de dados e informações nas fichas catalográficas. Possibilitando a recuperação de informação do museu, auxiliando na identificação e localização do objeto na coleção e controle dos objetos existentes na coleção.

Seguindo a lógica da elaboração de fichas para categorias de objetos, o ideal seria a construção de uma planilha para cada categoria de objeto. Porém, isso demanda conhecimento, estudos e pesquisas de profissionais que deem o suporte ao museu para fazer um planejamento e tomada de decisão sobre qual política adotar na organização da documentação museológica.

As bibliotecas desenvolvem suas políticas de catalogação e de indexação como quesitos de planejamento e estratégico para a tomada de decisão dos pontos de acesso, o nível de descrição e ferramentas utilizadas nas bibliotecas. No

tratamento informacional, pode ser viável na descrição dos elementos do museu e construir uma política ou diretriz que atenda o perfil e a necessidade do museu.

Há preocupação com o desenvolvimento de técnicas no âmbito da organização e representação do conhecimento em espaços museológicos que venha abranger a catalogação e indexação das coleções, pois não se visa somente a padronização e cooperação de dados entre as instituições e sim a responsabilidade de disponibilizar o acesso das coleções e os acervos para sociedade.

Como expõe Vasconcellos, Funari e Carvalho (2015), explica-se que por muito tempo as instituições museológicas estiveram atreladas ao elitismo e hoje a partir da segunda metade do século XX os museus apresentam uma nova visão acerca da democratização das coleções aos mais diferentes públicos.

Por meio de adoção de diretrizes e regras claras para o tratamento da informação museológica, evitam-se as ambiguidades no registro informacional e a perda da informação contida no objeto. Como, por exemplo, caso não esteja claro os critérios adotados, cada profissional que for atuar no museu poderá organizar e descrever as informações de maneira aleatória. Ocasionalmente ocasionando uma desorganização da informação contida nas coleções e até mesmo perda de objetos por não se ter um controle das peças das coleções e nem a descrição das mesmas para fins de recuperação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do entendimento teórico da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação é importante levar a discussão acerca do tratamento temático e descritivo da informação nas coleções museológicas em virtude de que são poucas pesquisas direcionadas para esse contexto o que dificultou o levantamento de materiais bibliográficos e subsídio para o tema em questão.

Considerando o museu como um espaço multifacetado que abrange um espaço de cultura, entretenimento, pesquisa, lazer, memória e exposição e segundo os dados do Instituto Brasileiro de Museus (Instituto..., 2011) o Norte é uma das regiões com menor quantitativo de museus esta pesquisa visou proporcionar visibilidade ao Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/Pará e a importância da documentação museológica, pois este valida as informações contidas nos objetos da instituição além que a adoção de instrumentos que permitam a padronização, uso de uma linguagem de recuperação de informações.

O desenvolvimento de catálogo ou índice das coleções o qual possibilita que as informações colaborem para as funções de pesquisa, memória, social e cultural da região não só da região nordeste do Estado, mas para o contexto histórico dos Imigrantes e parte da formação social da Amazônia.

As coleções existentes no Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/Pará narram toda uma trajetória da chegada desses imigrantes na região amazônica até as suas instalações na região e as dificuldades e desafios enfrentados pelos imigrantes na região. A seleção da coleção da Pimenta-do-Reino se deu justamente pelo destaque nacional e internacional do cultivo dessa especiaria que recebeu o nome de “Diamante Negro da Amazônia” pelo destaque do município na produção e exportação da Pimenta que também atraiu pessoas de outras cidades para trabalhar aqui na colheita da pimenta, como os cametaenses.

Diante disso se ressalta a importância do Museu Histórico da Imigração Japonesa em Tomé-Açu/Pará, além de fazer parte da rota turística e ponto de visitas para fins de compreensão do processo histórico da região comunidade japonesa do Pará e no Brasil, pois é o único museu da imigração japonesa na região Norte. Os museus que por muito tempo foram espaços elitistas hoje tem uma nova roupagem de acesso, informação, ponto de referência de identidade e memória destes imigrantes na região e do Brasil, pois o movimento da imigração japonesa se

deu em outros estados brasileiros, pois no município de Tomé-Açu é a terceira maior colônia de japoneses do Brasil.

Seguindo o pensamento do tópico *3.1 Museus e seu papel na sociedade: espaço de memória, pesquisa e informação* em que se discorre a respeito dos museus como agente de memória, pesquisa e informação é justamente para haver uma reflexão acerca da importância dos objetos e documentos de museus nas instituições, pois os objetos de uma coleção trazem informações intrínsecas e extrínsecas no tocante de contextualização no espaço e tempo afinal os museus no Brasil foram umas das primeiras instituições de pesquisa científica sempre acompanhando o processo da ciência e pesquisa com descreveu Lopes (2009).

Assim como nas bibliotecas que desenvolvem suas políticas de catalogação e de indexação, que auxiliam diretamente na tomada de decisão dos pontos de acesso, no nível de descrição e quais ferramentas a serem utilizadas nas bibliotecas refletir como esse processo de catalogação é viável na descrição dos elementos do museu e construir uma política ou diretriz que atenda o perfil e a necessidade do museu. Possibilitando ao profissional da informação identificar quais as normativas e critérios de adoção de regras para se elaborar uma padronização de campos das fichas catalográficas conforme a necessidade de descrição e recuperação de informação do museu.

Logo, a finalidade da pesquisa apresentou a proposta teórica por meio da Ciência da Informação e do conceito da teoria da Organização do Conhecimento e as relações interdisciplinares entre os campos da Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação por meios de relações teóricas, de trabalhos e pesquisas que envolvam o tratamento da documentação museológica em museus visando a catalogação da informação em museus.

A adoção da ficha catalográfica para realizar a comparação com a *etiqueta de informação do objeto* é justificada por ser um instrumento utilizado em bibliotecas e em outros museus a ficha é um instrumento chave para organização geral de dados e informações referentes às coleções e acervos que auxilia tanto na representação descritiva quanto temática. Contudo, esta pesquisa adotou um modelo de ficha com os possíveis campos a serem preenchidos, por isso, em algumas representações apresenta campos com as seguintes informações: *não se aplica*. Entretanto, fica como sugestão e proposta de pesquisas futuras a realização de planilhas com campos de dados próprios a cada categoria de catalogação de um objeto museológico.

A sugestão acima pode entrar na criação de política de documentação museológica em museus, visto que durante o desenvolvimento e construção do modelo de ficha a serem aplicados nas categorias de análise se houve dificuldade no estabelecimento de padrões e normas sem alguma ferramenta direcionada a necessidade do tratamento informacional nos museus. Isso garantirá à instituição a salvaguarda da informação na documentação museológica e a padronização de informações, porém essa sugestão dependerá muito de um técnico de nível superior ou de uma equipe multidisciplinar que possa atuar com habilidades e competências nesta área.

Um dos grandes desafios dessa pesquisa foi justamente encontrar subsídios teóricos e metodológicos entre as áreas que permitissem esse olhar individualizado acerca do objeto para o ato descrever um item museológico. O emprego de normativas, regras e diretrizes é justamente pensando no comprometimento e na responsabilidade do catalogador quando for realizar a representação temática ou descritiva do objeto ou documento para uma comunidade ou sociedade pensando no alcance e acesso da informação ao público que o objeto ou documento do museu comprometendo a finalidade do bem na coleção.

Fica a proposta de pesquisa para projetos futuros que se reflita acerca de novos horizontes e discussões necessárias e emergentes acerca da organização e representação do conhecimento na documentação museológica, principalmente, na região amazônica que contém museus com coleções voltadas para as artes, objetos históricos, coleções botânicas, coleções entomológicas, documentos de pesquisa e entre outros.

Visto que na região Amazônica há iniciativas que visa a questão da seguridade de patrimônio, identidade e memória não só pelo espaço tradicional dos museus por instituições e sim das comunidades tradicionais que aqui residem. Pensando em democratização do acesso ao acervo dos museus da região como das demais por meio de uma visão cultural, de pesquisa, de memória através objetos e documentos de pesquisa que sirvam de subsídio para os órgãos de pesquisa e para a comunidade que tenham interesse pelo conhecimento produzido e registrado pelos museus e coleções existentes no estado do Pará.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; OLIVEIRA, Murana Arenillas (Orgs.).

Museus indígenas e quilombolas: centro de ciências e saberes. Manaus: UEA

Edições/ PNCSA, 2017. Disponível em:

<http://novacartografiasocial.com.br/download/museus-indigenas-e-quilombolas-centro-de-ciencias-e-saberes/>. Acesso em: 22 de jan. 2024.

ARAÚJO, C. A. Á. Museologia: correntes teóricas e consolidação científica. **Revista**

Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio: PPG-

PMUS Unirio, MAST, v. 5, n. 2, 2012. Disponível em:

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/159/199> Acesso em: 04 jul. 2023.

ARAÚJO, C. A. Á. Ciência da informação como campo integrador para as áreas de

biblioteconomia, arquivologia e museologia. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 173 -

189, jul./jun. 2010. DOI: 10.5433/1981-8920.2010v15n1p173 Acesso em: 04 jul. 2023.

ARAÚJO, C. A. Á. Enc. Ciência da informação, biblioteconomia, arquivologia e

museologia: relações institucionais e teóricas. **Enc. Bibli:** R. Eletr. Bibliotecon. Ci.

Inf., Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, 2011. Disponível em:

https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/09/pdf_e9d23645f2_0018712.pdf. Acesso em: 04 jul. 2023.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU CASA DE PORTINARI.

Documentação e conservação de acervos museológicos: Diretrizes. São Paulo:

Brodowski, 2010. Disponível em:

https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao_Conservacao_Acervos_Museologicos.pdf. Acesso em: 04 jul. 2023.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E FOMENTA AGRÍCOLA DE TOMÉ-AÇU. **Museu da**

imigração japonesa em Tomé-Açu. Tomé-Açu, 10 de nov. de 2021. Facebook:

ACTA. 22 de jan. 2024.

BARITÉ, M. et. al. **Diccionario de Organización del Conocimiento** : Clasificación,

Indización, Terminología. 6.ed. corregida y aumentada. Montevideo: csic, 2015.

Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=Kx1Sv-0AAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em: 07 jul. 2023.

BRANDÃO, C. R.; LANDIM, M. I. Museus: o que são e para que servem?/n: Sistema

Estadual de Museus de São Paulo (Org.). **Museus:** o que são, para que servem?

Brodowski (S.P): ACAM Portinari ; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.

São Paulo, 2011. (Coleção Museu Aberto).

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. **Organização da Informação ou Organização do**

Conhecimento? Comunicação oral apresentada no IX Enancib. USP, São Paulo,

2008. Disponível em: 1835 - Organização da Informação ou Organização do

Conhecimento (ihmc.us). Acesso em: 04 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências**, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso: 14 de nov. de 2023.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. **Museus do Brasil: Museus BR**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/os-museus/museus-do-brasil/museus-do-brasil>. Acesso em: 03 jul. 2023.

BRAZ, M. I.; BRAZ, M. I. **Organização da informação e do conhecimento: recursos para preservação da memória em curadoria digital e e-science** [2015?] Disponível em: http://www.liber.ufpe.br/home/wp-content/uploads/2016/09/27-Organizacao-da-informacao-e-do-conhecimento_Braz.pdf Acesso em: 28 out. 2023. BOCCATO, V. R.; FUJITA, M. S. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos BAD 2**. (s. l.): (s. n.), 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5506146/mod_resource/content/3/BOCCATO_DiscutindoFotografias.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.

BRITTO, C. C (org.). **Os museus e o campo da informação: processos museais, museologia e ciência da informação**. São Paulo: Abecin Editora, 2023.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968. (Tradução Livre). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2532327/mod_resource/content/1/Oque%3%A9CI.pdf

BOTTALLO, M. A informação no museu. In: SEMINÁRIO SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS, 1, 2011, São Paulo. **Seminário**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011. p. 147-156. Disponível em: <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/bases/biblioteca/322805.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

BUCKLAND, M. K. Information as Thing. **Journal of the American Society for Information Science (1986-1998)**. Jun. 42, 5; ABI/INFORM Global, 1991. Disponível em: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199106\)42:5<351::AID-ASI5>3.0.CO;2-3](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5<351::AID-ASI5>3.0.CO;2-3). Acesso em: 28 out. 2023.

CÂNDIDO, M. I. Documentação museológica. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006. Segunda Edição p.10-92. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_diretrizes_museologicas_2a_edicao.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.

CAIXETA, M.; SOUZA, R. R. Representação do conhecimento: história, sentimento e percepção. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 34 - 55, jul. / dez, 2008. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1815> Acesso em: 25 de out. de 2023.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Catalogação**: ficha catalográfica. (2024?). Disponível em: <https://www.cbiservicos.org.br/catalogacao/voce-sabe-o-que-e-catalogacao/>. Acesso em: 22 de jan. 2024.

CARVALHO, R. A. **A análise de assunto no contexto museológico**: aplicação do protocolo verbal individual em museus da UFPA e no MPEG. 2022. 134 f. Orientadora: Prof^a. Dra. Franciele Marques Redigolo. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Belém, 2022.

CARVALHO, R.; FONSECA, L. D. P. A.; REDIGOLO, F. M. Diálogo sobre indexação na Biblioteconomia e Museologia.

Informação em Pauta, Fortaleza, v. 6, p. 1-24, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.36517/2525-3468.ip.v6i00.2021.61322.1>. Acesso em: 22 de jan. 2024.

CASTRO, A.L.S. [et al]. Informação museológica: uma proposição teórica a partir da ciência da informação. *In*: PINHEIRO, L.V.R. **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1999.

CERAVOLO, S.M.; TÁLAMO, M.F.G.M. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, v. 10, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2000.109390>. Acesso em: 09 ago. 2023.

CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, VIII, 2007, Salvador. **Comunicação oral**. Salvador, 2007, p. 1-10. Disponível: GT 2 – Organização e representação do conhecimento (ufop.br). Acesso em: 15 de maio de 2023.

CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO 2. 2 ed. rev. São Paulo: FEBAB/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. Disponível em: Acesso em: <https://www.bing.com/search?q=c%C3%B3digo+de+cataloga%C3%A7%C3%A3o+anglo-americano+pdf&q=UT&pq=c%C3%B3digo+de+cataloga%C3%A7%C3%A3o+anglo-americano+&sk=HS1UT1&sc=10-38&cvid=E725F64CC09F4CCABF5F21653AD5BA9C&FORM=QBRE&sp=3&ghc=1&lq=0#>. Acesso em: 22 de jan. 2024.

COMITÉ INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO. Conselho Internacional de Museus. **Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos**: categorias de informação do CIDOC. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://cidoc.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/6/2020/03/CIDOC-Declaracao-de-principios.pdf>. Acesso em: 25 de out. de 2023.

CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 8, 2019, Lisboa. Moresi *et al*. Organização e representação de conhecimento: incrementos metodológicos e tecnológicos para o mapeamento conceitual. p. 269 - 278. Disponível em: Livro de Atas do 8.º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa: 16 a 19 de junho 2019 - Dialnet (unirioja.es). Acesso em: 22 de jan. 2024.

CUNHA, M.B.; CAVALCANTI, C.R.O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113> Acesso em: 03 jul. 2023.

CURY, M. X. Museus em transição *In*: Sistema Estadual de Museus de São Paulo (Org.). **Museus: o que são, para que servem?** Brodowski (S.P): Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011. (Coleção Museu Aberto).

DAHLBERG, I.: Knowledge organization: Its scope and possibilities. **Knowl.Org.** v. 20, n.4, p. 211-222, 1993. Disponível em: https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-1993-4-211.pdf?download_full_pdf=1. Acesso em: 18 jan. 2024.

DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. (ed.) **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: https://icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em: 04 jul. 2023.

DINIZ, J. V. C. D. **A indexação de fotografias no arquivo pessoal Edson Diniz sobre o grupo Thenetehara-Guajajara**. 2021. 146 f. Orientadora: Profª. Dra. Franciele Marques Redigolo. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Belém, 2021.

DISARÓ, S. T.; SEDOR, F. A. Museus: origem, conceitos e atribuições. *In*: MARINONI, L; DIAS, M. L. M.; DISARÓ, S. T. (org.) **Museu de História Natural da UFPR: conceito e concepção**. Curitiba: Hori Consultoria, 2017. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/46665>. Acesso em: 28 out. 2023.

FERREZ, H. D. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. Cadernos de Ensaio: estudos de Museologia, Rio de Janeiro, n. 2, p. 65-74, 1994.

FERREZ, H. D. **Tesouro de objeto do patrimônio cultural nos objetos brasileiros**. Rio de Janeiro: Fazer arte, 2016.

FUNARTE. **Manual para catalogação de documentos fotográficos**. Versão preliminar. 2 ed. Rio de Janeiro : FUNARTE : Fundação Biblioteca Nacional, 1996.

GALVÃO, G. K. A; BERNARDES, D. A. M. A . A organização da informação como instrumento de preservação e acesso ao Museu Virtual da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** (PPG-PMUS Unirio | MAST), v. 4, n. 2, 2021. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/issue/view/12/showToc>. Acesso em: 22 de jan. 2024.

GÓMEZ, M. N. G.. A documentação e o neodocumentalismo. *In*: CRIPPA, G.; MOSTAFA, S. P. **Ciência da informação e documentação**. Campinas, SP: Alínea, 2011.

GUARNIERI, W. R. C. Projeto: Museologia & Documentação/Informação, 1986. *In*: CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS; Pinacoteca do estado (SP). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2010. 1 v

GUARNIERI, W. R. C. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990. *In*: **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: reflexos de uma trajetória profissional**. [S.l.]: ICOM (ICOFOM), 2010?.

GUARNIERI, W. R. C. O Objeto da Museologia. *In*: CARVALHO, Luciana Menezes de; ESCUDERO, Sandra (ed.) **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri 3**. [S.l.]: ICOM (ICOFOM), 2020.

GUARNIERI, W. R. C. Museologia e museu, 1979. *In*: BRUNO, M. C. de O; ARAÚJO, M. M.; COUTINHO, M. I. L. (Colab.); CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS; PINACOTECA DO ESTADO (SP). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2010. 2 v. ISBN 9788599117590 (enc.)

GUARNIERI, W. R. C. A interdisciplinaridade em Museologia, 1981. *In*: **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: reflexos de uma trajetória profissional**. [S.l.]: ICOM (ICOFOM), 2010?.

GUINCHAT, C. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1994.

HIDER, P. As origens terminológicas e disciplinares da organização da informação e do conhecimento. **Educação para a Informação** v. 34. n. 2, p 135-61, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3233/EFI-180165>. Acesso em: 08 jul. 2023.

HJØRLAND, B. Organização do conhecimento. **Organização do Conhecimento**. v. 43, n. 6, p. 475-484, 2016. Disponível em: https://www.isko.org/cyclo/knowledge_organization.htm. Acesso em: 08 jul. 2023.

HJØRLAND, B. **Library and information science (IEKO)**, 2017. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/lis>. Acesso em: 7 set. 2023.

HOMMA, A. K. O. **A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola**. 2. ed. Brasília, DF: Embrapa, 2016.

IMIGRAÇÃO Japonesa: museus, histórias e depoimentos, 2021?. Disponível em: <https://www.imigracaojaponesa.com.br/index.php/museus/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**: Instituto Brasileiro de Museus. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

INSTITUTO INTERNACIONAL DE MUSEUS DE MUSEUS. **Nova definição de museus**, 2023. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em: 11 jun. 2023.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 221 p. (Série Logoteca).

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna : Via Litterarum, 2010.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

KRIPKA, R. M. L.; VIALI, L.; LAHM, R. A. Contribuições de Vannevar Bush para a ciência e a tecnologia, especialmente ao hipertexto. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, a. 8, v. 2, p. 55-68, 2º sem. 2016. Disponível em: periodicos.feevale.br. Acesso em: 11 jun. 2023.

LARA FILHO, D. Museu, objeto e informação. **Transinformação**, v. 21, n. 2, p. 163–170, maio, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/yTzcxHRfM8BZvG9jdmPL8Qc/abstract/?lang=pt#> 20 ago. 2023.

LE COADIC, Y-F. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet Livros, 1996.

LIMA, J. L. O.; ÁLVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. In: Álvares, L. **Organização da Informação e do Conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, 2012.

LIMA, G. N. B. O. **Organização do conhecimento: pesquisa e desenvolvimento**. (2015?), p. 670-687. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/135582>. Acesso em: 09 ago. 2023.

LOPES, M. M. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC/ UNB, 2009.

LOUVISI, V. P. **Organização da informação de coleções musealizadas**. 2014. 262 f. Dissertação (Mestrado), Curso de Ciência da Informação, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9UFNTM/1/dissertau00e7u00e3o_versu00e3o_pu00f3s_defesa_v1_1_____1_.pdf. Acesso em: 04 jul. 2023.

LOUREIRO, J. M. M.; LOUREIRO, M. L. N. M.; SILVA, S. D. Museus, informação e cultura material: o desafio da interdisciplinaridade. In: Encontro nacional de pesquisa e pós-graduação em ciência da informação, IX, 2008, São Paulo. **Comunicação oral**. São Paulo: Ancib, 2008. p. 1-9. Disponível em: tancib.fci.unb.br/index.php/gt-01/46-ix-enancib/gt-1-estudos-historicos-e-epistemologicos-da-ciencia-da-informacao/587-producao-ix-enancib. Acesso em: 04 jul. 2023.

MAIA, I. C. Pimenta-do-Reino. **Pensar bem viver**. 2021. Disponível em: <https://pensarbemviverbem.com.br/pimenta-do-reino/> Acesso em: 15 out. 2023.

MARTINS, C. et. al. O uso da informação nos museus. **BIBLOS**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 52–63, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5606>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MEY, E. S. A. Breve histórico dos catálogos e da catalogação. In: _____. **Introdução à catalogação**. Cap. 2, p. 12-35. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

MEY, E. S. A. **Não brigue com a catalogação!** Brasília: Briquet de Lemos, 2003.

MOTTA, D. F. da. **Tesouro de cultura material dos índios no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, FUNAI, 2014.

OLIVEIRA, G. O museu como um instrumento de reflexão social. **MIDAS: Museus e estudos interdisciplinares**, v. 2, 2013, Varia. Edição aelectrónica. DOI: 10.4000/midas.222. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/222>. Acesso em: 04 jul. 2023.

OTLET, P. (1868–1944). Tratado de documentação: o livro sobre o livro teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003043331.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2023.

PADILHA, R. C. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Florianópolis: FCC, 2014a. (Coleção Estudos Museológicos, v.2) Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/176535>. Acesso em: 05 jun. 2023.

PADILHA, R C. **O museu como espaço de pesquisa**: proposta para descrição do acervo fotográfico histórico, 2014b. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/176535>. Acesso em: 05 jun. 2023.

PAULA, J. X.; SILVA, E. C. L. **A relação da ciência da informação com a informação museológica**. In: Encontro nacional de pesquisa em ciência da informação, XX, 2019, Florianópolis, Organização e Representação do Conhecimento, pg. 1-9. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/viewFile/1243/819>. Acesso em: 05 jun. 2023.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v24i1.609>

PINHEIRO, L. V. R. Campo interdisciplinar da ciência da informação: fronteira remotas e recentes. In: CASTRO, A L. S. de [et al.]. **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1999.

PINHEIRO, L. V. R. Mutações na ciência da informação e reflexos nas mandalas interdisciplinares. **Informação & Sociedade**, [S. l.], v. 28, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43317>. Acesso em: 16 jul. 2024.

PINHEIRO, L. V. R. Informação: esse obscuro objeto da Ciência da Informação. **Morpheus**: Revista Eletrônica em Ciências Humanas, v.2,n.4, 2004. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/31>. Acesso em: 09 ago. 2023.

PINHEIRO, L. V. R. Confluências Interdisciplinares entre Ciência da Informação e Museologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2012. DOI: 10.26512/museologia.v1i1.12343. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/12343>. Acesso em: 20 ago. 2023.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2006. DOI: 10.18617/liinc.v1i1.186. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3082>. Acesso em: 5 mar. 2024.

POMIAN, K. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. v. 1 (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2897806/mod_resource/content/1/Pomian%20%281984b%29.pdf. Acesso em: 06 nov. 2023.

REIS, M. **Análise do tratamento da informação do museu do instituto histórico e geográfico do Pará**. Orientador: Roberto Lopes dos Santos Júnior. 2020, 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Pará Catarina, Belém, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/14169/1/MATEUS_DA_SILVA_REIS_-_Dissertao.pdf. Acesso em: 24 set. 2023.

SAMPAIO, D. A.; OLIVEIRA, B. M. J. F. Memória, museus e ciência da informação: uma perspectiva interdisciplinar, **Biblos**, n. 52, 2013. DOI 10.5195/biblos.2013. Disponível em: <http://biblos.pitt.edu>. Acesso: 14 de nov. de 2023.

SANTOS, R. F.; NEVES, D. A. B.; SOUZA, E. D. A Organização do Conhecimento como domínio de estudo da Ciência da Informação: uma reflexão a partir dos aspectos epistemológicos. **Organização do Conhecimento responsável: promovendo sociedades democráticas e inclusivas**, 2019. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/123254>. Acesso: 14 de nov. de 2023.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_fd9fd572cc_0011621.pdf. Acesso em: 14 de ago. 2023.

SILVA, M. P. F da; LISBOA, P. F. Histórias sobre coisas e pessoas: Coleção e colecionismo em Krzysztof Pomian e Jean Baudrillard. In: CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA & IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE, 4, 2014, Aracaju, O CINQUENTENÁRIO DO GOLPE DE 64, out., 2014.

Disponível em: <https://www.encontro2014.se.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 22 de nov. 2023.

SILVA, A. F.; PORPORA, B. C. O objeto de museu como um documento. **MOUSEION**. Canoas, n. 39, nov. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/mouseion.v0i39.8600>. Acesso em: 14 de ago. 2023.

SILVA, J. L. C. Múltiplas relações entre arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação. **ConCi: Conv. Ciênc. Inform.**, São Cristovão/SE, v. 1, n. 3, p. 3-32, set./dez. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/110294>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SILVA NETO, F. R. **Os japoneses no Pará**: um estudo sobre a formação de identidades. Orientador: Diana Antonaz. 2007, 111 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5275>. Acesso em: 05 nov. 2023.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE MUSEUS DE IMIGRAÇÃO, 1, 2020. São Paulo. **Anais (...)** São Paulo: Narrativa Um, 2022. Disponível em: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://www.bunkyo.org.br/wp-content/uploads/2022/07/Livro-Simposio-Museus.pdf>. Acesso em: 11 de nov. de 2023.

SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 29-36, jul. 1996. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5564686/mod_resource/content/1/smitv2n2%20Indexa%C3%A7%C3%A3o%20de%20fotografias%20%2812%29.pdf. Acesso em: 26 mar. de 2024.

SOUSA, S. G. A de; WANDELLI, E. V.; ARAÚJO, M. I. de. Sistemas agroflorestais para agricultura familiar. Manaus, AM: EMBRAPA, 2019. (Comunicado Técnico, 140). Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/212843/1/ComTec140.PDF>. Acesso em: 26 mar. de 2024.

SOUZA, M. P. N. Abordagem inter e transdisciplinar. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **Para entender ciência da informação**. Salvador: Edufba, 2012. Cap. 4. Disponível em: **Para entender a Ciência da Informação**. Acesso em: 14 de ago. 2023

VASCONCELLOS, C. M; FUNARI, P. P. F, CARVALHO, A. C. **Museus e identidades na América Latina**. São Paulo: Annablume Editora, 2015.

TANUS, G. F. de S.; RENAULT, L. V.; ARAÚJO, C. A. Ávila. O conceito de documento na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 158–174, 2013. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/220>. Acesso em: 3 jun. 2024.

VIEIRA, T. **O que é uma ficha catalográfica?** (2023). Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-e-como-fazer-uma-ficha-catalografica/>

YASSUDA, S. N. **Documentação museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. Orientador: Eduardo Ismael Murguia. 2009, 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf. Acesso em: 05 nov. 2023.